



Lua Azul

E A TERRA PARALELA



Leca Haine



LUA AZUL
e a Terra Paralela

Leca Haine

Brasília, DF

2016

As incertezas

As ameaças

O desabafo

O perdão

A formatura

Em Constantyna

O castelo

A salvação

A coroação

As incertezas

Zelda!...

A professora percebeu que a aluna estava aérea desde o início da aula.

– Atenção, Zelda Maria Silva Sales de Mendonça!

– Hã?

– Posso saber em que a senhorita está pensando?

– No Pedro, professora – adiantou-se a amiga.

– Cala a boca, Cissy! – Só então a garota de grandes olhos castanhos percebeu pelos restos de plástico na boca, que vinha mordendo a ponta da esferográfica há muito tempo.

– Zelda, isso não pode continuar. Você não parou um minuto para prestar atenção – disse a professora de redação enquanto a menina dava um jeito de cuspir as pequenas farpas transparentes.

– Ah, tá. Desculpa Camila. É que eu estava pensando em outra coisa.

– Eu pude perceber. Aliás, isso vem acontecendo há vários dias. Você está dispersa. Não adianta reclamar depois se tiver notas baixas.

Cíntia não se conteve:

– Pensando em outra coisa ou em alguém? Senhorita certinha, a Camila vai te fritar.

– Não enche Cissy. Todo mundo vai ouvir – sussurrou olhando para frente a fim de não chamar mais ainda a atenção da professora.

Em minutos, a campainha anunciou a hora da saída e Zelda sequer percebeu.

– Ei, bela adormecida sonhadora. É hora de ir pra casa – zombou Cissy, na verdade Cíntia, a melhor amiga de Zelda.

A garota ignorou a brincadeira. Estava tão feliz que não se importava com nada naquele momento. Guardou o caderno praticamente sem ter escrito nada e o resto da caneta mordida na mochila jeans, com a maior calma do mundo. Seguiu a amiga sem se concentrar no que ela falava, o que fez com que Cíntia ficasse zangada.

Zelda completou 16 anos na semana anterior e o melhor presente que recebeu foi o beijo de Pedro, um garoto do terceiro ano que ela gostava desde quando ele chegou ao colégio, vindo de outra cidade de São Paulo para Constantina, há dois anos. Eles estavam na praça central e Zelda ficou muda de emoção depois de sentir o contato leve dos lábios dele sobre os seus. Foi um beijo carinhoso e longo, o primeiro de sua vida e muito melhor do que a garota havia imaginado, com o único problema que suas pernas tremiam tanto que ela teve medo de cair sentada no gramado. Em seguida, Pedro a olhou dentro dos olhos e ela viu o quanto ele também queria estar ali naquele momento.

Simplesmente não tinha como transmitir todo aquele sentimento de emoção e alegria, com algumas pitadas de “medo de que tudo se acabe” para a amiga e Cíntia não se conformava com isso. Queria saber de tudo, nos mínimos detalhes, coisa que Zelda não conseguia falar, até porque achava que tinha sido um momento íntimo, só deles, e se contasse tudo a quem quer que fosse, estaria traindo a confiança do garoto. Na verdade, o peito até doía quando ela relembrava o aperto carinhoso que ele deu em suas mãos assim que parou de frente a ela e disse que era a sua garota. Depois, aconteceu o beijo, o primeiro e certamente o mais lindo de sua vida.

Agora, caminhando ao lado de Cíntia, tudo o que conseguiu distinguir foi mais uma vez o apelo da amiga.

– Ah, me fala Zelda, conta o que o Pedro te disse quando deu aquele beijaço?

Achei tudo tão lindo!

– Já te disse Cissy. Ele falou que esperou o dia do meu aniversário para se declarar, mas estava de olho em mim há bastante tempo.

Zelda sorriu porque, na verdade, sabia que Pedro era um garoto especial, diferente dos que só queriam curtir e depois sair falando mal das meninas. E ela estava muito feliz por isso.

– Queria tanto que acontecesse comigo... – Disse Cíntia antes de começar a rodopiar abraçada aos cadernos: – E depois, foram embora de mãos dadas e ele abriu o portão da sua casa para você passar. Que romântico!

– Deixa de ser boba... lá vem você de novo falando a mesma coisa...

– E como não? Você, a minha melhor amiga, descolou o garoto mais bonito e mais legal do colégio e eu não posso comemorar? Como é que você pode ficar nessa calma? Se fosse comigo, com certeza eu morreria...

– Calma, a gente só se beijou. Do jeito que você fala, parece que ele me pediu em casamento.

– Hello! Pedro esperou pelo seu aniversário para se declarar, lembra?

– Isso não quer dizer nada.

– Quer dizer que no mínimo ele é o seu “ficante oficial”.

– “Ficante oficial”? Só você mesmo Cissy.

– “Ficante oficial” sim senhora! É quase namorado, apenas um degrau a menos.

– Nem sei se a gente vai namorar, acho que você tá pirando de vez.

– Não senhora! Sei que não é um compromisso de aliança e tudo mais. Mas começa assim. Primeiro o beijo, depois levar em casa de mãos dadas, depois sentar no sofá da casa da garota, finalmente, namoro sério e...

– Ei, calma aí mocinha, quem disse que eu quero alguma coisa mais séria? Tenho 16 anos, lembra-se?

– Porém, nada impede um casório daqui a algum tempo.

– Casório? Você tá maluca mesmo, Cissy.

As duas meninas estavam no fim da rua e quando viraram a esquina, por coincidência avistaram Pedro no posto de gasolina abastecendo o carro do pai. Zelda sentiu o coração bater mais forte. Com 18 anos recém-completados e já com carteira de motorista, o pai passou a deixar que o filho dirigisse.

– Olha lá! – Cutucou Cíntia.

– Já vi! Não precisa gritar.

– Vai lá falar com ele.

– Claro que não. Tem uma pessoa dentro do carro com ele. Deve ser o pai.

– Bobeira. É até melhor porque aí você aproveita e se apresenta para o seu sogro... então, pelo menos manda uma mensagem!

– Você é muito doida. Estou sem bateria – mentiu puxando a amiga pela manga e entrando numa rua antes do posto. Era o caminho que dava acesso à casa de Cíntia e elas se despediram ali mesmo, enquanto Zelda prolongou o trajeto para não ter que cruzar novamente com Pedro. Chegou em casa ofegante e aborrecida consigo mesma porque achou que deveria ter seguido o conselho da amiga e ido falar com ele. Mas agora era tarde e o melhor era esperar até o dia seguinte para encontrá-lo.

A casa de Zelda não era muito grande, porém, confortável. A decoração ainda era a que a mãe havia feito antes de morrer e por isso praticamente havia um acordo de que quase nada deveria ser modificado. Com três quartos, sala e cozinha americana e um banheiro social e outro de empregada, tinha um jardim florido na área da frente. O jardim bem cuidado era uma das lembranças mais fortes que o marido tinha da esposa Eunice, que amava flores.

O pai, Ângelo, cuidava pessoalmente do pequeno gramado e das flores nos fins de semana, e mais tarde ficava sentado na varanda apreciando o trabalho feito ao longo do dia. Fora isso, a ocupação do marido de Eunice era cuidar das filhas Zelda, a mais velha, de 16 anos, e Selena, a caçula, de 14, além de trabalhar arduamente em dois turnos como bibliotecário.

A varanda também era o local preferido de Zelda, onde adorava ficar lendo nos fins de tarde sempre que tinha tempo.

– Cansada filhota? Perguntou Ângelo jogando-se a seu lado no sofá da sala.

– Um pouco. Odeio acordar cedo. Por que não criam tipo um horário intermediário? As aulas poderiam começar as dez e terminar as três. Depois, todo mundo ia para casa feliz, fazer as coisas que tinha que fazer e pronto.

– Ah é? E os professores então, que mal conseguem sobreviver, seriam obrigados a ter somente um emprego porque não seria possível trabalhar em dois turnos.

– Todos os professores teriam que ganhar bem, em um turno só, isso sim.

– Concordo – disse o pai assinalando com a cabeça – porém não é bem isso o que acontece.

– Sim, eu sei. Mas é injusto. São os professores que formam todas as profissões. O justo é que eles ganhem muito bem.

– Também acho filha, aliás, os bibliotecários também deveriam ganhar muito bem, você não acha? – disse ele sorrindo e se levantando para pegar um copo com água.

Desde que a esposa Eunice morreu logo após o parto de Selena, Ângelo fazia questão de almoçar com elas todos os dias. Os cuidados com a limpeza da casa ficavam a cargo de Carminda, que trabalhava para a família há vários anos. Quando eram pequenas, a mãe de Eunice, Diana, também ajudava a cuidar delas. Agora que estavam adolescentes, a avó passou a viajar e a se divertir bastante, mas visitava as netas sempre que podia.

Pai e filha esperavam Carminda terminar de preparar o almoço quando Selena apareceu soprando as unhas recém-pintadas. Os muitos bobes na cabeça e a camada grossa de uma pasta branca no rosto faziam com que parecesse mais um ET do que uma garota de 14 anos.

– Selena, o que é isso? – Ângelo ficou nervoso, pois era mais uma das muitas peripécias da filha em busca de uma beleza perfeita. Muitas reações alérgicas já tinham ocorrido, inclusive com idas de emergência ao hospital devido à mania da filha em encontrar novas fórmulas de beleza.

– Ah, paizinho, é pasta de arroz com óleo de amêndoas. Todas as minhas amigas estão usando para rejuvenescer a pele.

– E desde quando uma menina de 14 anos precisa rejuvenescer a pele, dona Selena? Onde foi que você encontrou esse negócio?

– Eu pedi pra Minda juntar a água do arroz para mim. Depois foi só coar e juntar ao óleo.

– Eu disse a ela que podia fazer mal, seu Ângelo, mas o senhor sabe que essa menina não me ouve, se fosse a Zeldinha, com certeza ia me obedecer. Mas, a Selena, o senhor sabe como é – atalhou Carminda.

– Obrigada por me entregar viu Minda?

– Ah, meu bem. É que se fizer mal, você pode ficar com a cara cheia de feridas, como da outra vez em que esfregou limão com açúcar no rosto.

– Isso só aconteceu porque eu esfreguei com muita força.

– Não sei, só sei que eu não sou responsável por nada disso. Que isso fique bem claro, seu Ângelo.

– Não se preocupe, Minda, eu conheço a Selena – tranquilizou o patrão que já conhecia a filha o suficiente para saber que o céu era o limite para ela em busca da beleza, na verdade, manutenção, pois em sua opinião a filha já era muito bonita.

– Você acha, paizinho, que posso ficar com o rosto cheio de feridas? – disse

preocupada apalpando a pele.

– Não sei, filha, mas com a saúde não se brinca. O problema é que você vive inventando fórmulas milagrosas para ficar mais bonita. Você já é linda do jeito que é.

– Está bem, vou tirar a máscara – disse correndo para o banheiro sem prestar atenção no elogio.

Carmina continuava preocupada com a opinião de Ângelo a respeito do cuidado que tinha com Selena, que parecia não surtir qualquer efeito junto à menina.

– Eu já cansei de falar e ela também não me dá ouvidos, Mina. O dia em que essa menina tiver uma alergia daquelas e ficar com a face marcada vai parar com essas experiências malucas. Só assim para ela aprender.

Carmina gostava de trabalhar na casa de Ângelo porque o patrão era compreensivo e permitia que ela tivesse um horário flexível que permitisse faltar ou chegar atrasada para poder cuidar de Dino. O filho nasceu com uma deficiência mental leve e precisava de cuidados e acompanhamento constante. Além disso, ela tinha ajudado a criar as meninas e as amava como se fossem filhas. Zelda e Selena também gostavam muito dela e consideravam Dino como o irmão que não tiveram.

Mesmo Selena, com jeitinho de “madame que nasceu para ser servida”, era carinhosa com o garoto. Já Zelda, era a preferida de Carmina pela meiguice e docilidade. Além disso, era solícita e estava sempre disposta a ajudar. A rotina da menina quando era mais nova era ir à escola e depois cuidar de Dino enquanto a mãe dele trabalhava. Depois de fazer a lição e depois que Carmina ia embora, cuidava da irmã até o pai chegar à noite. Ele, por sua vez, sentia-se culpado por chegar tarde, mas as horas extras eram importantes e aumentavam o orçamento da família.

Com o passar dos anos, as duas irmãs passaram a apresentar gostos bem diferentes. Enquanto Zelda adotava um estilo de roupa despojado com calça jeans, camiseta e casaco de moletom vermelho com tênis, Selena adorava as roupas de marca que ganhava de presente da avó, assim como também os

perfumes e maquiagens que lotavam o armário do quarto.

A filha mais nova de Ângelo era parecida com Diana até mesmo fisicamente. Tinha os mesmos olhos verdes e o cabelo loiro enquanto a irmã era morena clara, com os cabelos castanhos e olhos da mesma cor, muito mais parecida com a mãe.

– Quero ser como você, vovó – dizia Selenia desde pequena, enchendo Diana de orgulho, enquanto experimentavam novos cremes, perfumes e maquiagens.

Tanta vaidade preocupava Ângelo, que não via a filha mais nova ter o mesmo interesse pelos estudos. Ultimamente, devido aos baixos resultados obtidos nas provas, Selenia fora posta de castigo e não podia usar o celular e nem sair de casa, exceto para ir à escola. Mesmo assim, na volta teria que passar a tarde estudando. Zelda, por sua vez, era bastante estudiosa e suas notas sempre eram as melhores em todas as séries.

A família almoçou arroz branco com salada de grão de bico, verduras e almôndegas, mas Zelda mal tocou na comida porque só conseguia pensar em Pedro.

– Não sei onde essas meninas vão parar, seu Ângelo. Ninguém mais come nessa casa – queixou-se Carminda enquanto retirava os pratos.

– Não se preocupe, Minda. Pode deixar que eu preparo um lanche mais tarde para elas.

– Lanche, salada... O que elas precisam é de arroz com feijão!

Ângelo sorriu compreensivo e ficou tranquilo, sabia que as filhas se alimentavam bem comendo fibras, vegetais e proteínas. Doces e chocolates só entravam em casa nos fins de semana. Leu o jornal no sofá, como sempre fazia antes de voltar ao trabalho e depois, também como sempre, cochilou durante alguns minutos e acordou em cima da hora. Escovou os dentes e estava de saída quando Carminda lembrou-se de que havia encontrado um envelope sem remetente na caixa do correio.

– Deve ser alguma conta. Deixa aí em cima da mesinha de centro que eu vejo mais tarde.

– O senhor é quem sabe, mas não parece conta de nada não – disse fazendo o que o patrão pediu.

– Está bem, eu olho mais tarde.

Era quase noite e Carminda estava se aprontando para ir embora, quando o telefone da sala tocou. Zelda foi correndo atender porque pensou que fosse Pedro, mas era o pai avisando que iria chegar ainda mais tarde. A situação se repetia sempre. O almoço era sagrado, mas à noite, Ângelo se esquecia da hora e chegava em casa bem mais tarde devido ao excesso de trabalho. Zelda não se incomodava porque estava acostumada a ficar com a irmã ou mesmo sozinha, nas vezes em que Selenia ia dormir na casa da avó, que morava no mesmo bairro.

Para os amigos, o fato de Ângelo trabalhar tanto era uma fuga porque não conseguia esquecer a morte da esposa. Ele negava e dizia que precisava trabalhar para conseguir sustentar a casa, mas nas poucas horas de lazer que tinha preferia ficar em casa lendo ou fazendo companhia para as garotas. Nunca saía para se divertir com alguém em especial.

Após o telefonema de Ângelo, Zelda jogou-se no sofá para assistir televisão abraçada à sua almofada preferida, de veludo cor de vinho. Consultou mais uma vez o celular e viu que não havia nenhuma mensagem e muito menos uma chamada de Pedro. Apenas as amigas do colégio queriam marcar uma festa do pijama, que ela havia decidido não ir desde a semana anterior. Começou a jogar a almofada para cima e depois aparar, como sempre fazia, quando percebeu o envelope que Carminda havia deixado sobre a mesinha. O papel era azul claro translúcido, suave ao toque e diferente dos papéis que conhecia. Na parte de cima, à esquerda, havia um brasão em relevo com um símbolo que ela também nunca vira antes, contornando o nome Constantyna. O endereço escrito no envelope não deixava dúvidas que a carta era para aquela casa mesmo.

– Que esquisito, Constantyna com “y” e não com “i” – pensou ao verificar o “erro”.

A garota achou o papel bonito e quis abrir, mas teve receio porque foi criada sabendo que não poderia abrir uma carta que não fosse sua. Por outro lado, não havia nem remetente e nem destinatário, ou seja, o conteúdo poderia ter sido endereçado a qualquer pessoa da casa, inclusive ela mesma. Abriu a aba e puxou cuidadosamente o papel da mensagem. Era de uma textura bem fina, no mesmo tom azulado e ela teve muito cuidado para não rasgar. No alto da folha também havia o mesmo brasão do envelope e, logo em seguida, as seguintes palavras numa letra cursiva muito bonita:

“Se você é uma Sales

leia com atenção.

Mas se não for dessa família,

esqueça logo de primeira mão.

Antes que o Sol apareça

e depois que a madrugada

lhe enrijeça,

um sinal surgirá no céu

e, na praça dessa cidade,

lhe será descortinado o véu”.

O.D.

Zelda sorriu com os versos que considerou muito malfeitos e sem sentido e deixou o envelope onde estava. Somente mais tarde, depois de comer a sobra de um pavê de chocolate que Carmina havia deixado na geladeira, resolveu

reler o que estava escrito. Estava imaginando como aquela carta sem pé nem cabeça foi parar ali, quando percebeu uma mensagem de Cíntia, querendo saber as novidades. Conversaram sobre o colégio e é claro, sobre Pedro, a ponto dela se esquecer do tal envelope.

Mais tarde, foi chamar a irmã para comer um sanduíche de queijo derretido com presunto e beberem o achocolatado que Zelda preparou, quando encontrou Selenia deitada na cama estudando biologia com o fone de ouvido no último volume. Ela ia reclamar para que desligasse os fones, como o pai sempre queria, mas lembrou-se que também gostava de estudar ouvindo música. Além disso, apesar do sufoco com as notas baixas, a irmã sempre conseguia passar de ano.

– A Selenia é muito mais inteligente do que eu porque consegue ser aprovada sem quase pegar nos livros – disse ao pai num dia em que estavam conversando a respeito.

Ângelo negou dizendo que as duas eram igualmente inteligentes e que não tinha cabimento Zelda pensar que ficava aquém da inteligência da irmã. O fato de Ângelo ser tão cuidadoso com os sentimentos dela a comovia porque era uma forma de Zelda sentir-se amada e cuidada pelo pai.

– Parece que ela tem tudo pronto na cabeça, ao passo que eu tenho que ralar o tempo todo.

– E quem foi que disse que ralar é ruim? perguntou Ângelo abraçando-a. – Filha, o que nos chega de graça não tem valor. Gostoso é a gente batalhar e ver que os resultados surgem com o nosso esforço.

Ângelo sabia que as personalidades das filhas eram bem diferentes e as amava da mesma forma. A mais nova era ansiosa e queria tudo ao mesmo tempo, bem diferente da mais velha, que era ponderada e só tomava uma decisão após ouvir os diversos lados da história. O fato das duas filhas serem tão diferentes não o preocupava, muito pelo contrário, enchia-lhe de orgulho porque suas meninas sabiam tomar suas próprias decisões, cada uma a seu modo.

Mais tarde, quando o bibliotecário chegou em casa, encontrou Selenia

dormindo na sala com o fone no ouvido e a televisão ligada. Pegou a filha no colo e a levou para o quarto cobrindo-a com o edredom de bichinhos que tinha desde criança. Depois, foi até o quarto de Zelda, que também dormia tranquilamente. Ele fechou a porta devagar e em silêncio após ter dado um beijo carinhoso na filha.

No dia seguinte, depois do colégio, Zelda estava lavando as mãos para almoçar quando a campainha tocou. Era sua avó, que após ter ficado viúva, passava os dias com as amigas ou com a neta preferida no clube de tênis. Às vezes, gostava de viajar sozinha, sem definir exatamente o itinerário, depois voltava trazendo muitos presentes para as netas, especialmente para Selenia, que adorava tudo o que ganhava.

– Olá, minha querida, sua irmã está? – Disse beijando Zelda no rosto ao entrar em casa.

– Ela ainda não chegou da escola, vovó.

– Então vou esperar. A gente combinou de almoçar e depois fazer compras na cidade.

– O papai pôs a Selenia de castigo para ela estudar para as provas da semana que vem.

– Eu já falei com Ângelo, meu bem. Não se preocupe com isso.

Zelda sabia que Diana era muito convincente quando se tratava de defender Selenia e por isso não argumentou.

– A senhora não prefere almoçar com a gente?

– Nem pensar. Vamos a um restaurante macrobiótico maravilhoso que foi inaugurado na praça. O Horta Mil, já ouviu falar?

– É... o pessoal comentou alguma coisa na escola.

– Pois é. Estou doida pra conhecer. Dizem que tem uns sucos rejuvenescedores maravilhosos.

Selena chegou, foi correndo tirar o uniforme e se arrumar enquanto Diana ficou esperando na sala.

– E então, minha neta, como vão as coisas?

A menina falou sobre o colégio e a expectativa em passar de ano sem fazer as provas finais. Nesse meio tempo, Ângelo chegou e reforçou o convite para o almoço.

– Obrigada, meu genro. Fica pra outro dia. Temos algo muito importante a fazer, não é minha linda? – disse piscando para Selena, que deu um beijo no pai e saiu feliz da vida.

Era escancarada a predileção de Diana pela neta mais nova, fato que fazia Ângelo ficar contrariado porque sabia que isso deixava Zelda chateada.

– Sua avó insistiu muito e eu não tive como recusar... – disse tentando se desculpar. Na verdade, Zelda achava que o pai fechava os olhos para as “aprontações” da irmã, como se quisesse recompensá-la pela morte da mãe no dia em que tinha nascido.

– Não se preocupe papai. Está tudo bem – disse colocando as mãos em volta do pescoço de Ângelo, que estava sentado à mesa. – Além do mais, terei o meu paizinho só para mim durante o almoço.

Depois de comerem, Zelda puxou assunto.

– Sabe papai? Eu juro que não me incomodo com o fato da vovó gostar mais da Selena do que de mim. Eu sei que isso acontece porque as duas são muito parecidas em todos os sentidos. O que me chateia é essa história dela falar pra todo mundo que eu sou responsável e sei me cuidar sozinha. Também fica falando para as amigas que eu sou isso e sou aquilo, toda cheia de orgulho. Eu lembro que desde quando ainda era pequena, a vovó dizia que eu tinha que aprender a me cuidar, tomar as minhas próprias decisões, agir corretamente, essas coisas. Com a Selena, a vovó é completamente diferente. Ela sempre protegeu a minha irmã o tempo todo e não tem nada de expectativas e nem de cobranças. Acho que é porque eu sou a mais velha e isso não é justo.

– Liga não, filha. É o jeito da sua avó. No fundo ela ama as duas netas igualmente. Ela só não sabe como expressar isso.

Sentaram-se no sofá para conversar quando Ângelo teve a atenção voltada para o envelope. Após ler a mensagem, ficou visivelmente pálido. Guardou o papel dentro do bolso e ficou resmungando que tinha sido uma brincadeira de muito mau gosto, garantindo que iria proibir o carteiro de entregar aquele tipo de correspondência novamente.

– Papai, não foi entregue pelo correio. Não tem carimbo e nem selo... além disso, parece ser só uma brincadeira – disse a garota assustada com a reação do pai, que andava trêmulo de um lado para o outro.

– Ah, então você leu essa baboseira!

– Sim... só que eu... – ia dizer que leu, mas não tinha levado a sério, quando a reação do pai a surpreendeu:

– Zelda Maria Silva Sales de Mendonça, eu te proíbo de ler qualquer outra coisa parecida com isso aqui – disse apalpando o bolso da calça.

A filha não entendeu porque ele a havia chamado daquele jeito. Zelda era o nome o qual a chamava normalmente, Zelda Maria, quando estava um pouco zangado, e o nome completo, Zelda Maria Silva Sales de Mendonça, somente era usado quando ele estava com muita raiva ou muito decepcionado com alguma coisa que ela tinha feito. Como não fez nada de errado, deduziu que o bilhete mexeu muito mais com o pai do que ela havia imaginado.

Ângelo já havia saído para o trabalho, ainda muito contrariado, quando ela se jogou no sofá. Por mais que tentasse, não conseguiu controlar as lágrimas. Os motivos eram vários e um deles era o fato da avó demonstrar clara preferência por Selena, coisa que sempre a magoava bastante. Ainda tinha o fato de o pai ter gritado com ela sem razão, ao mesmo tempo em que deixou a irmã sair de casa mesmo estando de castigo, e o terceiro motivo, e mais cruel de todos, era que Pedro não a procurou depois do beijo no domingo. Na verdade, ele não telefonou e nem mandou mensagem e sequer foi ao colégio desde a semana anterior.

Com o peito apertado, a única coisa que ela conseguia fazer era ficar relembrando as palavras carinhosas que ele lhe disse enquanto caminhavam de mãos dadas na volta para casa no domingo. Assim que entraram na rua dela, ele sorriu com o fato de Zelda ficar envergonhada ajeitando os cabelos.

– Você está linda, não se preocupe, ele acrescentou antes de beijá-la novamente. Mais uma vez as pernas tremeram e mais uma vez ela queria que o tempo parasse, embora soubesse que o pai estava preocupado e era hora de voltar para casa.

Agora, três dias depois, ainda continuava deitada na sala, quando a campainha tocou. Zelda abriu a porta desanimada ao ver quem era, embora o rosto inchado demonstrasse que ela não estava nem um pouco interessada em receber visitas.

– Credo, amiga. Você está um lixo! – disse Cíntia reparando nas olheiras da amiga antes de entrar sem pedir licença.

– Obrigada, você sempre tem o poder de me animar – respondeu sarcástica.

– Ih, desculpa! Eu não queria te pôr pra baixo.

– Não precisa, eu já estou no chão. O mundo está cinza, não percebeu?

– Ele não fez contato?

– Como é que você sabe?

– Pelo seu estado, claro, e também... ah... deixa pra lá! Tem refri na geladeira?

– Não senhora! Agora você vai falar de qualquer jeito.

– Amiga, você não vai gostar de saber, porque o que eu vi é péssimo, aliás, é tétrico de tão péssimo!

– Deixa de enrolar e fala logo.

– Quando eu vinha pra cá, passei em frente àquele restaurante novo que

abriram, o Horta Mil. Sabe, um que só vende comida natureba?

– Sim eu sei. Minha avó foi lá hoje.

– Pois é. Quando eu passei, vi o Pedro sentado numa mesa conversando todo animado com uma menina muito gata.

Zelda deixou-se cair no sofá. – Foi, é?

– Sim. E o pior, o mastodonte de tudo ainda está por vir. Pode crer.

– Fala... anda... – disse Zelda ainda mais desanimada.

– Quem estava com ele toda confidente, falando tipo rostinho junto... era... você conhece muito bem... a sua irmã.

– A Selenia? Como assim? A Selenia não tá nem aí pra nenhum garoto. Ela ainda é muito criança...

– Pelo visto, sua irmã mudou de opinião e você não percebeu.

Como a amiga havia previsto, Zelda sentia-se ainda pior.

– E a minha avó, você viu ela?

– Não. Só vi os dois mesmo.

Cíntia queria continuar conversando, mas a mãe ligou dizendo que voltasse logo para casa a fim de estudar e Zelda ficou sozinha novamente. A diferença é que o humor piorou ainda mais e ela foi chorar embaixo do chuveiro, como sempre fazia quando estava muito triste. Chorou tudo o que podia relembrando a cena do primeiro beijo e tendo a certeza de que jamais esqueceria aquele momento.

Não tinha ideia do que poderia ter acontecido. Será que Pedro queria apenas brincar com os sentimentos dela? Mas o que ele ganharia com isso?

Quando saiu do banho, adormeceu enrolada na toalha e só acordou bem mais tarde, com um pouco de frio e o barulho do secador de cabelos da irmã vindo

do banheiro. Levantou-se e foi até ela.

– Nossa você está esquisita... – disse Selenia alisando os cabelos com a escova em uma mão e o secador na outra.

Zelda pegou um bobe de cabelo e começou a brincar com ele ao mesmo tempo em que perguntou como havia sido o almoço com a avó.

– Normal, disse Selenia, abaixando-se para pegar a caixa de grampos.

– E o restaurante é legal?

– É. Estava um pouco cheio. Mas é bem legal.

Zelda balbuciou qualquer coisa e saiu com o coração apertado. Se a irmã não comentou o fato de ter se encontrado com Pedro era sinal de que os dois poderiam estar mesmo tendo alguma coisa. No mínimo, estavam interessados um no outro. E se Pedro tivesse se aproximado dela somente para conquistar a irmã mais facilmente?

O coração batia acelerado e parecia que ia sair do peito. Ela odiava se sentir daquela forma, mas não tinha como diminuir a insegurança em relação à beleza da irmã. Desde pequena estava acostumada a ouvir elogios em relação ao quanto ela, Zelda, era a mais “simpática” das duas. Quando a infância ficou para trás e ambas cresceram, a diferença ficou ainda mais evidente porque onde as duas irmãs passavam os garotos só tinham olhos para o corpo esguio, a cintura fina e os cabelos dourados e lisos de Selenia enquanto ela, mais baixinha, passava completamente despercebida.

– Filha, você tem uma beleza diferente de sua irmã, mas as duas são muito lindas – dizia o pai quando ela reclamava da aparência, mas isso não a consolava porque não conseguia acreditar nas palavras dele.

As ameaças

No dia seguinte, na hora do lanche Zelda viu quando Pedro estava na quadra coberta e decidiu ir até lá, mesmo enfrentando as batidas desenfreadas do coração. Ele estava amarrando o cadarço do tênis de cabeça baixa e só percebeu a presença da garota quando ela disse:

– Eu vim devolver o livro de história que você me emprestou, falou esticando o braço e já sinalizando que iria se afastar.

– Só isso? Já vai embora? Ele perguntou surpreso.

Zelda notou um toque de ansiedade na voz dele, mas decidiu não se iludir porque o fato de não ter ligado depois de domingo indicava que a escolha de Pedro já havia sido feita. Ele queria Selena, muito mais bonita e interessante do que ela.

– Vou pra casa. Não tenho mais aulas hoje.

– Não quer esperar pra gente ir junto depois? Ainda tenho treino e depois tô livre.

– Tem certeza que você quer isso mesmo? Alguém pode nos ver juntos e isso pode dar problema pra você.

Ela terminou a frase já de costas, segurando as lágrimas o máximo que podia.

– Espera aí. O que aconteceu? Quem te disse que eu me importo se alguém nos vir juntos? Pensei que a gente estivesse...

Zelda ficou indecisa. Não sabia o que fazer diante dele.

– É que eu...

Começou a gaguejar sem saber o que dizer. Pedro puxou-a pelo braço.

– Desde aquela noite eu só penso em como foi bom a gente ter ficado junto. Pensei que alguma coisa pudesse rolar entre nós e aí você desapareceu. Quando eu estava no posto de gasolina, pensei que você viesse falar comigo e você sumiu de repente. Até agora não entendi o porquê de você ter saído com tanta pressa.

Zelda estava muito ansiosa e não conseguia parar de tremer. Odiava quando aquilo acontecia porque as lágrimas sempre começavam a rolar sem que ela conseguisse parar o vexame. Mesmo assim, conseguiu soltar algumas palavras.

– Foi você quem sumiu. Não te vi na escola nem na segunda e nem na terça. Depois eu soube que você saiu pra almoçar com a minha irmã. Então, achei que vocês...

– Pera aí, Zelda, sua irmã é uma criança! A gente se encontrou no restaurante por acaso. Ela até estava acompanhada pela sua avó.

– Ela já tem quatorze anos. Não é mais criança coisa nenhuma.

– Escuta aqui, sua maluquinha. O que é que se passa nessa cabeça? – disse encostando o dedo indicador na testa de Zelda – Foi por isso que você sumiu? Achou mesmo que eu estou a fim da sua irmã?

– Não foi por isso. É que eu pensei que você me viu aquele dia e me evitou, não quis falar comigo. Além disso, podia ter mandado uma mensagem.

– Eu estava abastecendo o carro pra levar o meu pai ao hospital. Ele teve uma crise de pressão alta e minha mãe não estava em casa. Então eu mesmo tive que levá-lo. Pensei que você fosse se aproximar e então eu iria te explicar o que estava acontecendo. Quando eu voltei, percebi que tinha deixado o telefone fora da carga... você sabe que eu não ligo muito pra esse lance de celular...

A menina não teve mais argumentos. Apenas se deixou levar quando Pedro segurou o pulso dela e puxou-a para si. Ele a abraçou com muita ternura e disse em seu ouvido que iria sair mais cedo. Depois falaria com o professor a respeito. Caminharam abraçados, até o banco preferido da praça, que ficava embaixo de um ipê cor-de-rosa.

– Pode até ter sido estranho Zelda, mas eu não sou nenhum irresponsável. Não faltei às aulas da segunda e terça de propósito. É que o meu pai ficou internado e não tive como te avisar. Você não percebia, mas eu te observava há muito tempo. Você é a garota que eu escolhi pra namorar, e pronto. E só fiz isso porque te acho linda e com umas ideias muito legais, parecidas com o que eu penso. Eu jamais jogaria tudo isso fora sem mais nem menos.

– Impressão sua, não sou tão interessante assim.

– Isso é o que você pensa. Você é maravilhosamente linda.

– Minha irmã é que é bonita de verdade...

– Não sei, nunca reparei. Também não reparei no seu pai... A única pessoa da sua família que me interessa é você.

Ela sorriu e não teve mais argumentos. Deixou-se levar pelo abraço dele e trocaram um beijo com muito carinho. Não queria estragar aquele momento com outros pensamentos e deixou-se levar pela emoção que tanto a deixava feliz. Só muito tempo depois, teve um sobressalto quando viu que o tempo passou rápido e o pai devia estar preocupado porque ela não tinha ido almoçar.

Continuaram conversando de mãos dadas enquanto ele a acompanhou até o portão de casa. Despediram-se com mais um beijo apaixonado e ela entrou se sentindo a menina mais feliz do mundo. Encontrou Ângelo e Carmina conversando. Ângelo estava tão absorvido com o teor da conversa que nem mesmo notou quando ela abriu a porta.

Sem saber que estava sendo observado, queria que Carmina lembrasse mais algum detalhe sobre quem poderia ter deixado a tal carta na caixa do correio, mas ela disse que não viu quem foi. A única coisa que havia notado era que

antes de ir ao mercado, constatou que não havia cartas e deixou a caixa fechada. Quando voltou, a caixa estava com a tampa aberta e ela encontrou o envelope azul.

Ângelo mudou de assunto ao ver que a filha estava na sala. Ela jogou-se no sofá com ar de satisfação.

– A aula hoje foi boa, heim? – Insinuou o pai com um rasgo de contrariedade.

– Por que você tá dizendo isso?

– Ora, esse sorriso estampado e o fato de não ter vindo almoçar dizem tudo.

Zelda ficou sem graça e mais ainda quando o pai completou:

– No meu tempo isso tinha um nome, e era paixão.

Carmina sorriu enquanto retirava a mesa e logo após Selena apareceu vestida num camisolão cor-de-rosa com bolinhas roxas e pantufas de oncinha. Zelda estranhou porque sabia que a irmã tinha praticamente acabado de chegar do colégio.

– Você já está indo dormir? – perguntou com ares de brincadeira.

– Posso saber por que essa pergunta?

– Porque você está de camisola,oras.

– É que vou pintar o cabelo.

Ângelo não gostou nem um pouco de saber que a filha iria usar química novamente.

– Não esquenta paizinho. Todas as meninas da minha sala estão mudando a cor do cabelo.

– Selena Maria... você não é qualquer uma. Não aceito a ideia de que garotas que praticamente ainda são crianças utilizem esses produtos fortes que ninguém sabe se têm efeitos colaterais.

Era evidente que Ângelo estava impaciente com alguma coisa além da tinta do cabelo de Selenia e Zelda teve uma intuição de que estaria ligada à conversa que ouviu entre ele e Carmina sobre o envelope misterioso.

– Papai, a Sheila já usou essa tinta várias vezes e não aconteceu nada. Ela ficou com um tom de loiro claro platinado maravilhoso de lindo.

– Você não é a Sheila, e sim a Selenia. Mas está bem, você é quem sabe – disse o pai se levantando após terminar de tomar o café – Aliás, vocês duas façam o que quiserem. Não são moças? Não sabem o que querem? Pois não contem comigo para mais nada!

Ângelo saiu batendo a porta e deixando as meninas e a empregada boquiabertas. Era evidente que ele estava muito estressado.

– O que deu nele? Perguntou Selenia completamente aérea ao que estava acontecendo.

– Sei lá, você sabe Mina?

– Eu? Não sei de nada. Só sei que seu Ângelo ficou muito preocupado em saber quem foi que colocou a carta azul na caixa do correio, mas eu juro que não vi quem foi.

Selenia perguntou do que a tal carta se tratava e Zelda resumiu rapidamente porque o que ela queria mesmo era ir para o quarto e pensar nos últimos acontecimentos com Pedro. A irmã, por sua vez, enfiou-se no banheiro com um arsenal de potes de cremes, tinta e descolorante.

Tempos depois, Zelda estava distraída ouvindo sua música preferida, a que mais lembrava seus momentos com Pedro, quando ouviu um grito horrível vindo da sala. Levantou-se de um pulo achando que algo muito ruim tinha acontecido até se deparar com uma cena bizarra. Selenia estava no meio da sala toda lambuzada de tinta no rosto e nas mãos. O cabelo pingando água tinha duas cores horrorosas num misto de “verde cheguei” nas pontas e roxo e laranja na raiz.

– Juro que eu me mato se você rir – conseguiu falar entre as lágrimas de

desespero.

– Não vou sorrir – Zelda prometeu tentando se controlar diante da irmã que mais parecia um ET do que uma garota. – Como foi que isso aconteceu? – Disse colocando a mão na boca tentando ficar séria.

– Não sei o que foi. Acho que coloquei muita água oxigenada, ou foi a tinta que eu comprei na promoção. Agora... meu cabelo ficou assim – disse avaliando uma mecha.

– Se eu colocar mais descolorante ele vai quebrar todo.

– Eu, se fosse você, deixava como está. Melhor aceitar a cor inusitada, ou melhor, cores – completou sorrindo de leve.

– Vou ligar para a vovó, agora! Só ela pode me salvar.

Como sempre, a avó apareceu quase imediatamente para ajudar a neta. Zelda tinha acabado de tomar banho e estava deitada no sofá vendo televisão quando Diana chegou para levar Selenia a um salão de cabeleireiro.

Depois de quase duas horas, Carminha estava no quintal e ela cochilou até ouvir a porta ser fechada com força. Era Selenia que voltou do salão após a cabeleireira dizer que seria impossível “arrumar” o cabelo de uma só vez. O descolorante havia enfraquecido os fios e o jeito era ir hidratando ao máximo até que fosse possível fazer uma nova tintura, provavelmente dentro de 20 ou 30 dias.

– Para de chorar, Selenia. O jeito é fazer o que a moça falou – disse Zelda.

– Você esqueceu que eu vou me formar esse ano? Faço parte da comissão de formatura da oitava do colégio e como é que vou participar das reuniões deliberativas? – Gritou aos prantos.

– E daí?

– Daí que eu sou peça fundamental na formatura e nós queremos que o baile seja o melhor de todos os tempos.

- Até lá já deu tempo de você pintar o cabelo novamente.
- Você sabe ser muito insensível quando quer, não é irmã? Sonho com esse baile há um tempo...
- Provavelmente será a única pirralha de cabelo verde e roxo da festa, nada mais do que isso.
- Sem chance de conversar com você, Zelda. Você simplesmente não tem dó de ninguém, só se preocupa com a sua vida e não tá nem aí pra os problemas de quem quer que seja!

Selena saiu para o quarto e voltou algum tempo depois. Zelda estava pensativa. Era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo e só levantou do sofá quando a irmã gritou do quarto de Ângelo.

- Você sabe onde o papai guardou aqueles lenços de cabelo que eram da mamãe?
- A última vez que vi estavam na última gaveta da cômoda – ela respondeu acompanhando a irmã. – Você sabe que o papai não gosta que mexam nas coisas dele. Se sumir um livro daqui, ele fica maluco.
- Só quero os lenços da mamãe – preciso cobrir essa tinta e ficar pelo menos apresentável.

Zelda agachou-se e abriu a última gaveta, muito mais cheia do que imaginava.

Impaciente, Selena começou a puxar as pontas de alguns lenços que apareciam no meio de várias outras peças de roupas.

- Calma! Assim você vai rasgar tudo!

Depois de tirar as roupas que estavam na gaveta, Selena separou algumas echarpes e lenços e largou as outras peças espalhadas pelo chão, antes de correr até o espelho do banheiro.

- Só vou guardar isso tudo aqui porque quando o papai chegar vai ficar muito

bravo – gritou Zelda, chateada com a bagunça.

Muitas roupas estavam jogadas no chão e ela não esperava que ao enfiar a mão para empurrá-las para dentro da gaveta, o fundo de madeira compensada fosse solto. Sabendo que teria ainda mais trabalho, pensou em deixar tudo como estava, mas pelo jeito que Selena saiu correndo, dificilmente voltaria para arrumar a bagunça. Mais uma vez sobrou para ela organizar tudo. Tirou todas as peças novamente e não conteve o espanto diante do que viu. Embaixo do fundo falso havia vários envelopes azuis, exatamente iguais aos que Carmina encontrou, misturados com algumas fotografias antigas de família e alguns cartões postais ou de boas festas endereçados a Eunice.

A vontade inicial era abrir e ler tudo ali mesmo, mas não queria correr o risco de que alguém mais visse os envelopes. Juntou tudo o que encontrou, foi para seu próprio quarto e largou tudo em cima da cama. Depois, voltou ao quarto de Ângelo, recolocou o fundo falso, pôs as roupas no lugar em que estavam e saiu fechando a porta.

Os envelopes azuis tinham o mesmo brasão com o nome da cidade escrito com “Y”. Os textos das mensagens também eram cheios de enigmas, assim como o que Carmina tinha encontrado. Porém, o mais intrigante, era que em todas as mensagens constava a mesma assinatura: O.D. Quem seria esse O.D. e o que é que ele queria afinal?

Zelda ficou abismada quando viu que uma das mensagens era muito grave, uma verdadeira chantagem endereçada provavelmente a Eunice: “O seu prazo está se esgotando. Ou nos entrega nossa herdeira ou nós a tomaremos por conta própria, pois, o que nos foi negado pelo pai, não o será pela filha”. O.D.

De que herdeira aquele O.D. estaria falando? Leu todos os demais bilhetes e chegou a um que era ainda mais assustador: “Você que é princesa, e não quis cumprir sua missão, nos entregue o que tem de mais precioso e a esqueceremos para todo o sempre. Ficará o dito pelo não dito”. O.D.

Que princesa seria aquela e porque Eunice teria escondido as mensagens na cômoda? Será que Ângelo sabia da existência desses bilhetes? Zelda estava com um turbilhão de perguntas na cabeça, mas sabia que não poderia contar nada ao pai, pelo menos por enquanto, pois certamente ele iria ficar ainda

pior do que quando leu o primeiro bilhete.

Uma coisa era certa. As mensagens eram uma chantagem dirigida a Eunice, pois foram guardadas com outras coisas dela. Provavelmente estavam naquela gaveta há muito tempo, desde a morte de sua mãe. Decidiu tentar descobrir alguma coisa mais tarde, quando o pai chegasse, sem contar nada do que havia acontecido. Seria uma tarefa difícil, mas valia a pena tentar. Zelda sabia que quem mandou as mensagens no passado, agora estava fazendo tudo novamente.

A garota só percebeu o quanto era tarde quando o pai chegou em casa. Juntou todos os papéis rapidamente, guardou numa caixa de sapatos vazia e pôs embaixo da cama. Saiu do quarto tentando aparentar a maior naturalidade possível.

– Oi paizinho, tudo bem no serviço? – Perguntou beijando Ângelo.

– Hum, pela forma com que fui recebido, creio que temos novidades por aqui...

– Novidades, quais?

– Não sei. É isso que quero saber. Essa forma carinhosa não combina muito com a garota deprimida dos últimos dias. Se bem que, ontem, percebi que algo muito bom aconteceu, não foi?

– Aposto que ela está namorando, por isso está tão contente, disse Selenia entrando na sala com uma echarpe preta na cabeça.

Ângelo não ouviu a indireta porque só prestou atenção na raiz dos cabelos verdes da filha chamando a atenção.

– Selenia, pra que esse lenço?

A menina começou a responder já choramingando...

– Ah papai, lembra da tinta?

– Não me diga que...

– O efeito não foi bem o que eu queria – disse abaixando os olhos.

– Selenia Maria!

– Papai! – A menina explodiu aos prantos – Não brigue comigo! Eu já estou destruída o suficiente, parecendo um E.T. Meus cabelos estão verde-limão fluorescente e têm também umas manchas roxas horríveis, que quando eu puxo, faz o cabelo se desmanchar na minha mão. Estou desesperada, paizinho, eu simplesmente não posso ficar careca agora... perto do fim do ano! Tudo o que eu preciso nessa hora é de compaixão e apoio! Por favor, não me obrigue a ir para o colégio desse jeito, eu imploro!

Dramática como sempre, a filha mais nova postou-se de joelhos com as mãos unidas em frente ao pai, que ficou sem saber o que dizer.

– Vamos amanhã cedo a um salão de cabeleireiro consertar isso! Eu te falei, filha. Essas experiências malucas ainda vão te deixar careca.

– Não adianta, a vovó já me levou, mas a moça disse que eu tenho que esperar um mês antes de colocar qualquer outra química no cabelo senão eu posso ficar careca realmente.

Selena terminou a frase ainda mais em prantos, buscando aconchego nas pernas do pai, que se abaixou para ajudá-la a se levantar, impaciente.

– Fica calma filha, não deve estar tão ruim assim. Vocês jovens, são inovadores, e um pouco de colorido serve até para alegrar.

– Veja você mesmo – disse a garota puxando o lenço.

Ângelo fez força para não rir porque a cena era muito engraçada. Selenia tinha os olhos grandes e chamativos num rosto pálido que contrastava com o tom verde dos cabelos e suas manchas roxas. Realmente, dessa vez a filha se superou.

– Selenia – disse se esforçando para ficar sério – só não entendi porque além do lenço você está usando esses colares e essa roupa toda colorida.

A menina deu uma volta para mostrar o *look*.

– Pensei em dizer pra todo mundo que estou usando moda retrô anos 80 e isso vai desviar o foco do meu cabelo. São tantos acessórios que vai ficar difícil reparar “apenas” no colorido da cabeça.

Ângelo ficou calado e achou que Selena poderia estar certa. Com tanta cor e colares reunidos seria impossível reparar apenas em uma coisa. O pai preferiu dar a bronca como encerrada, mas não abriu mão do comparecimento às aulas, ou seja, a filha teria que continuar frequentando o colégio como se nada tivesse acontecido.

Apostando na melhora do humor do pai, Zelda introduziu o assunto da cômoda, falando despreocupada.

– Acho que vai disfarçar bem com os lenços que eram da mamãe.

– Ah, esse lenço era da Eunice?

– Sim... a gente pegou lá na cômoda... na última gaveta...

Ângelo continuou demonstrando tranquilidade e mudou de assunto, dizendo que estava com fome e Zelda teve certeza de que ele não sabia da existência dos envelopes antigos porque sabia que seu pai simplesmente não conseguiria esconder o que sentia. Ele era a pessoa mais pura e cristalina que ela conhecia. “Certamente a minha mãe não falou nada para ele”, admitiu para si mesma.

Por mais que Zelda relesse os bilhetes e os associasse à mensagem que estava com o pai, não conseguia adivinhar exatamente por que eles foram escritos. Decorou palavra por palavra e ainda assim não conseguiu chegar a uma conclusão. A única coisa definida era que tinham vindo do mesmo lugar e escritos pela mesma pessoa. A dedução era lógica porque se tratavam da mesma letra, ou pelo menos de uma letra muito parecida, e do mesmo papel. Além disso, o teor das cartas era praticamente o mesmo, sempre em forma de ameaça. O intrigante era o motivo disso, ter acontecido com tantos anos de diferença entre as mensagens.

Zelda passou a noite praticamente acordada e só cochilou quando o dia estava

amanhecendo. Acordou com o pai batendo à porta do quarto e dizendo que estava atrasada. Vestiu o uniforme rapidamente, escovou os dentes e engoliu uma caneca de achocolatado preparado por Ângelo.

Pedro a esperava no portão do colégio para entrarem juntos. Caminharam conversando baixinho e de mãos dadas quando Cíntia apareceu com ar de deboche.

– Tudo bem, amiga? Você vai ficar pra o ensaio do teatro depois da aula?

– Acho que vou...

– Credo, vocês estão mudos!

– Cissy vai andando. A fofoca pode ficar pra depois – disse Pedro sorrindo.

– Eu fofoqueira? Não sou mesmo – retrucou indignada.

– Ele tá brincando sua boba...

– Boba é essa brincadeira de vocês dois, disse a amiga se afastando zangada.

Os dois jovens riram e entraram no colégio. Zelda foi para a rampa do segundo ano e Pedro para a do terceiro. Antes de se despedirem, ela ganhou um selinho do namorado e quando sentou-se na carteira próxima a Cíntia, percebeu que toda a turma olhava para ela porque Pedro era um dos garotos mais cobiçados do colégio. Bonito, carinhoso e muito gente boa, ele fazia amizade com todo mundo e principalmente as garotas do segundo ano tinham uma “queda” acentuada por ele. Zelda ficou envergonhada, mas não disse nada. Logo depois, o professor de matemática começou a ensinar uma nova matéria.

Quando soou a campainha do intervalo, a amiga continuava emburrada.

– Desculpa Cissy, de verdade. Não sabia que você iria ficar chateada.

– Ah amiga, estou triste porque sei que você vai se afastar de mim e me esquecer.

– Eu? Que história é essa?

– Você sabia que 88% das duplas de melhores amigas se separam quando uma das duas começa a namorar a sério?

– Você e suas estatísticas! Nunca tinha ouvido falar nisso. Mas isso é bobeira, não vai acontecer com a gente.

– Sei não. Dá pra perceber que você está caidinha pelo Pedro.

Zelda procurou se colocar no lugar da amiga, pois sabia que o temor dela tinha um pouco de fundamento. Tirando a história dos bilhetes, ultimamente não queria outra coisa a não ser ficar grudada em Pedro e isso acabava por diminuir o contato não só com Cíntia, mas também com as outras amigas do colégio.

– E quem disse que a gente não está inserida nos 12%? Ou seja, as amigas que continuam amigas para sempre?

Cíntia não retrucou. Em vez disso, abraçou Zelda e seguiram conversando sobre outros assuntos.

Já em casa, depois do almoço Selena perguntou se ela estava namorando sério.

– Acho que sim. Pelo menos a gente tá ficando...

– Acho legal isso. Outro dia, encontrei com ele no Horta Mil e ele não parou de falar em você.

– Por que você não me disse nada?

– Porque eu cheguei em casa e você quase me mordeu de tanto mau humor. Fiquei com raiva e achei melhor ficar na minha.

Zelda sabia que era verdade o que a irmã disse e preferiu não tocar mais no assunto. Ela queria aproveitar aquela onda de felicidade ao máximo já que Pedro mandou mensagem marcando um encontro à noite.

Carmina arrumava a cozinha e Selena se esqueceu do cabelo verde e estava fazendo massagem facial deitada no sofá com as pernas para cima. Na verdade, a garota até gostou da nova tinta porque a cor verde fez sucesso. “Se soubesse, teria pintando antes”, disse feliz com os elogios que recebeu das meninas que tinham nela um modelo de bom gosto. Carmina, que ouviu tudo da cozinha, disse que era melhor ir com calma em relação às tintas no momento em que ela decidiu que o melhor seria pintar as unhas também de verde para combinar com o cabelo.

– Espero que pare por aí, não é mocinha?

– Já disse que sim, vou fazer o que a cabeleireira falou! Agora só vou acrescentar um toque de roxo na maquiagem para fazer um contraste legal com o verde. Você não é *fashion*, Mina, e não entende nada dessas coisas de moda.

Carmina desistiu de argumentar e voltou para a cozinha dando uma piscadela para Zelda, que achou melhor seguir para o quarto antes que Selena tivesse alguma outra ideia maluca.

À noite, a filha mais velha de Ângelo vestiu o jeans e casaco de moletom de sempre. Pôs um perfume com cheirinho de lavanda, caprichou no rímel e no gloss de morango. Pedro estava no portão com as mãos para trás e antes que a menina dissesse qualquer coisa, ofereceu a ela uma rosa vermelha e sem dar tempo para mais nada, puxou-a para si e deu-lhe um beijo demorado.

– Estava morrendo de saudades.

– Eu também, mas...

– O que?

– Ah, deixa pra lá. Depois eu falo.

– Fala agora!

– Onde você encontrou essa rosa? – Ela falou por falar, porque na verdade o que sentia era insegurança por estar com o garoto que todas as meninas da

cidade queriam. Estava se odiando por ter feito uma pergunta tão tola.

Ele a olhou sorrindo:

– Esquece essa racionalidade, Zelda. Que importância tem saber de onde veio a rosa?

– Ah... não sei. É que também...

– Fala – ele insistiu olhando nos olhos dela.

– Quando a gente se beija, acho que todo mundo fica olhando.

– E daí? O que tem isso?

– É que... eu... fico com vergonha, sei lá.

– Zelda, pense uma coisa. A nossa vida diz respeito somente a nós. Não estamos fazendo nada de errado. Não estamos maltratando ninguém... eu sou livre, você também é livre... além disso, a rosa não foi roubada do jardim de ninguém, eu a comprei na floricultura do posto de gasolina.

– Desculpa, você tem razão – disse ela ainda mais envergonhada por ter bancado a criancinha boba.

Encostou os lábios na rosa e sentiu o delicioso perfume, tendo a certeza de que jamais esqueceria aquele momento. Saíram caminhando de mãos dadas, indiferentes às pessoas que vez ou outra passavam por eles.

No íntimo, Zelda sentia que Pedro gostava dela, mas tinha receio porque até bem pouco tempo ele namorava uma garota linda, que também foi do terceiro ano e depois saiu do colégio para virar manequim. Nessa época, eles mal se falavam, a não ser um “oi” ou outro de vez em quando, mas ela via claramente o interesse dele pela garota, que se chamava Karen e tinha um batalhão de garotos querendo namorá-la, porque tinha feito alguns trabalhos como modelo. Uma revista chegou a passar de mão em mão no colégio porque estampava Karen na capa num cenário tipo “deuses do olimpo”, durante um ensaio de moda.

Agora estava ali, caminhando com o mesmo garoto que Karen namorava. Indiferente à insegurança que ela sentia, Pedro parecia muito feliz e segurava sua mão com firmeza quando chegaram à praça central. Sentaram no banco do ipê e se beijaram várias vezes. O coração de Zelda chegava a doer de tanta felicidade. Em dado momento, pôs a mão no peito e ele ficou preocupado, perguntando se sentia alguma dor.

– Não é nada, meu amor.

Ele sorriu.

– Meu amor?

– Sim! Meu amor. Por que? Não gosta?

– Amei, meu amor!

E beijou-a novamente.

Depois de se afastarem um pouco, ele começou a fazer planos para as férias. Ela ficou contente em saber que estava incluída neles e pensou que tudo estaria perfeito caso não fossem os bilhetes misteriosos que encontrou. Por um momento, sua face demonstrou preocupação, mas ela desconversou dizendo que estava tudo bem.

Nos minutos seguintes, ela estava tão envolvida com o que Pedro falava sobre irem pescar no lago ou irem ao cinema em Rosal, que pouco reparou ao redor. Só quando ele foi comprar pipoca, percebeu as pessoas caminhando pela praça e parando para observar a lua, que estava linda. Quando criança, sua avó dizia que se olhasse direito, dava pra ver pessoas caminhando na lua quando ela estava cheia daquele jeito. Zelda olhava para cima até ficar com o pescoço doendo, mas não via nada. Diana sorria e dizia que era assim mesmo, que um dia ela veria alguma coisa. O importante era continuar tentando.

Ali, olhando para cima, de repente ela esqueceu a infância e lembrou-se do bilhete que falava de um aviso que apareceria no céu. Será que o aviso seria algo como um avião com rastro de fumaça, um balão a gás ou alguma coisa

parecida?

Pedro voltou com a pipoca e eles continuaram conversando até que ele a levou em casa porque já era quase meia-noite. Ele brincou, chamando-a de Cinderela, e ela ficou constrangida, mas não queria contrariar as ordens do pai. Explicou que ele sempre se sacrificou para cuidar das filhas com amor e carinho e que não achava justo contrariá-lo justamente nas poucas coisas que ele impunha a elas.

Pedro ficou sério e concordou. Disse que imaginava que deve ter sido difícil para ele criar as filhas e ao mesmo tempo trabalhar, ainda mais tendo aberto mão de se casar novamente.

– Meu pai é um cara muito especial.

– Tenho certeza que sim, meu amor!

Ela sorriu e imaginou que não poderia estar mais feliz.

Chegaram ao portão da casa dela e Zelda detestou o rangido que fez ao ser aberto. Mais um longo beijo, e Pedro se despediu, caminhando devagar com as mãos no bolso da jaqueta enquanto ela fechou a porta de casa. Deparou-se com o pai esperando no sofá.

O desabafo

Sua irmã tinha razão: está namorando, não é filha?

Zelda sentiu que o rosto ficou vermelho como tomate.

– É, paizinho.

– Vem cá. Vamos ter uma conversa de pai pra filha. Normalmente isso caberia à sua mãe, mas como ela não está aqui, tentarei ser útil em alguma coisa...

– Ah papai, não precisa. Tô de boa.

– Precisa sim, filha.

Zelda sabia que dificilmente o pai tocava no nome de Eunice. Quando o fazia, era com uma tristeza que as filhas interpretavam como saudade. Nesses momentos, ficava evidente que ele ainda gostava muito dela. A prova é que várias mulheres tentaram conquistar o coração de Ângelo e nenhuma conseguiu. Viúvo há quase 15 anos, teve apenas alguns casos passageiros e nada de namoros sérios. Quando alguma candidata falava em compromisso, ele logo desistia do romance. No pensamento de Zelda, era como se de alguma forma Eunice ainda fizesse parte da vida dele.

– Você gosta desse Pedro?

– Gosto.

– Ele lhe trata bem? É carinhoso e respeita as suas vontades?

– É.

– Ele se mostra sincero? Deixa você passar antes dele quando vão passar por uma porta estreita?

– Sim. Ah, sei lá paizinho. Acho que nunca passamos por uma porta estreita.

– Olha, veja bem, esse lance é importantíssimo, assim como olhar bem fundo nos seus olhos antes de te beijar.

Zelda sorriu sem graça.

– Ah, paizinho... – disse envergonhada.

Ele ficou firme esperando uma resposta.

– Sim paizinho, ele olha nos meus olhos e já passamos por uma porta estreita e ele deixou eu ir na frente – ela disse, lembrando-se de como Pedro parava e esperava para que ela entrasse no colégio primeiro.

– Então está ótimo. Se deixa você passar na frente e olha nos seus olhos antes de beijar, tem minha autorização. Pode namorar!

– Só isso? Pensei que você fosse falar de outras coisas.

– Que coisas, filha?

– Ah, sei lá. Sexo, por exemplo.

– Eu? Que ideia mocinha! Falar de sexo com uma menina inteligente como você é chover no molhado. Tenho certeza de que você é capaz de me dar uma aula acerca de sexo, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e todas essas coisas.

Zelda sorriu novamente porque estava achando tudo muito bizarro.

– Concordo com você, mas pensei que fosse falar coisas do tipo use camisinha, tome pílula, converse com sua avó ou com Carminda...

– Que nada. Tenho certeza que minha filhota é responsável e saberá tomar a decisão certa na hora certa, não somente em relação a sexo, como também

sobre todos os outros assuntos da vida.

Ele beijou o cabelo da filha e ela retribuiu com um abraço forte.

– Paizinho, você é demais. Eu te amo muito.

– Eu também te amo, filha. Muuuuuuuuuuuuuito. Agora vamos dormir porque amanhã temos que acordar cedo.

Apesar do alerta do pai sobre o dia seguinte, Zelda demorou a dormir e quando conseguiu, teve um sonho estranho. Estava na praça da cidade, exatamente no banco do ipê conversando com Pedro. De repente, ficou sozinha e sentiu um arrepio pelo corpo ao olhar em volta e ver que todas as pessoas sumiram de repente. Passou a se sentir frágil e com medo, chamou por Pedro, mas não ouvia resposta. Depois de certo tempo, um rapaz loiro aproximou-se e falou alguma coisa em seu ouvido como se a conhecesse há muito tempo, só que ela não conseguia compreender o que era. Apesar de não ter medo do rapaz, continuava sentindo-se abandonada. Acordou algum tempo depois, completamente suada e não conseguiu dormir mais.

Os dias passavam depressa e Zelda estava se esforçando para tirar boas notas porque queria entrar logo de férias. O namoro com Pedro ia bem, apesar da falta de tempo para ficarem juntos o quanto queriam. Quase sempre os encontros aconteciam no intervalo do colégio, na praça ou no lago que contornava a cidade e entrava pela mata adentro, onde havia uma prainha de areia branca e muitas árvores ao redor. Eles gostavam de tomar sorvete andando de pedalinhos.

Num sábado à tarde, depois de uma dessas saídas, a garota chegou em casa e encontrou o pai sentado no sofá com uma cara séria. Zelda Maria, sente-se. Precisamos conversar. – Disse categórico.

– O que foi que eu fiz?

– Isso é o que quero saber! O que significa isso aqui?

Zelda sentou-se e abraçando a almofada de veludo e viu que a caixa de sapatos com os bilhetes estava sobre a mesinha.

–Eu... encontrei em seu quarto, paizinho.

– Em meu quarto? Eu nunca vi nada disso! Veja bem, filha. Isso aqui é muito sério, são ameaças, inclusive, de sequestro.

A menina ficou quieta e ele continuou:

– De verdade, como você teve acesso a isso e porque não me mostrou?

– Eu não queria que você ficasse nervoso ou preocupado do jeito que está agora.

– Pelo visto, não adiantou nada esconder uma informação tão importante do seu pai, não é mesmo?

Ela voltou a ficar calada.

– Vamos Zelda, me conte tudo desde o começo.

Zelda fez o que ele pediu. Falou do fundo falso da gaveta e da surpresa em encontrar os papéis que ela identificou ser uma sequência de ameaças feitas a alguém que achava ser Eunice.

Ângelo começou a andar de um lado para o outro.

– Aquele idiota não seria capaz. Não é possível que “ele” tenha enviado esses bilhetes. Ele e Eunice...

Quando se lembrou da presença da filha na sala, parou de falar.

– Continua papai... ele quem? De quem você está falando?

– Nada. Esquece.

– Como nada? Você falou umas coisas que me interessam. Disse que “ele” poderia ter enviado os bilhetes. Quem é esse “ele”?

Ângelo gritou para a filha se calar como nunca havia feito antes.

Ela obedeceu e as lágrimas começaram a rolar. A almofada continuava em suas mãos, cada vez mais apertada.

– É por isso que eu não disse nada. Eu sabia que você ia ficar nervoso. Mas nunca imaginei que fosse ficar desse jeito. Tem algo muito estranho nisso tudo – disse chateada.

– Filha, não precisa ficar assim.

– Está vendo? Existe algum mistério nessa família que você faz questão de esconder!

– Não fala mais nada, Zelda. Vá para o seu quarto... Agora!

– Mas papai...

– Eu quero que me ouça bem. Esqueça essa caixa e esses papéis. Esqueça tudo o que aconteceu aqui, entendeu? Se souber que você voltou a mexer nas minhas coisas eu...eu...te dou uma surra!

A menina ficou paralisada. Em toda a vida o pai nunca dera uma palmada sequer nas filhas e agora a ameaçava com uma surra. Foi para o quarto aos prantos e jogou-se na cama totalmente sem rumo. Quem seria o homem a quem o pai se referiu? O que havia acontecido de tão grave na família? De repente, sua vida que era totalmente calma e previsível estava mudando como se tivesse acontecido um furacão.

Ângelo se trancou no quarto com a caixa de sapatos e não saiu mais de lá. A noite foi de tempestade combinando com o clima dentro de casa. Durante várias horas, Zelda ficou virando de um lado para o outro sem conseguir dormir.

Na manhã seguinte, a claridade do sol passava pela janela da sala, mas apesar da bela manhã, a família ainda estava no clima do dia anterior. O pai mal encarou Zelda durante o café e isso fez com que ela perdesse o apetite. As olheiras de ambos denunciavam que passaram a noite em claro. A garota foi para o quarto e não saiu mais de lá enquanto Ângelo ficou cuidando do jardim. Selena tinha dormido na casa da avó e só voltaria mais tarde.

Era tarde e Zelda percebeu que Selena tinha chegado e já estava dormindo, quando o pai bateu à porta do quarto.

– Você ainda está acordada? Queria conversar um pouco.

A garota abriu a porta e ele a chamou para conversarem na sala.

Ela se sentou no sofá e abraçou a velha almofada. Estava ressentida com Ângelo e não fazia a mínima questão de esconder.

Foi ele quem começou a falar.

– Filha, eu pensei bastante e resolvi ter uma conversa séria com você. Você já está com 16 anos, é quase uma moça e tem idade suficiente para entender algumas coisas.

A menina o olhou com atenção.

– Vou contar tudo o que eu acredito que tenha acontecido e culminado com o recebimento desses bilhetes por parte de sua mãe. Para mim, e creio que também para você, está claro que se esses bilhetes estavam escondidos na cômoda é porque eram dela.

Ele ajeitou-se na poltrona ao lado.

– Conheci Eunice na universidade e logo a gente se aproximou. Ela gostava de história e eu também, por isso a gente sempre se via na mesma ala da biblioteca. Um dia, sentamos ao lado um do outro e começamos a conversar. Alguém reclamou dos nossos sussurros e então decidimos conversar do lado de fora. Nunca mais a gente se desgrudou. Sempre achei a sua mãe linda e quando percebi, estava completamente apaixonado.

O pai esticou as pernas e continuou:

– Como você sabe, quando a gente se formou decidimos nos casar e ficar juntos de uma vez. Eu comecei a trabalhar na Biblioteca Municipal de Rosal e sua mãe a lecionar no colégio onde você estuda. Logo depois, a Eunice engravidou e veio você, a nossa primeira “princesinha”. Foram dois anos maravilhosos. Sua mãe trabalhava pela manhã e à tarde cuidava de você. Ela

sempre se mostrou muito feliz. Quando eu chegava à noite, você já estava dormindo e ela tinha arrumado a mesa para a gente jantar juntos. Ela cozinhava bem e cada noite era uma surpresa diferente. Às vezes ela enfeitava a mesa com rosas que tirava do jardim, às vezes colocava uma vela. Enfim, ela sentia prazer em cuidar da família e da casa.

Depois que ela engravidou da sua irmã, ficamos muito felizes com a notícia porque achávamos que seria bom para você ter uma companhia para brincar. Os primeiros meses da gestação continuaram sendo muito bons. Apesar de sentir um pouco de enjoo, Eunice continuava trabalhando e tudo ia muito bem. Após o quinto mês da gestação é que eu percebi que as coisas começaram a mudar. Eunice não preparava mais o jantar e deixou de me esperar para a gente jantar juntos. Ela dizia que estava cansada e com dor de cabeça. No início, eu achei estranho, porém, como dizem que cada gestação é de um jeito, achei por bem deixar que ela ficasse à vontade. Quando eu chegava, ela estava deitada e eu preparava alguma coisa para comer. Então eu colocava você no berço e sua mãe continuava dormindo. A gente mal se falava. Eu achava que quando o bebê nascesse as coisas voltariam a ser como antes.

Foi nessa época que contratamos a Carmina porque era preciso que alguém cuidasse de você e da casa já que sua mãe saía cedo para trabalhar e muitas vezes só voltava à noite. Ela dizia que estava se sentindo pressionada com tanta coisa para fazer e por isso passava a tarde na casa da mãe, ou em algum lugar que não queria me contar. Os únicos momentos em que se mostrava receptiva a um carinho era quando acordava assustada depois de ter tido pesadelos. Depois ela voltava a me evitar novamente, tanto que muitas vezes pegava a coberta e vinha dormir aqui na sala. Quando isso passou a ser rotina, eu me ofereci para dormir aqui no lugar dela. Eu queria que ela pudesse dormir na cama com mais conforto.

Lembro que nessa época, os pesadelos se repetiam sempre, mas Eunice não falava exatamente com o que sonhava. Quando eu tocava no assunto, ela desconversava e dizia que estava tudo bem. Um dia, eu me desesperei e implorei que me contasse o que estava acontecendo e ela me olhou com muita frieza. Acreditava que sua mãe parou de me amar e aquilo começou a me corroer por dentro. O amor que eu imaginei que fosse durar para sempre,

estava acabando dia a dia sem que eu pudesse fazer nada.

Zelda encarou o pai com muita pena, enquanto ele continuou:

– Houve uma noite em que Eunice acordou chorando e contando, meio dormindo e meio acordada, que tinha medo da lua, pois não queria ser sugada para um outro mundo. Eu ia confortá-la e dizer que tudo estava bem, mas aí eu me dei conta que na verdade a sua mãe estava preparando o caminho para me deixar. Eu me senti um palhaço e fiquei muito magoado. Disse a ela que não precisava inventar mais nada, que seria melhor a gente continuar embaixo do mesmo teto só até o bebê nascer e que depois ela ficaria livre de mim. Em seguida, eu voltei para a sala e ouvi sua mãe chorar praticamente a noite toda. Eu também estava arrasado e não entendia porque ela não se abria comigo.

Zelda estremeceu, jamais imaginou que algo parecido tivesse acontecido com seus pais.

– Até hoje eu me arrependo do que disse à sua mãe naquela noite porque ela ficou cada vez pior. Mal me olhava nos olhos e não saía da cama para nada. Nem mesmo você conseguia fazê-la feliz e Carminda era quem cuidava de tudo em nossa casa.

Zelda continuou apertando a almofada com tanta força que parecia que seus dedos iam quebrar, enquanto Ângelo continuou relatando o passado.

– Conforme o tempo ia passando e a gravidez avançando, Eunice permanecia ainda mais reclusa e deprimida. Tanto que o jeito foi chamar um médico aqui em casa. Ele receitou um calmante e ela passou a dormir a maior parte do tempo. Isso facilitou um pouco as coisas porque pelo menos a gente não discutia mais. Eu achava que ela estava com depressão, mas os psicólogos disseram que o problema era uma rejeição somente a mim e a você. Deduzi que eu era o problema e que sua mãe não gostava mais de mim. Ela só podia estar interessada em outro cara. Foi um choque conviver com aquele pensamento e decidi conversar com ela.

A almofada parecia que ia rasgar nas mãos de Zelda, que sentiu as lágrimas rolares pela face.

– Entrei em nosso quarto e aquele foi o pior momento da minha vida. Sua mãe arrumava algumas roupinhas do bebê em uma mala e disse que estava indo embora de casa. Eu me descontrolei, disse que ela não poderia fazer aquilo porque, afinal de contas, o bebê era meu filho também. Então, ela me olhou calmamente e perguntou: Tem certeza?

Ângelo respirou fundo. Levantou-se e foi pegar um copo d'água na geladeira. Zelda continuava sentada. Não tinha forças sequer para aceitar o copo que ele lhe estendeu e depois colocou sobre a mesinha em frente a ela.

– Querida, você não imagina como foi difícil conviver com isso durante todos esses anos. Quero que jure por tudo o que é mais sagrado, que nunca vai comentar nada disso com ninguém. Eu não conseguiria sobreviver a isso.

Zelda se levantou e abraçou o pai com muita ternura. As lágrimas desciam desordenadamente e ela sentia um nó na garganta. Ele também estava com os olhos marejados, mesmo assim continuou sua narrativa:

– Sua mãe não morreu de parto, como eu e Diana deixamos os amigos pensarem. Na verdade, penso que ela fugiu para morar com um amigo meu chamado Luciano Celta. Sempre soube que ele era interessado por ela e não escondia isso de ninguém, desde quando a gente fazia faculdade. Só que eu achava que não era recíproco. Sempre achei que Eunice não dava a mínima para ele. Até que, um tempo depois que a gente se formou, ele começou a trabalhar na biblioteca na mesma época que eu. Um dia, veio com uma história de que iria pedir demissão porque estava insatisfeito com o salário. Isso coincidiu com o nascimento de sua irmã. Eu não desconfiei de nada na época, até porque sua mãe desapareceu no dia do parto, deixando vocês duas para eu criar. É claro que eu não tinha cabeça e nem tempo para pensar em mais nada.

Zelda tinha voltado a se sentar, cada vez mais surpresa com o que ouvia, e o pai continuou falando.

– Até que, sem que eu imaginasse, fiquei sabendo que sua mãe fugiu com Luciano.

– Como foi isso? Perguntou a garota curiosa após enxugar algumas lágrimas

com o dorso da mão.

– Eu recebi uma carta do Luciano dizendo que ele e sua mãe estavam juntos e apaixonados como nunca. Ele pedia desculpas pelo que fizeram e disse que não tiveram coragem de me contar o que estava acontecendo entre os dois. Ainda na mesma carta, afirmou que vocês duas eram realmente minhas filhas e que eu ficasse tranquilo em relação a isso. Ele não precisava me dizer isso. Eu sinto que vocês são parte de mim desde sempre.

– Como surgiu a história de que a minha mãe morreu?

– Foi uma ideia que eu tive para não fazer vocês sofrerem ainda mais. Como é que eu podia sair da maternidade com um bebezinho no colo, esperar ele crescer e dizer: sua mãe te largou no hospital no dia em que você nasceu e foi morar com o amante.

Zelda estava com muita raiva da mãe e ao mesmo tempo muita tristeza pelo sofrimento do pai.

– Eu odeio essa Eunice! Ela não podia ter feito isso com você.

– Calma filha. As coisas também não são simples assim. No início eu pensava como você, mas, vendo os fatos por outro lado, eu reconheci que também não era nenhum marido perfeito. Sempre trabalhei até tarde e sua mãe ficava muito tempo sozinha em casa. Talvez o meu grande erro tenha sido esse. Pode ser que o Luciano tenha se aproximado e... bem, o resto você já sabe.

– Mesmo assim! Ela jamais poderia ter feito o que fez. Eu odeio essa mulher! Juro que odeio e vou odiar para sempre.

– Meu bem, não diga isso. Tudo nessa vida obedece a uma lei de causa e efeito. Eu já te falei isso. Se nos acontece alguma coisa é porque de certa forma a gente contribuiu para isso.

O lado espiritualista do pai era forte e ela o admirava por não ter o apego material que a maioria das pessoas tinha em relação às coisas que possuíam.

Ao mesmo tempo em que estava muito triste pelo que Eunice havia feito, Zelda sentia muito orgulho em ser filha do bibliotecário porque em todos os anos que se passaram desde o desaparecimento, ele nunca havia falado nada sobre o que aconteceu com a esposa para qualquer pessoa, ainda mais para as filhas.

– A vovó Diana sabe de tudo?

– Parcialmente. Ela sabe que Eunice não morreu, mas não sabe que eu recebi a carta alguns meses depois.

– Você não quis contar?

– Para que? Para ela sofrer ainda mais? Preferi poupar a sua avó.

– Ela deve ter sofrido de qualquer forma com o desaparecimento da Eunice.

Ele percebeu que Zelda evitou a palavra “mãe” de propósito.

– Sua avó quase enlouqueceu. Ela não se conformou em ficar longe da filha. Só aceitou muito tempo depois.

– E você, papai, como ficaram os seus sentimentos com essa história toda?

– Eu fiquei com duas filhas pequenas para criar e dois turnos de trabalho para dar conta. Não tinha como ficar me lastimando indefinidamente. Eu tinha que reagir e, nesse ponto, a carta do Luciano foi oportuna porque de certa forma me incentivou a seguir em frente. Foi boa também porque me ajudou a esquecer de vez a sua mãe.

Zelda tinha certeza que não era verdade. Sabia que Ângelo continuava ligado a Eunice como nunca e somente agora podia entender a extensão do amor que ele sentia por ela. Prova disso é que mesmo depois da traição e de tudo o que ele passou, ainda não conseguia se interessar por nenhuma outra mulher. As pretendentes surgiam o tempo todo, afinal de contas ele era um homem bonito e interessante, só que diante da reação dele, acabavam desistindo da conquista.

A filha mais velha de Ângelo estava cada vez mais confusa. O passado o qual

acreditava até pouco tempo, de uma felicidade interrompida pela morte da mãe, ruiu por completo e agora ela tinha que lidar apenas com suposições. Sabia que Ângelo estava dizendo a verdade sobre tudo o que aconteceu, contudo, a história toda soava muito estranha diante das fotografias da família guardadas nos álbuns de recordações. O que se via ali era um casal apaixonado com uma garotinha rechonchuda no colo, ou uma mãe amorosa, fazendo que ia jogar o bebê para o alto com os olhos mais brilhantes do mundo. Nas imagens de antes do casamento, então, ela podia ver uma Eunice completamente apaixonada pelo homem a seu lado, que também a olhava como se fosse a pessoa mais importante de sua vida.

De repente, veio à mente da garota:

– E os bilhetes? Será que foi o tal Luciano quem escreveu?

– Penso que não. É fato que sua mãe já estava sendo chantageada antes de ir embora e isso só pode ter partido de alguém que sabia do romance dela com o Luciano. Era alguém que queria tirar proveito da situação.

Ela precisava digerir tudo antes de emitir uma opinião. Se o pai tivesse razão, por que havia chegado mais um bilhete recentemente? Quanto mais pensava a respeito de tudo o que vinha acontecendo, mais chegava à conclusão que faltavam informações essenciais para montar o quebra-cabeça.

A única certeza era que o pai já havia sofrido bastante e ela queria poupa-lo. Teria que descobrir toda a verdade sozinha, pois agora era uma questão de honra saber o que realmente levou Eunice a abandonar a família. Decidiu que dali por diante agiria sozinha. Ângelo e Selena ficariam de fora de suas descobertas, pelo menos por enquanto.

Pensando em descobrir mais alguma coisa sobre o passado, pediu ao pai que lhe entregasse os bilhetes que estavam na caixa de sapatos, juntamente com o envelope recente deixado na caixa do correio. A desculpa é que não teve tempo de ler todos e queria saber o conteúdo das mensagens. Ângelo concordou, mas ela teria que manter completo sigilo sobre o assunto. Ela também pediu para ler a carta escrita por Luciano, mas ele disse que a rasgou em pedacinhos num acesso de raiva no dia em que recebeu.

O perdão

Uma semana se passou e sempre que tinha tempo, a garota lia e relia tudo o que fora encontrado na gaveta. Analisava mais uma vez o tipo de letra e o conteúdo de cada um dos bilhetes, quando o celular tocou. Era Pedro convidando para tomarem um suco no Horta Mil. A menina pensou em recusar o convite porque a cabeça latejava de dor, mas já estava cansada de ficar trancada no quarto e resolveu aceitar.

Passou pela sala e viu que o pai cochilava com a televisão ligada. O melhor era não desligar porque certamente ele acordaria. Seguiu em frente e fechou a porta devagar. O portãozinho também foi fechado com cuidado para não ranger. Na calçada, Pedro a esperava mais bonito do que nunca, com o cabelo molhado e vestido com uma jaqueta verde-oliva. O coração dela bateu acelerado quando ele a olhou com muito carinho. Ela sentiu os olhos cheios d'água quando ele apertou sua mão como se dissesse que ela era a sua escolhida. Sentiu-se culpada por estar passando por tantas coisas e não poder contar para o garoto que gostava. Mas sabia que o pai tinha razão. Ninguém poderia saber do passado de sua família. Ainda mais agora que tudo levava a crer que Eunice traiu não somente o marido, mas também as filhas pelo amor de outro homem.

Esqueceu o que vinha passando nos últimos tempos e se sentiu nas nuvens quando se beijaram antes de chegarem à lanchonete.

O Horta Mil tinha uma varanda grande que ficava de frente para a praça. Ele escolheu uma mesa de onde dava para observar o céu estrelado enquanto ela pediu um suco com abacaxi, laranja e banana. Pedro preferiu laranja com gengibre e eles decidiram que só pediriam os sanduíches um tempo depois. Sentaram juntinhos e ficaram observando as pessoas que passavam ao redor.

A lanchonete estava lotada e Pedro falou brincando no ouvido dela:

– “Hoje ela não está nos olhando”.

– Ela quem? De quem você está falando?

– Estou falando da lua. Lembra a última vez em que namoramos embaixo do ipê? A lua brilhava em nossa homenagem...

Zelda estava tomando um gole de suco e quase engasgou. Olhou para o namorado sem entender o que ele dizia e de repente, sem nenhuma explicação, levantou-se e saiu correndo. As palavras dos bilhetes surgiam atrapalhadas em sua mente enquanto ela correu até o meio da praça e ficou estática olhando para o céu. A lua não estava lá e ela se condenou porque não havia pensado naquilo antes. O sinal que apareceria no céu só poderia ser a lua. Tinha que voltar para casa para reler o bilhete e saiu apressada sem lembrar que tinha deixado Pedro sozinho na lanchonete. Entrou devagar na sala e percebeu que a irmã ouvia música no quarto, enquanto o pai continuava cochilando. Trancou a porta e pegou a caixa de sapatos embaixo da cama.

“Se você é uma Sales

leia com atenção.

Mas se não for dessa família,

esqueça logo de primeira mão.

Antes que o Sol apareça

e depois que a madrugada

lhe enrijeça,

um sinal surgirá no céu

*e, na praça dessa cidade,
lhe será descortinado o véu”.*

O.D.

Como ela não havia percebido antes? Estava muito claro. É certo que a maioria das vezes a lua aparecia mais cedo, mas naquela época, aparecia bem mais tarde no céu, praticamente já madrugada: “a única coisa que aparece no céu antes que o sol apareça e depois que o frio da madrugada nos enrijece é a lua!”, disse baixinho.

– “Se você é uma Sales...”. Eu sou uma Sales, a Selenia, a vovó Diana também... embora ela seja uma Sales por causa do vovô. Ou seja, todas nós estamos no rol das mulheres as quais essa mensagem pode ter sido direcionada.

Deitou-se olhando para o teto e ficou refletindo até sentar-se de sobressalto:

– Tirando minha avó, que não é uma Sales legítima e também não mora nessa casa, ficamos eu e Selenia. Selenia é muito criança e todo mundo sabe que ela só pensa em ficar bonita, ou seja, o bilhete foi direcionado a mim!

O fim de semana passou rápido e quando Zelda se deu conta, já era noite de domingo. Ela aproveitou uma saída do pai para remexer novamente na cômoda, sem encontrar mais nada de importante e depois trancou-se mais uma vez no quarto com a caixa de sapatos. Queria comparar as mensagens e teve certeza que foram escritas pela mesma pessoa. Outra coisa que parecia clara era que tinham como objetivo dirigir-se a uma das Sales daquela casa. A primeira fora Eunice e, agora, ela própria. O pensamento dela era que Eunice muito provavelmente fugiu para se livrar das ameaças dos bilhetes. Isso explicaria porque foi embora, mas não explicava porque não contou tudo ao marido, a não ser que realmente estivesse sendo chantageada por causa do romance com o Luciano.

Desde a última conversa com a filha, o bibliotecário permanecia calado e mal se dirigia a quem quer que fosse. Vivia afundado nos livros como sempre

fazia quando queria fugir de alguma situação difícil. Selena era a única que parecia feliz dentro de casa. Depois de muitas hidratações conseguiu tingir o cabelo novamente e agora tinha chegado a um tom de loiro que gostava.

Somente no dia seguinte pela manhã, enquanto caminhava até o colégio, Zelda lembrou-se que não tinha tido mais contato com Pedro desde o dia da lanchonete. Foi nessa hora que se deu conta da burrada que tinha feito, mas era tarde para desfazer o que havia acontecido. A culpa era enorme e cresceu mais ainda quando ela viu que ele passou todo o intervalo acompanhado pelo melhor amigo. Ou seja, se ela quisesse falar com ele, teria que enfrentar os dois.

– Queria falar com você – disse após criar coragem e ir até os rapazes.

– Estou ocupado – ele respondeu afastando-se com mais pressa do que o habitual.

– Pedro, espera, eu preciso muito falar com você. É sério. – Disse praticamente correndo para acompanhá-los.

– Pode parecer estranho, mas não é somente você que tem o direito de deixar os outros falando sozinhos.

Ele terminou a frase quando estava bem longe dela e continuou conversando com o amigo.

– Nossa! Ele tá esquisito, vocês brigaram? Disse Cíntia se aproximando.

– Não foi bem uma briga. Ou melhor, sei lá se foi – disse sem conseguir conter as lágrimas que insistiam em borbulhar.

– Ah, para com isso, Zelda! Vai chorar por causa de namorado?

– Não estou chorando, droga.

– Eu sei por que você está chorando, afirmou sem levar em conta a negativa. O Pedro deve ter aprontado alguma pra cima de você! Amiga, sempre te digo que homem não presta!

- Não é nada disso. A gente não chegou a brigar. A gente só se desentendeu.
- E pelo jeito foi um desentendimento bem grande. Você viu a cara dele?
- Cissy, parece que você quer me deixar ainda pior do que já estou!
- Eu? Tenho culpa se o seu namorado é todo melindroso?

Zelda não respondeu e decidiu voltar logo para a sala de aula. No último horário, quando a campainha tocou e todos se dirigiram para a saída, foi interceptada pela professora.

- Zelda, o que é que está acontecendo?
- Como assim, Camila?
- Você está displicente, desinteressada. A última redação que fez, por exemplo, passaria facilmente como sendo de algum aluno do fundamental. Você sequer se deu ao trabalho de revisar o que estava escrito. O seu texto normalmente não é assim.
- Desculpe. É que eu acho que escrevi mecanicamente.
- Se abre comigo. Você está com algum problema? Talvez eu possa ajudar em alguma coisa. Você sabe, eu sempre fui amiga da sua mãe e a gente lecionou junto durante muitos anos aqui no colégio. Depois que vocês cresceram, eu me afastei um pouco, mas o meu carinho pela sua família continua o mesmo. E seu pai, está bem?

Zelda sorriu meio constrangida, disse que o pai estava bem e pediu licença, saindo apressada pelo corredor. Sentia em Camila alguma coisa estranha, como se ela fosse mais interessada do que o que seria normal pelas coisas que aconteciam em sua casa. Podia ser que fosse interesse em Ângelo, embora isso fosse estranho porque ela nunca havia se declarado. De qualquer forma, gostou de ter ouvido a professora falar sobre sua mãe porque era alguém que poderia lhe dar alguma pista sobre o passado.

Em instantes, passou pelo portão do colégio e tentou alcançar Pedro, mas foi impossível porque Camila a atrasou demais. Viu de longe quando ele dobrou

a esquina e muito provavelmente foi para casa.

Nos dias seguintes Zelda sofreu com a indiferença dele. Ficava inconsolável quando imaginava que um namoro tão bonito tinha terminado daquela forma e tudo por culpa dela. Ou melhor, da pessoa que queria brincar com a sua família fazendo umas ameaças tolas.

Disposta a pelo menos se explicar, ela criou coragem na sexta-feira e esbarrou de propósito na mochila dele, quando ele pegava alguns livros do armário.

– A gente precisa conversar.

– Conversar sobre o quê? Ele perguntou com indiferença.

– Sobre nós. Sobre aquele dia. Preciso te explicar que foi sem querer...

– E quem disse que eu quero alguma explicação? Aliás, tem alguma explicação para aquele seu showzinho?

– É que eu...

– É que eu sou um trouxa, dona Zelda. Um imbecil. Um idiota. Sabia que meus colegas pegaram uma rosa e colocaram na minha carteira com um bilhetezinho apaixonado fingindo que era você e depois encenavam “Oh! Pedrinho, que flor mais chifrim, prefiro sair correndo a ganhar um presente barato como esse...”.

Ele deu um soco de leve na parede.

– Dá um tempo Zelda, ainda é muito cedo pra gente conversar.

Em seu olhar havia uma mágoa muito grande que deixou a garota arrasada.

– Eu não queria que isso tivesse acontecido. Pedro, eu gosto muito de você – disse tentando fazer com que ele se virasse para ela.

O rapaz ficou irredutível e ela continuou.

– Não quero que você fique chateado comigo. Pelo menos me deixa explicar. Se a gente vai terminar, que seja como amigo...

– Tá bom Zelda. – Disse parando em frente a ela com os braços cruzados. – Explique. Sou todo “ouvidos”. Você tem um minuto.

A imposição do tempo deixou-a ainda mais desconcertada. Pedro nunca havia falado assim com ela e, além do mais, não sabia o que dizer. Falar o quê? Contar que sua mãe poderia ter sido uma adúltera e ao invés de estar morta estava morando em algum lugar com um amigo de seu pai? Valia a pena expor toda a família a um escândalo sem sequer saber se os tais bilhetes tinham fundamento? Ou quem sabe, deveria dizer que largara o garoto que estava a fim, numa lanchonete lotada com os conhecidos dele, porque precisava ver se a lua estava no céu? Sentiu uma tristeza muito grande ao perceber que tinha posto a perder o namoro com um carinha de que vinha gostando muito. Ele tinha razão em não querer mais nada com ela.

Ficou de cabeça baixa, apenas sentindo as batidas fortes do coração dentro do peito. O silêncio foi a gota d’água. Pedro deu um rápido tchau e disse que tinha que almoçar com os pais. Ela, por sua vez, seguiu por um trajeto mais longo porque não queria encontrar ninguém conhecido. Tudo o que queria era ficar sozinha e poder pensar no que estava acontecendo.

Estava distraída quando quase esbarrou em Zacarias, um velho mendigo que era conhecido por todos os moradores. Uns diziam que ele havia passado por uma grande decepção amorosa e por isso passou a morar na rua, outros acreditavam que ele foi um excelente professor de matemática e perdeu o juízo de tanto estudar. O fato é que Zacarias não fazia mal a ninguém e por isso todo mundo o ajudava da maneira que podia. Uns davam comida, outros davam banho e roupas e assim por diante.

Quando a viu, aproveitou para pedir um trocado.

– Não dou não, você vai querer comprar bebida. Só te dou dinheiro se for pra comprar comida.

– Não vou mentir pra você Zeldinha. Quero mesmo é comprar aguardente.

– Então, não tem dinheiro.

– Então, não tem papo. Quer saber? Não te conto nada do que eu sei e da fria que você está se metendo.

Zelda sorriu. “Pelo menos ele é sincero”, pensou, perguntando que fria seria aquela.

– Não digo; você vai ter que descobrir sozinha – disse afastando-se magoado.

Em casa, Carmina a esperava com o almoço na mesa. Ela pensou em recusar, mas teria que ouvir uma ladainha tão grande que achou melhor ir lavar as mãos para comer. Sentou-se e comeu salada de legumes, arroz e carne assada.

Carmina estava animada porque Dino estava apresentando muitos progressos na escola. Ele, que foi um garoto praticamente desenganado pelos médicos, se superava a cada dia. Zelda gostava de ouvir a mãe contar os “avanços” do menino que ela considerava como um irmão.

Carmina continuava falando sobre o filho, enquanto ela recordava a conversa que teve com Pedro.

– Desculpa “Minda”, eu não ouvi o que você disse agora, por último.

–Você anda com a cabeça nas nuvens, Zeldinha. Eu disse que o Dino venceu o concurso de melhor desenho na escola.

– É mesmo? Que legal! Eu sabia que ele iria conseguir porque aquela paisagem era muito boa.

– Quem diria heim? Meu menino venceu um concurso...

– Pois não é? Mas você merece essa alegria, Minda, disse a garota abraçando-a.

A noite chegou e a filha mais velha de Ângelo dormiu cedo. Teve um sono cheio de pesadelos. Um deles foi bem parecido com o que teve com o rapaz loiro: estava andando na praça, perto do ipê, quando percebeu que estava

completamente sozinha. Ao olhar para o céu, viu que a lua tinha uma luz azul muito bonita em volta. Uma voz de dar arrepios, seca e áspera disse que ela seria a próxima a ser sacrificada. Logo depois, Zelda acordou completamente suada.

– Devem ser os mesmos pesadelos que minha mãe tinha – pensou enquanto tentava voltar a dormir.

No dia seguinte, as olheiras chamaram a atenção no colégio e o desânimo era evidente, tanto que Camila mais uma vez foi falar com ela.

– O que foi que aconteceu? Sua carinha não está nada boa...

– Nada, só não dormi direito à noite. Tive um sonho estranho...

– Que sonho?

– Ah, tinha uma lua azul no céu... uma voz disse que era chegada a hora...

Camila disse que não levasse o sonho a sério. Depois saiu apressada como se tivesse alguma coisa para resolver com urgência.

A garota voltou para casa decidida a fazer alguma coisa em benefício da família. Fosse ou não fosse verdade a traição da mãe, ela precisava colocar tudo em pratos limpos. Se Eunice fosse inocente, ela, como filha, devia isso à sua memória. Se fosse culpada, seria um ponto final na história dos pais e Ângelo poderia encontrar uma mulher que o fizesse feliz de verdade.

Depois do almoço, havia se levantado para escovar os dentes quando percebeu mais um envelope na mesinha de centro. Esperou Carmina sair para o quintal e o pegou, jogando-se na cama ansiosa. Mais uma vez, a letra, o papel e o brasão eram os mesmos:

“Leste minha mensagem uma vez

e não deste atenção.

*Recomendo máxima urgência,
em escutar essa orientação.
Um aviso surgirá no céu
e caso não atendas ao chamado,
será para ti uma comoção.
Terás que estar pronta
para entrar em ação”.*

O.D.

Parte do enigma havia sido solucionado porque não restava dúvida de que os bilhetes eram dirigidos a ela, já que a própria mensagem começava dizendo que ela havia lido o bilhete anterior. Mas como o tal O.D. poderia saber disso? Quanto ao restante da mensagem, era a confirmação de que um aviso surgiria no céu, certamente, a lua, e provavelmente cercada pela cor azul, mas quando seria isso?

No dia seguinte, deu de cara com Pedro acompanhado por uma garota ruiva e muito bonita, de olhos verdes. Os dois pareciam estar à vontade, com o braço na cintura um do outro e sorrindo de alguma coisa que vinham conversando.

Quando ele a viu, fez um sinal de leve com a cabeça e não disse nada. Seguiu em frente como se nada tivesse acontecido. Ela respondeu da mesma forma, com o coração quase saindo pela boca.

– Você gosta dele não é mesmo?

Camila estava parada perto dela enquanto observava o casal se distanciar.

Zelda não tinha mais forças, precisava desabafar.

– Gosto muito.

– Por que brigaram?

Ela resumiu os principais acontecimentos.

– Pelo que entendi, o que está faltando aí é um belo pedido de desculpas. De sua parte, é claro!

Ela sabia que a professora tinha razão e ficou ensaiando mentalmente uma conversa onde pudesse pedir desculpas de coração aberto. Não queria perder o amor de Pedro, mas mesmo que isso não fosse possível, precisava pelo menos que ele a perdoasse.

Camila convidou-a para tomar um chá gelado em sua casa e ela aceitou. Não queria correr o risco de deparar-se novamente com o casal e tomou o sentido contrário ao de casa. Havia muito tempo que não visitava a professora, mas se lembrava da sombra da enorme mangueira no quintal. Tseu, o gato gordo e amarelo de Camila se aproximou da garota e enroscou-se em sua perna.

– Tseu, há quanto tempo! Você ainda se lembra de mim?

Parecia que o gato se lembrava, pois enroscou-se ainda mais sem qualquer cerimônia.

– Ele é tão bonito, Camila. E diferente... também.

– Diferente, como?

– Ah, sei lá. Ele parece que entende o que a gente fala...

– Só você mesmo, Zelda – a professora sorriu.

O gato foi esquecido e elas conversaram a maior parte do tempo sobre Pedro. Quase no final da visita, Zelda mudou de assunto e perguntou se Camila tinha sido amiga íntima de Eunice.

– Por que você está perguntando isso?

– Eu só queria saber se minha mãe te contava alguns segredos...

Camila desconversou, dizendo que não tinha muito o que contar e Zelda viu a reação da professora quase como uma confirmação do que Ângelo havia dito. Era evidente que Camila sabia muito mais do que estava disposta a falar.

Mal havia saído da casa da professora, quando Zacarias aproximou-se mais uma vez pedindo dinheiro.

– Não tenho e mesmo se tivesse não te daria. Você sempre gasta tudo com porcaria de bebida.

– E o que tem isso de ruim, por acaso?

– O que tem de ruim? Bebida vicia, oras.

– Ah, mas eu tô com fome, hoje é pra comprar comida, juro!

– Não tenho Zacarias, de verdade.

– Tudo bem, eu acredito.

– Mesmo?

– Sei quando mentem e quando falam a verdade. Você falou a verdade, mas aquela que estava conversando com você... cuidado com o que ela diz.

– Por que você está dizendo isso?

– Porque sim...

– Não! Você falou e agora vai ter que explicar. Por que você diz que a Camila não fala a verdade?

– Já falei demais para quem não recebeu nenhum tostão – disse se afastando.

Ela ficou com a estranha sensação de que o velho mendigo sabia de coisas muito mais importantes do que aparentava, mas não quis contar, quando ouviu a voz de Camila.

– Zelda, espere! O que o Zacarias estava falando com você?

– O Zacarias?

– Sim, vi que vocês estavam conversando e fiquei curiosa... você sabe, ele não fala coisa com coisa.

Zelda se retraiu.

– Nada, ele só me pediu dinheiro, mas eu não tenho.

– Só isso? Vocês demoraram e eu pensei...

Era evidente que Camila se arrependeu no meio da frase.

– Pensou o que?

– Ah, pensei que era muito chato isso. Você nunca vem à minha casa e quando vem, tem um sujeito te importunando.

– Mas não é sua culpa, aliás, eu nem estou mais na sua casa.

Camila riu sem graça.

– É bobagem minha, só quis ajudar e acabei sendo intrometida. Desculpe.

Zelda ficou sem ação. Primeiro Zacarias demonstrou saber alguma coisa sobre a professora e agora ela agia daquela forma.

– Vou pra casa porque a Minda deve estar preocupada.

– Sim, vá. Desculpe ter atrapalhado.

– Não atrapalhou não.

Encontrou o pai em casa já almoçando com Selena porque haviam se cansado de esperar por ela. Pediu desculpas pelo atraso, lavou as mãos e sentou-se com eles. Carmina havia feito estrogonofe de frango com batatas sauté, que ela adorava. Só então percebeu o quanto estava com fome.

- Está tudo bem? Perguntou o pai percebendo que ela estava calada.
- Tudo bem, paizinho.
- Que ótimo, disse tentando demonstrar animação. Vamos à sobremesa, então?

Terminaram de comer falando amenidades e foi a primeira vez em vários dias que Zelda percebeu o pai um pouco mais descontraído. De uma coisa tinha certeza: não envolveria Ângelo em mais nada do passado de Eunice porque isso seria exigir demais dele. Acontecesse o que acontecesse, pouparia o pai de mais emoções tristes.

Como sempre fazia quanto tinha tempo livre, acompanhou Ângelo até a Biblioteca Municipal. O pai foi para a ala administrativa enquanto ela ficou no salão de estudos. Sem que houvesse planejado, decidiu pesquisar alguma coisa sobre lua azul ou azulada, pelo menos. Deparou-se com um livro antigo, de capa amarela, intitulado “Os fenômenos lunares” e procurou uma mesa desocupada. Ela nunca tinha ouvido falar, mas o autor descreveu “o fenômeno da lua azul, que geralmente ocorre entre o fim do ano anterior e o começo do ano seguinte e tem a data alterada nos anos bissextos.” Para ela, aquilo era uma completa novidade. O livro também tinha vários textos complementares e notas de rodapé que ela não teria tempo de ler naquela tarde. Achou por bem fazer algumas cópias e levar para casa.

Mais tarde, estava pensando no que tinha lido na biblioteca quando se lembrou do que Camila havia dito sobre pedir desculpas a Pedro. Só o simples fato de pensar no assunto deixava-a angustiada, mas tinha que enfrentar. Não era justo que o relacionamento entre os dois terminasse assim, com mágoa da parte dele.

Tinha mandado mensagens e como ele não respondeu, resolveu telefonar. As mãos tremiam quando pegou o celular e ligou. Uma voz que ela imaginou ser da garota que estava com ele no colégio, atendeu e disse que iria chamá-lo. A vontade de Zelda era desligar, mas achou que isso ficaria ainda pior diante do vexame de ter interrompido o casal. O coração batia de uma forma que ela

chegava a ouvir, de tão ansiosa, quando ele finalmente atendeu.

– Alô.

– Pedro... preciso falar contigo – conseguiu soltar quase sem fôlego. Era a primeira vez que estava apaixonada e não sabia como lidar com isso. A única certeza do mundo era que o amava muito e estava morrendo de saudades. Sua vontade era chorar e se descabelar, mas isso seria completamente ridículo. Ele já estava com outra, tinha se esquecido dela e isso era prova suficiente de que aquele telefonema fora inútil.

– Vem aqui em casa pra gente conversar... – ele disse.

– Na sua casa? – O que ele queria? Não bastava a humilhação de estar interrompendo o casal, ela ainda teria que se rebaixar em frente à nova namorada dele?

– Você não disse que queria conversar? Então, vem aqui e a gente conversa. Se você quer mesmo falar comigo, venha até minha casa. Eu não vou sair. Só não demore muito porque hoje eu vou dormir cedo. Amanhã eu tenho treino no primeiro horário.

Pedro desligou o telefone sem ouvir a resposta da garota, que se jogou no sofá e ficou olhando para o teto. Sabia que tinha um impasse pela frente porque precisava descobrir tudo sobre sua mãe, mas, de antemão, tinha certeza que poderia passar por tudo na vida, menos ficar longe do carinho de que estava gostando.

Decidiu, no minuto seguinte, se levantar e tomar um banho rápido. Estava no quarto terminando de arrumar-se quando Carminda apareceu olhando-a de alto a baixo.

– Nossa, vejo que tem um compromisso muito importante. Você nunca põe um vestido...

– Está bom? – Perguntou ansiosa.

– Você está linda, como sempre.

Zelda sorriu, beijou Carmina e saiu em seguida.

O caminho até a casa de Pedro pareceu curto demais. Ela quase se arrependeu de ter colocado o vestido e mais ainda de ter aceitado ir a casa dele. Pensou em desistir, mas ao mesmo tempo sabia que não teria outra chance e resolveu encarar o que viria pela frente, até mesmo encontrar Pedro beijando a ruiva. Ia repetindo o que poderia dizer para não parecer tão tola, quando entrou na rua e viu Pedro molhando as plantas do jardim da mãe.

– Ah, você veio... espera que eu vou fechar a torneira.

Sentaram-se nas poltronas da varanda. As crianças brincavam na rua fazendo barulho, indiferentes à ansiedade que Zelda sentia naquele momento.

– Então, o que você quer falar?

– Você já tentou se explicar para alguém e simplesmente descobriu que não existiam palavras no dicionário para isso?

Ele abaixou os olhos sem encará-la.

– Alguma coisa ou alguém é muito mais importante do que eu a ponto de você... simplesmente... você me esqueceu no meio de uma lanchonete lotada de gente e fez o mesmo nos dois dias seguintes.

– Não tem ninguém mais importante do que você, Pedro – disse com os olhos cheios de água – eu preciso que você saiba que eu sinto muito pelo que fiz. Eu saí correndo daquele jeito... quando você falou da lua... porque eu queria ver se havia uma lua diferente no céu e também porque...

– Calma! Fala devagar... eu não estou entendendo nada.

– O que eu quero dizer é que estou sentindo muito a sua falta. Que o meu coração não para de doer quando eu lembro da gente junto e que eu nunca senti isso por nenhum garoto. E eu... tenho certeza que ninguém te ama mais do que eu... nem mesmo aquela ruiva que...

– De que ruiva você está falando?

– Olha Pedro, eu tenho certeza de que eu preciso falar isso agora senão eu não vou falar nunca mais. Eu sei que você deve estar interessado naquela garota que estava com você. Ela é linda e deu pra ver o quanto vocês dois combinam. Mas eu tinha que vir aqui e te dizer isso senão eu nunca mais irei ter sossego na vida. Eu te amo e mesmo que você não me queira mais, aliás, eu sei que você não vai me querer nunca mais, mas mesmo assim, eu precisava te dizer isso. Sinto muito por tudo. Sinto muito mesmo e... é tarde e eu tenho que ir embora.

Ela fez menção de se levantar quando ele segurou o braço dela.

– Ei, espera aí. Não entendi nada do que você disse, a não ser que você me ama... eu também te amo.

Ela ia retrucar quando a última frase ecoou no seu ouvido.

– Você me ama? Ainda?

– Mais do que tudo nessa vida e há muito tempo. Eu te disse, eu te observo desde quando vim morar nessa cidade e te encontrei no primeiro dia de aula no colégio.

– Mas você tinha uma namorada linda, a Karen.

– Tem razão, ela é muito linda, mas não é o tipo de garota que eu gosto. Eu gosto das meninas que têm o que falar, que têm ideias, gostam de arte, de ler... essas coisas que você curte. É por isso que sofri como um condenado quando você me deixou largado naquela mesa – completou.

Os dois estavam de pé, falando muito próximos um do outro e se olhando nos olhos:

– Perdoa ter saído correndo daquele jeito?

– Todo mundo ficou zoando da minha cara.

– Eu sei.

– Colocaram uma rosa na minha carteira.

– Eu sei – ela disse com uma lágrima rolando pela face.

– E escreveram bilhetinhos no quadro e desenharam um coração com o seu nome na capa do meu caderno. Mas nada disso foi pior do que imaginar que eu não significo grande coisa para você. Você sequer se deu ao trabalho de me ligar no dia seguinte. Fiquei o domingo inteiro olhando para o telefone esperando pelo menos uma mensagem sua... mas você sequer se deu ao trabalho.

Pedro não falou mais nada, apenas a puxou ainda mais para perto e a beijou apaixonadamente. Estavam morrendo de saudades um do outro e Zelda abraçou a nuca dele com força, com medo de perdê-lo novamente. Esqueceram-se do tempo e de tudo ao redor. Para os dois, não havia mais crianças na rua, carros passando e coisas acontecendo. Nada importava naquele momento.

O fim da tarde chegou com os dois fazendo juras de amor, sem qualquer tipo de ressentimento. Em relação à garota ruiva, ele explicou que era sua prima e que ela queria conhecer o colégio e os amigos dele. Naquele dia tinha almoçado com a família dele e depois foi embora, por isso atendeu ao telefone quando ele estava no banheiro.

Caminharam até a praça e finalmente, quando a noite chegou, Zelda lembrou que tinha que voltar para casa. Prometeu que nunca mais o deixaria sem antes dar uma explicação e o compromisso era ouvir um ao outro quando fossem tomar decisões importantes.

A formatura

A correria de fim de ano foi ainda maior para Zelda, que teve de estudar dobrado para recuperar algumas notas. Desde que recebera o primeiro bilhete, praticamente não parava mais para estudar e isso havia comprometido o seu rendimento. Selenia, por sua vez, como sempre, salvou as notas baixas do início do ano somente nas provas finais.

A única preocupação da irmã de Zelda era poder ir ao baile de formatura com o vestido mais lindo da festa. Diana concordou em acompanhar as meninas para comprarem o que as três iriam usar. Zelda, na verdade, decidiu ir à festa apenas para acompanhar Pedro, que estava terminando o terceiro ano. Já Selenia iria terminar o ensino fundamental.

Zelda gostou de um vestido na primeira tarde de compras, mas Selenia passou dias sem encontrar o que queria.

– Elas andam e veem vitrines a tarde toda e no fim do dia, reclamam que não viram nada. Eu não aguento isso, Minda. Melhor que saiam sozinhas porque eu já escolhi o meu vestido.

Como havia decidido, Zelda não comentou nada com o pai, mas no último dia de aula, ao chegar em casa viu que a caixa do correio estava aberta. Foi ver o que tinha dentro e encontrou mais um bilhete misterioso.

“O que estou a dizer

há muito é de vosso conhecimento.

Sabes que tem compromisso

e espero não haver sequer um lamento.

O tempo se esgotará

e todo o planejado se concretizará.”

O.D.

O mesmo O.D. escrevera a mensagem, também com o mesmo brasão de Constantyna. Com mais tempo livre, Zelda lembrou-se que seria bom conversar com a avó para saber se descobriria alguma coisa que pudesse ajudar a decifrar os últimos acontecimentos. Encontrou Diana deitada numa espreguiçadeira à beira da piscina de casa. Viúva de Tadeu, o avô de Zelda que foi um rico comerciante, ela tinha o suficiente para viver bem para o resto da vida. Quando Eunice desapareceu, pediu para criar as netas, mas Ângelo recusou prontamente apesar de não ter as mesmas condições financeiras que a sogra.

Diana ficou surpresa com a chegada de Zelda e se sentou para conversar.

– Que ótimo você ter vindo me fazer uma visita.

– Vovó, eu preciso falar com a senhora.

– Algum problema? É sobre o vestido?

– Não é sobre o vestido. É que eu gostaria de tirar umas dúvidas. Ou melhor, queria lhe fazer umas perguntas e as respostas são muito importantes para mim. Acho que só você pode me ajudar a esclarecer alguns fatos.

– Que fatos? – Perguntou com uma leve ponta de preocupação.

– A morte da mamãe, por exemplo... E o fato de que talvez ela não esteja morta.

Diana se levantou rapidamente.

– Quem lhe disse isso?

– Eu descobri por conta própria.

A avó puxou a neta pelo braço e levou até a cozinha. Zelda ia recomeçar a falar, quando sentiu cosquinhas na perna. Era Súra, a gata cinza de olhos amendoados que a avó criava há muitos anos.

Uma vez instaladas à mesa, Diana puxou a conversa.

– Foi seu pai quem lhe contou, não foi?

– Foi. Mas só porque eu perguntei, disse tentando desviar-se da história das cartas.

– Creio que ainda é muito cedo para isso.

– Muito cedo para o quê, vovó?

Diana colocou as mãos na cabeça e ficou com os cotovelos apoiados sobre a mesa. Seu semblante era de preocupação.

– Para você saber sobre sua mãe.

– Não sou mais criança. Tem alguma coisa acontecendo e eu preciso saber o que é.

– Você disse: tem alguma coisa acontecendo... O que exatamente está acontecendo?

– Você... e o papai... não falam o que sabem sobre a mamãe. – Tentou disfarçar de pronto.

– Eu sei que você precisa saber de tudo. Aliás, se tem alguém que precisa saber de toda a história, penso que é você. Só não sei se é o momento certo... se você está preparada para saber de tudo.

– Saber que a mamãe não morreu?

– Não apenas isso. Saber que você é uma pessoa especial, assim como sua mãe.

– Como assim especial? O que a senhora tá querendo dizer com isso?

– É difícil dizer... é mais intuição mesmo. Você é descendente de uma família diferente... com uma missão diferente.

– Diferente como?

– Eu não sei explicar direito, Zelda. Nem seu avô e nem Eunice foram sinceros o suficiente comigo. Acho que eles não queriam me preocupar...

– O vovô também?

– Sim. Ele também.

– Mas o vovô não morreu?

– Sim. Morreu.

– A senhora tem certeza?

– Está vendo o absurdo que está me perguntando, Zelda? Eu não saberia que meu marido morreu?

– Então por que a senhora tocou no nome dele?

– É que seu avô também fazia parte dessa linhagem.

– Vovó, por favor, conte tudo o que sabe!

Diana estava visivelmente apreensiva e Zelda se deu conta que nunca a viu daquela forma. Pelo contrário, sempre alegre e feliz, parecia que a única preocupação de Diana era escolher o vestido que iria usar na próxima festa.

– Minha neta – ela começou a alisar o cabelo de Zelda – o que sei é uma coisa que talvez mude completamente o seu destino. Não sei se tenho esse direito.

– Diga, vovó... por favor... conte o que sabe. Eu não aguento mais ficar vendo aqueles bilhe...

– Bilhetes? – Diana pareceu desabar sobre a cadeira mais próxima. – Então você é mesmo a próxima...

Zelda não sabia se falou demais ou se, pelo contrário, já deveria ter contado antes sobre os bilhetes que estava recebendo.

– Sou a próxima a que?

– Bem, você é uma Sales...

– Sim, eu sou. Eu e a Selena também.

– A Selena é praticamente uma criança e ... além disso...

– Além disso, o que?

– Os bilhetes vão parar nas mãos certas, sempre!

– Como a senhora sabe disso?

– Seu avô disse.

– O que mais o vovô disse?

– Ah, Zeldinha, se você soubesse como o meu coração está partido. Minha neta, preciso que saiba que eu te amo muito...

– Eu também, vovó, – ela completou impaciente. – Mas, diga, como sabe que os bilhetes acabam nas mãos da pessoa certa?

– Sua mãe estava grávida, não havia porque ela vir aqui em casa, muito menos mexer em gavetas e armários...

– E então...

– Então ela deixou cair um porta-retratos com uma fotografia dela e do pai. O

vidro se quebrou e atrás da fotografia havia uma carta onde o seu avô Tadeu falava sobre uns tais bilhetes misteriosos... Eunice também estava recebendo bilhetes muito parecidos... até sumir também.

– Sumir como?

– Não sei, não sei de mais nada, Zelda. Já falei tudo o que sabia. Além disso, pode ser que com você seja diferente. Espero de todo coração que seja.

– Por quê?

– Por nada. Já disse, aliás, acho que falei até demais.

– Mas vovó... eu preciso saber...

– Não vou dar conta disso também, entende? Simplesmente não me peça pra falar mais nada... quanto ao seu vestido...

– Não precisa! Ela gritou frustrada. – Nem sei se irei mais a essa porcaria de festa!

– Você está sendo grosseira, Zelda! Eu quero apenas te proteger.

– Assim como protegeu minha mãe?

Diana abaixou a cabeça. Zelda, por sua vez, saiu aos prantos. Nunca se sentiu tão sozinha em toda a vida.

Os dias avançavam rapidamente e a formatura estava cada vez mais próxima. Selenia finalmente encontrou o vestido que queria, muito mais caro e chamativo do que o de Zelda, que havia se decidido por um vestido vermelho curto, com alguns bordados brilhantes na altura do busto. Já o de Selenia era verde esmeralda de seda pura, longo e com um barrado de flores com várias nuances também em verde.

– Minda, a Zelda comprou um vestido da cor da almofada preferida! Brincou Selenia na véspera da festa.

Zelda não gostou da brincadeira, mas simplesmente não tinha ânimo de discutir com ninguém. Ainda mais depois do diálogo difícil que teve com a avó.

Pedro também estava empolgado, não pelo baile, mas pelo fato de ter oportunidade de fazer faculdade no ano seguinte. Queria estudar engenharia e vinha estudando ao máximo desde o ano anterior pensando no vestibular que teria pela frente.

– Você não parece animada, – ele disse na noite anterior – quando estava contando sobre alguns passos de valsa que tinha ensaiado com a mãe.

– Estou – ela disse tentando disfarçar a preocupação. É que estou pesquisando algumas coisas.

– Que coisas?

– Ah... nada importante. Vendo algumas coisas sobre vários cursos. Não sei ainda o que vou fazer depois do colégio.

– Minha namorada me enche de orgulho! – Pedro falou antes de abraçá-la e ela ficou mais uma vez se sentindo culpada por não ter contado nada a ele. Como sempre acontecia, considerou mais uma vez que não poderia expor Eunice e nem a família sem antes de saber o que realmente tinha acontecido.

No dia do baile, acordou com enormes olheiras porque tinha passado a noite em claro. Na noite anterior telefonou para Diana a fim de obter mais informações, mas a avó deixou bem claro que não conversaria mais sobre qualquer assunto relacionado ao desaparecimento de Eunice.

– Zelda, esquece tudo isso de uma vez por todas. Se receber algum bilhete, rasgue imediatamente e finja que nada aconteceu.

– Mas vovó, eu não posso simplesmente fingir que nada aconteceu.

– Pode e deve. Faça isso. Você sabe que o seu pai já está estressado o suficiente, mas se for preciso, se eu souber que você anda atrás de mais coisas sobre esses bilhetes, eu vou até ele e conto tudo. Tenho certeza que

concordará em te mandar passar uns meses na casa da irmã dele, bem longe de Constantina.

A reação de Diana apenas confirmou o que Zelda já sabia: tinha mais coisas envolvendo o desaparecimento da mãe e, quem sabe, do avô.

Os bilhetes falavam em uma missão e ela queria saber a todo custo que missão seria aquela e, o mais importante ainda, onde deveria ser cumprida. Isso provavelmente esclareceria onde estariam Eunice e Tadeu, se é que ainda estavam vivos passados tantos anos.

A casa ficou vazia porque era dia de folga de Carmina e Diana saiu com Selenia para as últimas compras antes de irem ao salão de cabeleireiro. A neta mais nova iria se arrumar na casa da avó e seguiriam juntas para a festa. Carmina também tinha deixado o terno de Ângelo passado no armário. Ele passaria o dia fora trabalhando e só voltaria pouco antes de se vestir.

Estava no sofá lendo um livro que pegou emprestado no colégio sobre descobertas científicas quando se lembrou do porta-retratos que a avó havia falado. Não teve dúvidas em seguir imediatamente para a casa de Diana.

Súria demonstrava muita preguiça deitada sobre o muro baixo da casa da avó quando Zelda passou por ela e conferiu pelo olhar da gata de que não era bem-vinda. Sentiu um aperto no peito, pois nunca havia invadido a casa de ninguém às escondidas, mas tinha certeza de que Diana não concordaria em mostrar a carta de Tadeu a ela espontaneamente.

Sabia que Diana sempre mantinha uma chave extra embaixo de um vaso de samambaia para que a faxineira pudesse entrar quando estivesse fora. Apesar de pegajosa devido à umidade, a chave abriu com facilidade a porta da cozinha. Súria entrou com Zelda como se quisesse “averiguar” o que a garota iria fazer na casa de sua dona. Zelda caminhou pelos ambientes imaginando onde poderia encontrar a tal carta. Olhou alguns papeis na gaveta da mesa do escritório ao lado do quarto e não encontrou nada. Ia tentar encontrar a chave do arquivo onde Diana guardava os documentos, quando lembrou-se do porta-retratos. Fazia todo sentido que a carta permanecesse no mesmo local onde Tadeu a tinha guardado.

Na sala, foi fácil localizar a fotografia de um pai com uma bebê fofinha no colo, que chamava a atenção pelo amor que transparecia nos olhos dele. Zelda não teve dúvidas em virar as linguetas da parte de trás e em seguida retirar o vidro. Sua suspeita foi confirmada assim que tirou o papelão que protegia a fotografia. Encontrou um papel fino, cuidadosamente dobrado, com uma caligrafia caprichada escrita com uma caneta azul. Ela sentiu um arrepio de emoção. Com certeza era a carta de que Diana falou. Certamente Eunice havia decidido mantê-la no mesmo lugar onde foi encontrada.

“Minha querida filha,

Escrevo essa cartinha para me apresentar e ao mesmo tempo me despedir.

Sei que você deve ser uma moça crescida e inteligente, uma Sales de verdade. Saiba que daria tudo na vida para ter acompanhado os seus passinhos desde a infância, ter te dado colo diante das primeiras quedas e dos primeiro choros.

Infelizmente isso não foi possível porque tive que assumir compromissos que agora não vêm ao caso. Aprendi que o destino não pode ser mudado e quando se tem uma missão, deve ser cumprida à risca.

Você deve estar se perguntando por que escrevi essa carta e a deixei guardada nesse porta-retratos. Primeiro porque tenho certeza que sua mãe irá guardar com todo carinho essa fotografia e jamais deixará que alguém a leve de nossa casa. Em segundo lugar, porque você tem o direito de saber o que aconteceu com seu pai. Eu não abandonei você e sua mãe porque quis, mas por motivos alheios à minha vontade, e Diana sabe disso.

Antes de tomar a decisão de partir, a fiz prometer que viveria plena e feliz, sem que as nossas recordações fossem transformadas em tristeza. O mesmo eu te digo, filha: siga a sua vida da melhor forma possível, ame e se divirta bastante.

Se o que eu penso é verdade, vocês duas estarão a salvo de qualquer perigo. Por isso, sejam felizes e fiquem em paz. Que você tenha uma linda família, meus descendentes, verdadeiros Sales, a salvo de tudo.

Do pai que te ama muito, Tadeu”.

A garota estava paralisada. Estava claro que Tadeu não morreu, pelo contrário, assumiu a tal missão descrita nos bilhetes e teve que abandonar a família de uma hora para outra. Eunice deve ter feito o mesmo e, agora, ela também teria que fazer o que eles fizeram. Mas e se não quisesse? Se simplesmente ignorasse os bilhetes, o que aconteceria? Estava pensando nisso quando lembrou-se que Cíntia provavelmente já estaria em sua casa para se arrumarem para a festa.

Recolocou a carta no lugar com o papelão e o vidro e fechou as linguetas. Depois seguiu para casa praticamente correndo. Antes, encontrou Zacarias sentado no meio-fio da esquina.

– Para de procurar porque quem procura acha...

– Por que você diz isso?

– Porque sim, oras. Quem procura acha... e você está procurando demais.

Ela olhou para ele com curiosidade e a vontade era de se sentar e perguntar o que ele queria dizer com aquelas palavras em forma de aviso, mas tinha que se arrumar com urgência. Na verdade, Zelda era uma das poucas pessoas na cidade que parava para conversar com o mendigo. Seguiu em frente e quando olhou na direção de casa, viu um vulto se afastando rapidamente. A noite estava começando e não havia mais claridade suficiente, mas ela pode perceber que alguém saiu de perto da caixa do correio. Abriu o compartimento de metal e encontrou mais um envelope azulado.

“Foram muitos os avisos

disso não podes se queixar.

Poucos dias faltam ainda,

para tudo se fechar.

Esqueças amores e vida terrena

porque somente

no seu verdadeiro mundo

em paz irá ficar”.

P.S- a vida de quem você ama está em suas mãos!

O.D.

Zelda ficou apavorada. Tudo começava a fazer sentido. Realmente Tadeu e Eunice tiveram “que tudo abandonar” e muito provavelmente fizeram isso para salvar a família. A questão era, por que ela teria que fazer o mesmo? Que mundo era aquele que a mensagem dizia? Só ali teria paz? E se resolvesse ficar onde estava, com Ângelo e Selenia, o que aconteceria com eles? Será que sofreriam um acidente sem mais sem menos, será que adoeceriam? Só em pensar no que poderia acontecer com sua família a garota ficou ansiosa e suas mãos suavam.

Cíntia chegou meia hora depois com bobes no cabelo e o vestido dentro de uma sacola. Apesar de preocupada, Zelda conseguiu demonstrar tranquilidade e uma amiga maquiou a outra. Em relação ao cabelo, decidiu fazer um coque e deixar alguns fios soltos, o que deu ainda mais suavidade ao seu rosto de traços delicados. O vestido vermelho frente única ressaltou a cintura fina e os braços de Zelda, que se sentiu insegura, pois não estava acostumada a usar aquele tipo de roupa. Cíntia também estava muito bonita de azul, com um vestido longo e saltos altos. Ambas chegaram ao baile acompanhadas por Ângelo, que estava elegante com o terno escuro, porém, Zelda percebeu que ele estava muito cansado e só tinha ido à festa porque era a formatura da filha. Sentaram-se numa mesa perto do palco que foi reservada por Selenia, que com a avó, já estava perambulando pelo salão quando o restante da família chegou.

Pedro surgiu em seguida. Zelda achou que ele estava ainda mais bonito vestido com um terno preto, camisa clara e um cravo da cor do vestido da namorada na lapela. Ele confessou que pressionou Selena para contar qual a cor do vestido dela, pois queria que Zelda ficasse com o cravo como lembrança depois do baile.

A cerimônia de entrega dos diplomas foi rápida e a direção do colégio abriu o salão para as valsas logo em seguida. Selena dançou com o pai e Pedro com a mãe, junto aos demais alunos do colégio que lotavam a pista. Em seguida, Pedro veio até a mesa e chamou Zelda para a segunda valsa. Ela percebeu quando Selena começou a dançar com um colega de sala e a partir daí não enxergou mais nada a não ser o rosto de Pedro à sua frente. O tempo, as pessoas, a música, tudo parou ao redor deles e ela só conseguia sentir os braços do namorado em volta de sua cintura. Grossas lágrimas escorreram pela face e ele as enxugou com o dorso da mão olhando-a detalhadamente com olhos apaixonados. Em instantes, abaixou a cabeça e falou no ouvido dela que a amava.

– Eu também te amo, me perdoa.

– Perdoo. Não sei de quê, mas perdoo. Sempre irei te perdoar porque sempre irei te amar.

Zelda percebeu que as pernas tremiam e se deu conta de que dançava de forma automática. Isso de certa forma tinha sido bom porque ninguém percebeu o que se passava com ela naquele momento. Talvez, nem mesmo Pedro, que a observava com encanto.

– Você está linda...

– Obrigada... ela respondeu temendo o futuro dali por diante.

A valsa terminou e Pedro pediu licença a ela para dançar com a prima que tinha acompanhado a família ao baile. Ela concordou, mas antes, para surpresa de quem estava por perto, puxou o namorado pela gravata para perto de si e o beijou apaixonadamente. Foi a primeira vez que tomou aquele tipo de iniciativa e ele disse que gostou muito antes de se afastar.

– Não se esqueça, eu te amo – ela disse baixinho, ao que ele respondeu “eu também”. Em seguida, ela tirou delicadamente o cravo da lapela do paletó, guardando-o junto a si. Pedro gostou do que viu e se afastou sorrindo.

Vinte minutos depois, Zelda suspirou fundo enquanto caminhava apressadamente até a praça. O último bilhete foi categórico e ela não poderia arriscar a vida das pessoas que amava. Deixar o baile no meio da festa foi uma coisa que fez meio sem pensar, mas não aguentava mais ver todo mundo se divertindo enquanto ela estava com um turbilhão de ideias na cabeça.

Parece que metade da cidade estava no baile e a outra metade dormindo porque a praça estava completamente vazia. A garota olhou para o céu em busca do tal sinal que o bilhete falava e constatou a aura azul em volta da lua. O azul era brilhante e inconfundível, no tom mais bonito que ela já vira e Zelda ficou inquieta sem saber se o próximo passo era o que realmente imaginava.

De volta ao lar, trocou o vestido pelo velho jeans e o moletom vermelho de capuz, calçou o tênis e pôs todos os bilhetes na mochila. Ali também pegou as fotocópias que havia tirado na biblioteca, os cartões-postais que foram da mãe, o livro que estava lendo emprestado do colégio e o cravo que Pedro usou durante o baile. Antes de sair, também guardou na mochila uma fotografia de Ângelo com ela e Seleno no dia de uma apresentação do colégio e ficou olhando ao redor para ver se precisava de algo mais. A decisão é que ficaria na praça até que alguém, e ela acreditava que, seria a pessoa que escreveu os bilhetes, aparecesse e desvendasse de uma vez por todas o mistério que cercava sua família.

“Se você é uma Sales,

leia com atenção.

Mas se não for dessa família,

Esqueça logo de primeira mão.

*Antes que o Sol apareça
e depois que a madrugada
lhe enrijeça,
um sinal surgirá no céu
e na praça dessa cidade,
lhe será descortinado o véu”.*

L.C.

O sinal no céu só poderia ser a lua azul, igual ao do sonho que tinha tido, e ela estaria ali para ver o que iria acontecer. Fosse quem fosse o autor dos bilhetes, não poderia culpá-la por omissão. Sentou-se no banco do ipê e algum tempo depois resolveu caminhar em volta da estátua que ficava no centro da praça.

Intrigada, viu quando Súria se aproximou e ronronou perto dela, passando o corpo peludo por suas pernas. Zelda abaixou-se e ia pegar a gata no colo, quando o animal se afastou arisco e caminhou até a estátua, que era cercada por uma pequena grade de ferro. Súria passou pela grade com facilidade e miou em direção a ela. Zelda sentiu que a gata queria lhe mostrar algo e deu a volta até se deparar com uma chave muito grande e dourada, como se fosse para abrir uma porta de um castelo.

O primeiro pensamento da menina foi imaginar como um objeto daqueles ficou ali no meio da praça sem chamar a atenção de ninguém. Pulou a pequena cerca, abaixou-se e tocou na chave, quando ouviu um estrondo enorme. Era como se um raio tivesse sido atraído do céu naquele instante e caído ao seu lado. Uma luz muito forte invadiu toda a praça e ela cerrou os olhos o máximo que pôde, com medo de ficar cega. Tinha consciência de tudo o que estava acontecendo e o último gesto que teve foi o de segurar na cerca para ter certeza de que não cairia. Seu corpo parecia muito mais leve, porém, não tinha forças para nada a não ser pensar nos últimos

acontecimentos. Relembrou Pedro dançando com ela no baile, Cíntia tirando os bobes do cabelo, Selenia no palco fazendo o discurso de abertura da festa e o pai sentado com cara de poucos amigos diante da juventude que se divertia à sua volta. Permaneceu de olhos fechados ouvindo a propagação do barulho e da luz que chegava parcialmente à retina durante um tempo que ela não soube precisar se era muito ou pouco. De repente, tudo voltou ao silêncio, a claridade acabou e ela sentiu que fora arremessada em um lugar macio. Caiu deitada de lado e sem consciência do que tinha acontecido.

Em Constantyna

Zelda acordou com a pele do rosto ardendo devido ao sol forte. Suada, sentou-se sem conseguir abrir os olhos direito. Apalpou o chão e percebeu que tinha caído sobre um gramado macio. A cabeça latejava enquanto ela recobrava a consciência aos poucos, até se lembrar da chave. Pôs a mão nos olhos porque a claridade era grande e levantou devagar, sentindo-se fraca. Quando finalmente conseguiu enxergar ao redor, a primeira impressão que teve é que tinha dormido no meio da praça. No mesmo lugar onde estava na noite anterior.

Ajeitou a mochila nas costas e decidiu voltar para casa. A dificuldade seria explicar ao pai o porquê de ter dormido na rua. Andava de cabeça baixa, sentindo a cabeça latejar e pensando numa caneca de achocolatado. Não tinha comido praticamente nada na festa e a fraqueza que sentia era grande quando notou que o calçamento da cidade estava diferente. Muito mais limpo e conservado, tinha um aspecto bem diferente das calçadas que estava acostumada a pisar.

As casas também estavam muito bonitas com novas pinturas e os jardins mais bem cuidados. Zelda achou que tinha dormido muito mais do que uma noite porque várias fachadas das casas e do comércio estavam diferentes e isso não poderia ter acontecido de uma hora para outra. Continuou caminhando e ficou admirada porque as flores nas jardineiras cheiravam de uma forma muito mais intensa do que ela estava acostumada.

Parou em frente ao portão de casa pensando numa boa desculpa para dar ao pai por ter chegado tão tarde, ou melhor, tão cedo, quando percebeu que muitos lírios haviam sido plantados na frente de casa sem que ela tivesse percebido. O jardim também tinha outras flores, rosas e margaridas de várias cores que ela não conhecia, mas os lírios enchiam os olhos de quem avistasse

o jardim. Também não se dera conta que a fachada fora pintada e a varanda tinha móveis muito mais bonitos. Ao se aproximar e abrir a porta, a surpresa foi ainda maior quando deu de cara com uma sala enorme e muito bem mobiliada. Um sofá macio e confortável ocupava lugar de destaque e a única coisa que ela identificou como igual à de sua casa foi a velha almofada cor de vinho. O resto dos móveis e objetos eram todos de muito bom gosto e pelo jeito, também muito caros. Um lustre de cristal pendia do teto sobre a mesa de jantar com cadeiras estofadas e dava para ver que a cozinha era outra, com uma geladeira grande e espaçosa, bem diferente da antiga que havia em sua casa. Tudo era novo, claro e limpo, inclusive as cortinas brancas que deixavam a luz do sol penetrar no ambiente.

Zelda pisou sobre um carpete macio ao entrar no corredor de seu quarto. Os olhos se arregalaram ao ver que ao invés da sua pequena cama de solteiro desarrumada, havia uma muito maior, coberta por uma colcha magnífica bordada em relevo. Os tons pastel predominavam em todo o ambiente, de acordo com o gosto dela. Zelda estava muito surpresa e ficou ainda mais ao constatar que o armário de roupas também era muito maior e espelhado. No ambiente também havia uma cômoda, uma escrivaninha e criados-mudos ao lado da cama, com lindas luminárias. A pouca luz tornava o ambiente aconchegante e Zelda sentia como se estivesse num conto de fadas. No entanto, o melhor ainda estava por acontecer. Abriu uma porta branca com maçanetas douradas e se deparou com um banheiro muito bonito e funcional, bem diferente do banheiro de sua casa com o pequeno espelho manchado em cima da pia. Zelda tinha certeza que entrou no lugar errado, pois aquele local praticamente não tinha nada a ver com a sua casa, a não ser a disposição dos cômodos. Voltou para a sala e assustou-se ao encontrar uma mulher desconhecida.

– Desculpe, acho que entrei na casa errada.

– Imagine, princesa! Estávamos aguardando a sua chegada.

– Acho que você não entendeu. Eu sou a filha do Ângelo, a minha casa não é essa.

A mulher era alta e magra e usava os cabelos presos com tranças no alto da cabeça. Usava uma saia vermelha com suspensórios da mesma cor e uma

blusa branca de mangas compridas. Zelda achou que a roupa era parecida com a de uma ajudante de Papai Noel, mas não disse nada.

– Sim, filha da princesa Eunice.

– Sim... embora... minha mãe... não fosse princesa.... Como você sabe que eu sou filha da Eunice?

A mulher sorriu de forma delicada.

– Todos nós sabemos. O comandante avisou.

– E quem é você?

– Meu nome é Ane, eu sou uma das camareiras do castelo. Preparei um café da manhã delicioso...

– Onde está meu pai?

– Sinto muito princesa, mas não sei informar...

Ela tinha certeza de que continuava dormindo, ainda mais porque constatou que a mulher usava um broche dourado com o mesmo brasão que viu nos bilhetes azuis. Só não sabia o que fazer para poder acordar. Então, resolveu brincar.

– Vou aceitar o café! Gosto de bolinhos no café da manhã, ovos mexidos com requeijão, pão com presunto, leite achocolatado, pão de queijo crocante, pavê de abacaxi, flocos de cereais, torradas com mel, banana cozida com calda de caramelo e sorvete, iogurte de frutas vermelhas e... – ela estava sorrindo, mas a mulher parecia preocupada.

– Desculpe senhorita, mas não preparei todo esse cardápio, infelizmente, só temos pão amanteigado com queijo derretido, *croissants*, *petit four*, chocolate quente e salada de frutas com suco de laranja.

– Serve! Mas que não se repita essa falha – Zelda sorriu novamente antes de seguir a mulher que parecia constrangida, até a área atrás da casa. A garota queria ver até quando o sonho continuaria e mais uma vez teve uma enorme

surpresa porque em vez do simples quintal da casa havia no mesmo local uma piscina de azulejos azuis com uma cascata cercada por espreguiçadeiras e um pequeno bosque com árvores frutíferas mais ao fundo. Anexa à construção principal, havia uma varanda larga com uma mesa redonda muito bem posta para o café da manhã enfeitada com flores do campo e uma toalha branca.

Zelda agiu como se a situação fosse a coisa mais natural do mundo quando a mulher puxou a cadeira e ela se sentou, colocando o guardanapo no colo. Estava com fome e comeu e bebeu de tudo um pouco, sem se preocupar com o que realmente estava acontecendo. Uma vez menos fraca e mais disposta, voltou a se perguntar o que deveria fazer. Provavelmente o pai estava preocupado e teria que voltar para casa o quanto antes.

A mulher pediu que a esperasse por alguns minutos, pois retornaria em seguida.

Zelda caminhou até a piscina e abaixou-se para sentir a temperatura da água. Ela achava que precisava refrescar-se porque apesar de ter comido, de repente passou a sentir uma fraqueza inexplicável.

Um senhor de idade, de rosto largo e amistososo a observava quando ela acordou sentindo muito enjoo e um pouco de tontura. Estava deitada na cama do quarto que havia entrado antes.

– Olá – ele disse sorrindo. – Espero que esteja se sentindo bem.

– Estou enjoada...

– É de se esperar. Sempre acontece com quem atravessa o portal.

– O portal... que portal o senhor está falando?

– A passagem entre Constantina com “i” e Constantyna com “y”.

– Constantyna com “y”? Então quer dizer que existe mesmo?

– Sim, Constantyna existe. E você está nela!

– Então quer dizer... esse lugar onde estamos não é mesmo a Terra?

Ele sorriu compreensivo.

– Estamos na Terra Paralela. Um planeta irmão do seu planeta.

– Mas é tão parecido...

– Isso mesmo. Por serem planetas irmãos, foram formados exatamente na mesma época porque são resultantes de uma mesma explosão. Isso naturalmente há milhões de anos...

Zelda nunca havia ouvido falar em uma Terra Paralela, mas agora pelo menos tinha consciência de que o que estava vivendo era real.

– E esse lugar... quero dizer, Constantyna é uma cidade?

– Um principado, senhorita, mas nos acostumamos a chamá-lo de reino. Um reino que abriga diversos condados.

Zelda parecia alheia ao que o homem falava.

– Durma, você irá precisar de pelo menos 24 horas para ficar bem.

Zelda não queria, porém adormeceu praticamente em seguida. Sonhou com o pai e com Pedro e depois achou que estava acordando em seu quarto. Procurou a caixa de sapatos embaixo da cama e ouviu a fala de Selena na sala durante algum tempo. Depois, voltou a dormir novamente. Isso demorou horas, até acordar no dia seguinte.

Quando se levantou e caminhou até a sala, Zelda percebeu que o senhor idoso conversava com Ane.

– Ela não está nada bem, Ane, é preciso ficar atenta.

– Pode deixar doutor Diógenes. Qualquer coisa eu peço para o Carlos chamar o senhor – disse a mulher antes de fechar a porta após a saída do homem.

– Princesa, já acordou?

– Já descansei bastante. Só preciso raciocinar direito: por mais doida que seja essa história, eu atravessei um portal e vim parar num outro mundo. É isso, não é?

A camareira fitou-a praticamente sem reação e ela entendeu que tinha razão.

– Princesa...

– Desculpa Ane, mas pode parar de me chamar de princesa? De onde eu venho, só o meu pai me chama assim e precisa estar de bom humor, senão é Zelda mesmo.

– É sobre sua mãe. Ela está...

Antes que Ane falasse mais alguma coisa, ouviram um barulho vindo do quarto ao lado. A camareira abriu a porta correndo e Zelda a seguiu. Uma mulher vestida com uma camisola branca de mangas compridas estava caída sobre o tapete.

– Princesa, como aconteceu isso? A senhora não pode se levantar...

Zelda ficou imaginando que Ane chamava todo mundo de princesa até se dar conta de que estava diante de uma mulher muito parecida com sua mãe. As cortinas estavam fechadas e mesmo na penumbra percebeu que ela estava muito doente.

O coração batia apressado e Zelda se emocionou ao fitar o rosto da mulher à sua frente e constatar que era Eunice, a mesma das fotografias que tinha em casa, embora mais magra e pálida. Foi impossível segurar as lágrimas, que começaram a rolar uma atrás da outra.

Ane estava preocupada com o estado de saúde da patroa e gentilmente pediu que a garota esperasse do lado de fora do quarto, mas a mãe fez sinal para que ficasse.

– Filha, por favor, se aproxime – disse com uma voz muito fraca, difícil de decifrar.

De todas as surpresas que tinha tido nas últimas horas, encontrar a mãe que

acreditava estar morta, ou que havia desaparecido com o amante, foi a maior delas. A vontade inicial foi correr até ela e abraçá-la, mas teve medo de estar fazendo algo errado porque a aparência de Eunice não era das melhores. Muito magra e pálida, dava para perceber que sentia muita dor ao respirar porque colocava a mão no peito a todo instante.

– Que bom que você chegou, disse chamando-a para perto de si com gestos lentos.

– Você é a minha mãe mesmo? Então não morreu?

A mulher sorriu fracamente e o esforço parecia ser muito grande para ela. Algumas lágrimas começaram a escorrer pelo rosto da menina e ela enxugava uma a uma calada, parada no meio do quarto.

– Venha aqui meu bem. Fique mais perto de mim. Você deve ter tantas perguntas e eu tenho medo que não tenha tempo para responder todas elas.

Por mais que não quisesse reagir daquela forma, e por mais que estivesse contente por rever a mãe, deixou transparecer o que tinha de mais forte: o amor incondicional pelo pai. As palavras dele ecoavam em seu ouvido ao relembrar o modo de agir de Eunice antes do parto de Selenia.

– Por que você me largou com meu pai e minha irmã? Foi para ficar com o Luciano Celta?

– Zelda... minha querida filha... é uma longa história. Sente-se aqui na cama, pertinho de mim.

Sem levar em consideração o estado de saúde em que Eunice se encontrava, ela voltou a falar:

– Diga que não, diga que nunca mais viu o tal Luciano.

– Filha, não é simples assim...

Nesse momento bateu o desespero.

– Não é simples? O que é simples para você? Deixar o marido abandonado

com duas crianças, ou melhor, dois bebês para criar. Isso é simples? Ferir o melhor homem do mundo, o mais terno, gentil e carinhoso, que se matava de trabalhar para sustentar a família é simples?

Começou a falar sobre o sofrimento de todos, incluindo Diana, que levou anos calada, apesar da personalidade extrovertida. Também comentou os aniversários que teve que comemorar sem a presença da mãe nas fotografias, as noites em que ouviu o pai chorar trancado no quarto. Falou das birras que Selena fazia na escola quando – durante as festinhas do Dia das Mães – não tinha a quem entregar a lembrancinha preparada com todo carinho com a ajuda da professora. Nesses dias, quando voltava para casa, Selena pisoteava o presente até destruí-lo por inteiro e depois chorava até dormir. Ninguém conseguia consolar a menina, nem mesmo Carminda. Eram muitas lembranças que começaram a sufocar Zelda ali em frente à mãe que nunca soube que iria ver novamente.

– A senhorita me desculpe, mas a princesa está muito doente. Não tem condições de ouvir as suas palavras nesse momento... – interferiu Ane de forma ríspida.

– Desculpe. Agora não adianta nada mesmo...

Zelda saiu do quarto entre aliviada e arrependida. Era um sentimento estranho que ela não sabia como lidar. Por um lado, tinha uma mãe frágil e doente em cima de uma cama, por outro, as lembranças do sofrimento que teve na infância.

Precisava espairar, pensar em tudo que estava acontecendo. Saiu pelo portão da frente sem fazer barulho. Restava a ela conhecer Constantyna.

Andou durante muito tempo com a segurança de quem conhecia a cidade, o que, de certa forma, era verdade já que Constantyna era uma espécie de cópia melhorada da cidade onde nascera. Passou pelo colégio, com um pátio com muitas árvores e flores pelas imediações. Não havia pichações e nem bancos quebrados e ela viu que a única coisa idêntica era o sorriso dos adolescentes que saíam das aulas fazendo piadas uns com os outros.

O comércio, a praça... tudo era muito parecido, só que de uma forma mais

limpa e organizada. Zelda ficou com o coração acelerado quando passou em frente a uma casa onde na Terra seria a casa de Pedro, mas viu que era habitada por uma família muito diferente da dele. Por um instante ela teve a esperança que não somente as casas, mas também as pessoas fossem iguais às de Constantina, mas constatou que infelizmente isso não era verdade. “Não existe uma cópia para pessoas. Cada pessoa é única”, avaliou já sentindo muitas saudades do pai e do namorado.

Zelda encerrou a caminhada no lago, onde ficou durante muito tempo sentada no gramado olhando os cisnes nadarem sobre as águas esverdeadas. A quase certeza de que nunca mais andaria de pedalinho com Pedro foi forte e ela chorou mais uma vez antes de voltar para a casa de Eunice. Sabia que tinha muita coisa pela frente, era preciso enfrentar fosse o que fosse, afinal de contas, tudo aquilo que estava vivendo era uma missão, como foi dito nos bilhetes, mas a insegurança era maior do que tudo e o desânimo a acompanhou durante o caminho de volta.

Ane estava na cozinha preparando o jantar e a recebeu com um sorriso, apesar do que havia acontecido pela manhã.

- Sua mãe está melhor, mais tranquila.
- O que ela tem? Perguntou pegando uma maçã da cesta de frutas.
- Algo relacionado aos pulmões, ela não consegue respirar direito.
- E isso é grave?...ela... está tão magra.
- A princesa Eunice está muito debilitada.
- Por que você a chama de princesa? Aliás, a mim também...

A mulher deu um sorriso sem graça.

- Se a senhorita quiser – disse desconversando – pode tomar um banho de banheira. Tem toalhas no armário do banheiro... e roupas limpas no armário do quarto.

Zelda imaginou que após um dia praticamente caminhando, realmente seria

muito bom poder se refrescar e trocar de roupa. Aceitou a oferta de Ane e depois achou que foi a melhor coisa que fez.

A garota sorriu dentro da banheira com água morna, envolta por uma espuma cheirosa e sais de banho perfumados. Olhou para a bancada da pia coberta com potes de cremes e perfumes, um espelho enorme e toalhas brancas felpudas e imaginou a alegria de Selenia se estivesse ali no lugar dela. Imaginou que a irmã experimentaria cada um dos potes e cada uma das maquiagens dispostas sobre a penteadeira do quarto.

Mais tarde tomou uma sopa de legumes cremosa acompanhada por pequenos *croissants* de queijo recém-assados, tomou água e foi dormir. Acreditou que pudesse entrar no quarto e rever a mãe, mas a camareira pediu que ela fizesse isso no dia seguinte, pois Eunice tomou um remédio para dor e finalmente conseguiu dormir.

A impressão que Zelda teve era que a noite não iria acabar nunca, pois dormiu profundamente durante horas e quando acordou ainda estava escuro. Ficou deitada com a luz do abajur acesa pensando em tudo o que estava acontecendo e decidiu mudar de atitude. Não adiantava ficar relembrando o passado, se ela tinha que viver o presente e era algo diferente do que estava acostumada. Atravessar um portal e chegar a outro mundo era coisa que ela jamais imaginou que fosse acontecer e muito menos com ela, por isso era importante estar disposta a conviver da melhor forma possível com tudo o que viria pela frente.

No meio da manhã, o médico Diógenes voltou para ver a paciente e constatou que ela estava melhor. Quando ele foi embora, recomendando que Eunice não se esforçasse além da conta, Zelda foi convidada a retornar ao quarto da mãe.

A garota sentiu um cheiro forte de medicamento e ficou observando Eunice, cheia de indagações, mas preferiu não demonstrar.

– Você está melhor?

Os olhos fundos da mãe demonstravam muito cansaço e tristeza e ela ficou comovida. Ane ajudou-a a se recostar nos travesseiros e pareceu que Eunice passou a respirar melhor.

– Minha menina, sente-se aqui perto de mim.

Ela balançou a cabeça indecisa e Eunice começou a falar.

– Eu não fugi com o Luciano. Foi ele quem me seguiu pelo portal no dia em que saí da maternidade escondida de todo mundo.

Eunice fitou Ane, que devolveu o olhar em forma de apoio para que prosseguisse.

– Então, vocês só ficaram juntos quando chegaram aqui?

– Nós nunca ficamos juntos, filha. Apesar de ele ter me assediado bastante, eu o fiz entender que jamais trairia o meu marido. Eu nunca trairia o Ângelo com ninguém, nem aqui e nem em lugar nenhum. Eu amo o seu pai e sempre amei, entende?

Zelda não sabia o que falar e preferiu o silêncio.

– Filha, eu não sei qual foi o seu entendimento antes de chegar aqui, mas aconteceram coisas que me obrigaram a vir para cá e deixar vocês na Terra. Foi uma decisão muito difícil, que doeu muito mais em mim do que em vocês, a minha família querida. Você pode acreditar.

A garota quase não conseguia falar porque tinha um nó na garganta que a sufocava e fazia o peito doer.

– Venha cá meu amor, não me negue isso. Deixe-me pelo menos te tocar, tocar a minha garotinha que um dia eu tive que deixar para trás.

Zelda não tinha mais forças para lutar contra o sentimento que tinha no coração. Aproximou-se lentamente e deixou que a mãe segurasse sua mão. Eunice tocou em seu braço e bem devagarinho puxou-a para perto de si. Trocaram o primeiro abraço depois de 14 anos.

As duas choravam enquanto Ane saiu para preparar um chá.

– Deixa eu olhar bem para você – disse Eunice após estarem mais calmas. – Ficou linda como sempre imaginei, tem os olhos e o nariz do pai e o meu

formato de rosto e os meus cabelos. Filha, eu te amo muito, da mesma forma que eu amo a sua irmã. Eu amo vocês duas, mais do que tudo nessa vida, pode acreditar.

Para Zelda, saber que tinha uma mãe e ainda por cima ouvir que sempre foi amada por ela foi a melhor coisa dos últimos tempos. Ela reconheceu isso durante o segundo abraço que deu na mãe, dessa vez com o coração mais calmo. Estavam prontas para recomeçar a conversa quando Ane entrou apreensiva carregando uma bandeja com duas xícaras de chá.

– Senhora, eu trouxe o chá e... um recado urgente.

Eunice ficou preocupada e Zelda percebeu.

– Ele não demorou a agir não foi?

– Não senhora, Carlos e Júlio estão lá fora, o que digo para eles?

– Diga que minha filha chegou cansada e precisa descansar.

– Eu disse, mas as ordens são expressas... a senhora sabe.

Eunice fez um esforço enorme que era visível em sua face e afastou os travesseiros para tentar se levantar.

– Senhora, não se mexa. A senhora está muito fraca – preocupou-se a camareira.

Zelda permaneceu perto da mãe, que a olhou bem fundo nos olhos.

– Minha querida, eu preciso falar com você, mas não sei como começar.

– Eu também preciso falar com você, tenho muitas perguntas a fazer.

– Desculpe meu amorzinho – disse acariciando os cabelos da filha – mas é preciso que por enquanto você apenas me ouça e faça exatamente o que eu disser. Eu entendo perfeitamente tudo o que você está sentindo, mas peço que confie em mim. Por mais difícil que seja compreender qualquer coisa agora, eu só posso adiantar que tudo isso é pelo bem da nossa família, inclusive de

Ângelo e Selenia... e de todas as pessoas que vivem aqui em Constantyna.

– Não estou entendendo...

– Eu sei, é difícil de entender mesmo. Mas, por enquanto, eu só peço que siga junto com o Carlos e o Júlio. Eles vão te levar para conhecer uma pessoa... vá com eles. Você pode fazer isso por mim?

As últimas palavras de Eunice saíram ainda mais fracas e ela praticamente tombou sobre o travesseiro. Zelda achou por bem não perguntar mais nada e decidiu fazer o que a mãe pediu.

Do lado de fora da casa, a garota quase não acreditou no que via. Um homem com um conjunto de calça e casaco azul claro com botões dourados, a esperava com um largo sorriso ao lado de uma carruagem parecida com as dos contos de fada. Em seguida fez uma reverência muito respeitosa se apresentando como o cocheiro Carlos e abriu a portinhola para que ela entrasse. A carruagem era vermelha e preta, com enfeites dourados e era movida pela força de dois cavalos brancos belíssimos, enfeitados com plumas azuis e vermelhas na cabeça. Zelda ficou boquiaberta e olhou para Ane com cara de espanto.

– Eu vou para um circo, ou coisa parecida?

A camareira retribuiu o olhar sem entender a pergunta.

– A senhorita vai para o castelo.

Zelda não teve tempo de dizer mais nada. Entrou na carruagem bordada com arabescos no interior e por meio das janelinhas cobertas com cortinas de renda, viu que o homem de azul subiu na parte da frente e sentou-se ao lado de um rapaz vestido com uma roupa escura, parecida com os trajes de um “soldadinho de chumbo”. Em seguida, fez um som característico com a boca e os cavalos começaram a andar.

O balanço cadenciado da carruagem era diferente de todos os veículos aos quais Zelda estava acostumada e isso, de certa forma ocupou sua mente, tirando qualquer tipo de preocupação e deixando apenas o sentimento de

curiosidade por tudo o que estava acontecendo.

Olhou para cima e o céu estava cheio de nuvens brancas em contraste com o azul celeste belíssimo que cobria todo o reino. Chegou a sentir sono algum tempo depois e fez força para não cochilar, afastando a cortininha para ver a paisagem. Subiram uma ladeira cheia de curvas e ela viu, maravilhada, que todo o caminho era circundado com flores de várias cores e tipos. Algum tempo depois, entraram numa espécie de clareira onde havia pequenos postes de ferro com lâmpadas dentro de uma caixinha de vidro em toda a volta. Era uma espécie de patamar onde começava uma montanha e olhando para cima a garota distinguiu a silhueta de uma construção enorme, com duas torres, uma de cada lado. Com certeza era o castelo o qual Ane havia falado.

Zelda não desgrudou o olhar do trajeto e percebeu que entraram por um caminho cercado por árvores. Carlos fez o som novamente e os cavalos reduziram a marcha até entrarem em um pátio revestido com pedras. Finalmente pararam e ela achou por bem esperar. O homem com o uniforme de botões dourados abriu a porta e indicou que ela descesse. Zelda ajeitou a mochila nas costas e fez o que ele disse, ciente de que não deveria se surpreender com mais nada.

O castelo

A garota parou e viu à sua frente uma enorme escadaria, em cujo topo avistou uma mulher de cabelos curtos. Subiu a escada intrigada, pois nada daquilo estava programado em sua mente. A mulher, vestida com um blazer e uma saia justa na cor cinza, usava um broche dourado igual ao de Ane e fez uma espécie de reverência mais contida do que a que foi feita por Carlos antes dela entrar na carruagem. Com um olhar enigmático, tinha uma expressão dura de quem estava ali para servir e não para agradar ninguém.

– Olá princesa, – disse com pouca ênfase – meu nome é Nádia e eu sou a responsável pela administração do castelo.

– Muito prazer, eu sou Zelda – disse estendendo a mão para a mulher, que retribuiu constrangida.

– Faltaram as trombetas – Zelda brincou tão logo começaram a caminhar dentro de um gigantesco saguão.

– Desculpe princesa, essa é uma falha para a qual certamente não acontecerá novamente – disse a mulher.

Zelda constatou que mais uma vez uma brincadeira sua não foi bem entendida, assim como tinha acontecido quando “reclamou” do café da manhã com Ane. Decidiu apenas continuar seguindo a mulher.

– Para onde estamos indo?

– Desculpe, não foi informada?

– Não. Só sei que tinha que vir conhecer... alguém... disse gesticulando com as palmas das mãos para cima.

Pararam mais ao fundo do salão onde começava mais uma escadaria, dessa vez de mármore branco coberta com um tapete vermelho.

– Você veio conhecer o comandante supremo, o chefe das armas do reino.

Zelda olhou para cima e sentiu uma leve tontura. Um homem vestido com uma túnica comprida preta e cabelos negros penteados para trás observava-a com ar gelado. Magro e muito alto, ele esperou que Zelda subisse os degraus, acompanhada por Nádia, que tão logo chegou onde ele estava, desculpou-se por ter mais afazeres e deixou a moça acompanhada pela figura pouco amigável à sua frente.

A escadaria se dividia em duas, menores, uma à direita e outra à esquerda. O homem estendeu a mão fria e magra para Zelda, que a apertou constrangida.

– Qual o seu nome? Perguntou quase imediatamente e viu que o homem não gostou da forma como havia se dirigido a ele.

– Comandante Olix Damian, chefe das armas do reino.

– Ah sei, Olix, repetiu Zelda.

Subiram a escadaria da direita e caminharam por um corredor largo e comprido ao mesmo tempo. Luminárias espalhadas pelas paredes cobertas com madeira escura iluminavam fracamente o ambiente e Zelda se perguntou se não sentiam falta de ar num ambiente tão insalubre.

A última porta, de frente para o corredor, era o ponto de parada, sendo que o homem enfiou a mão no bolso da túnica e tirou uma argola enorme e cheia de chaves. Abriu a porta e indicou que ela entrasse.

A voz fria e seca do homem ecoou no ambiente quando ele disse que se sentasse em frente a uma mesa enorme, cheia de pastas e papéis que aparentavam ser documentos. Ele ofereceu água ou chá, mas ela recusou prontamente, decidida a não estender aquela conversa além do necessário.

Observando a figura à sua frente, a garota imaginou que nunca havia conhecido alguém parecido. Os olhos escuros rodeados por fartas olheiras e o

nariz grande e pontiagudo davam um ar espectral àquele rosto pouco receptivo. No peito, o homem trazia uma corrente grossa com um pingente em forma de águia, onde, no lugar dos olhos do animal, dava para distinguir duas pedras vermelhas e brilhantes.

Zelda sentiu um arrepio na coluna por estar ali, mas procurou não deixar transparecer.

Pela primeira vez desde que atravessou o portal, teve receio do que viria pela frente. Tudo o que queria era voltar para a sua casa na Terra.

Aparentemente entediado em ter que fazer as “honras da casa” para uma menina, ele foi direto ao assunto.

– Não sei se sua mãe contou, mas nos casamos algum tempo depois que ela chegou a Constantyna.

Zelda olhou-o estupefata, não sabia o que dizer de imediato e ele prosseguiu:

– Infelizmente, Eunice é uma mulher muito fraca e não conseguiu governar como uma verdadeira princesa. Espero que você faça isso, já que assumi o comando desse reino por extrema necessidade porque tenho meus próprios negócios a administrar.

Zelda não sabia o que pensar. Somente percebeu que as palavras saíram de seus lábios quando já as havia pronunciado:

– O que você diz é um absurdo. Minha mãe é casada com o meu pai.

O homem a fuzilou com os olhos.

– Sinto informar que o casamento da Terra não tem valor algum aqui em Constantyna. Eunice é minha esposa legítima e assim será por muito tempo... até a morte...

Zelda estremeceu. Tinha que conversar com a mãe a respeito daquele absurdo, mas sabia desde já que não poderia fraquejar diante daquele homem.

– Exatamente onde o senhor está querendo chegar?

– Quero deixar bem claro que a senhorita tem uma responsabilidade pela frente. Não está aqui a passeio.

– E qual seria essa... responsabilidade? Disse sem saber de onde estava tirando forças para encará-lo de igual para igual.

– Finalmente temos uma princesa legítima em nosso humilde reino. – O sarcasmo denunciava o total desprezo que sentia em relação a ela. – Espero sinceramente que a senhorita honre o nome da família Sales e assuma de vez o comando de Constantyna porque nosso reino não é um brinquedo que se possa descartar a bel-prazer.

– Não sei do que você está falando – procurou devolver com a mesma frieza.

– É simples, todos nós humildes súditos esperamos que você cumpra seu papel e assuma o trono de uma vez por todas já que sua mãe foi incapaz de fazer isso. Em resumo: seremos todos felizes para sempre! – arrematou num tom irônico.

Ela ficou sem chão. Jamais esperou ouvir algo parecido e muito menos passar por uma situação como aquela, porém, tinha certeza que não poderia deixar de defender seu avô e sua mãe, permitindo que aquele homem arrogante atacasse sua família como bem entendesse.

– Está certo, – disse elevando o queixo o mais que pôde e o encarando nos olhos – cumprirei a minha missão a contento. – E completou: – só espero que os meus súditos sejam mais educados do que a sua pessoa, que sequer reverenciou a sua princesa ao se apresentar para mim.

O homem ficou lívido. Apertou os lábios até ficarem arroxeados, tamanha foi a surpresa com a resposta dela. A impressão que a garota teve é que ele gostaria de voar em seu pescoço e a estrangular, mas ele se recompôs e retomou a palavra com a mesma frieza de sempre.

– Vou marcar a data da coroação para o quanto antes. Isso, é claro, se a senhorita honrar o seu compromisso e estiver disposta a ficar em nosso reino para todo o sempre.

O choque com as palavras dele foi maior do que tudo. Imaginar que nunca mais veria a família e os amigos, principalmente Ângelo e Pedro, foi demais para ela, tanto que quase saiu correndo para longe dali, no entanto, respirou fundo e voltou a raciocinar.

– A coroação será quando e da forma que eu determinar.

Mais uma vez Olix não esperava por uma resposta como aquela e tentou deixá-la insegura, usando um tom ainda mais prepotente.

– Vejo que a menina tem determinação!

– Sim tenho muita determinação, aliás, essa é uma característica dos Sales, não sabia? E, para completar, saiba que não lhe concedo o direito de me tratar de outra maneira, a não ser como princesa.

O comandante tentou recompor o controle.

– Não sabia que era tão exigente...

– Por enquanto, apenas com você.

O homem parecia que ia explodir de raiva.

– Cuidado, apenas ter o sangue dos Sales não quer dizer nada. Tadeu e Eunice não foram o que se pode chamar de bons governantes para nosso reino.

– Não se preocupe comandante, a situação não se repetirá, isso eu garanto! Agora... se me der licença, tenho muito o que conhecer nos arredores do “meu” reino.

O homem continuou sentado como se não esperasse ouvir aquelas palavras e muito menos tudo o que foi dito antes, enquanto Zelda saiu do gabinete, decidida, fechando a porta atrás de si. De volta à escada, Nádia a esperava, acompanhada por uma moça praticamente da idade dela, que tinha um bonito sorriso no rosto.

– Princesa, essa é a camareira Milena. Ela vai acompanhá-la a seus aposentos

e providenciar tudo o que a senhorita precisar.

Zelda ainda estava atordoada e seguiu a garota sem pronunciar qualquer palavra. Precisava pensar em tudo o que vinha acontecendo e decidir o que fazer dali por diante. Ainda que não tivesse confessado a si mesma, seguiu a trilha dos bilhetes para ver se localizava o paradeiro de Eunice, mas agora, assumir o lugar da mãe e esquecer que tinha uma vida na Terra era uma coisa para a qual ela não estava preparada.

A camareira e a garota voltaram pelo corredor até o patamar onde ela encontrou Olix pela primeira vez e depois subiram pela escadaria que levava à ala esquerda do castelo. Ainda no patamar, cuja parede ao fundo era cheia de quadros de várias pessoas, ela viu ao lado do retrato de um homem de olhar bondoso e cabelos grisalhos, uma pintura com o rosto de sua mãe. Pela tristeza do olhar e pelo discreto sorriso, Eunice posou para o pintor a contragosto.

– Essa é a galeria dos seus antepassados, informou Milena. Aqui, ao lado de sua mãe, é o príncipe Tadeu e...

Nádia surgiu de repente com um olhar acusativo, ao que a moça se calou.

– Milena, não faça eu me arrepender por ter designado você para acompanhar a princesa.

– Não, senhora. A moça respondeu baixando os olhos.

Zelda continuou calada, e assim continuou até chegarem aos aposentos reais.

Se a suíte dela na casa de Eunice era bonita, aquela em que se encontrava era pelo menos dez vezes mais. Muito grande e confortável, a suíte real tinha uma antessala de cinema, com um conjunto de sofás brancos modernos, tapetes felpudos e móveis lindíssimos. Também havia uma mesa redonda com cadeiras transparentes e uma lareira que dava um ar aconchegante ao ambiente, bem diferente do gabinete escuro e mal iluminado de Olix.

Ao lado da antessala, um quarto muito bem iluminado por uma enorme vidraça emoldurada por uma cortina branca tinha uma cama *king* ladeada por

criados-mudos da mesma cor. Os quadros, as luminárias e os tapetes refletiam o extremo bom gosto de quem havia decorado aquele ambiente. Zelda achou que já tinha visto tudo quando a camareira abriu uma porta lateral que dava acesso a um banheiro com uma hidromassagem onde era possível tomar banho e ao mesmo tempo ver o céu, com teto de vidro mais acima. Além do banheiro, outra porta do quarto se abria para um *closet* onde Zelda imaginou que Selenia seria capaz de enlouquecer de felicidade. Roupas de todos os tipos, modelos e ocasiões, além de perfumes e maquiagens estavam cuidadosamente alinhados para estar sempre à mão da princesa, isso sem falar no grande número de sapatos e sandálias separados por tipo e cor.

A suíte real ficava no segundo andar e tinha acesso a uma vista muito bonita porque era voltada para o pátio interno, de onde era possível acessar um maravilhoso jardim. O pátio era um local onde os moradores e convidados do castelo podiam fazer refeições ou ler ao ar livre, pois havia mesas e cadeiras sob uma cobertura de folhagens que davam frescor ao ambiente.

Zelda também observou que o jardim era imenso, com muitas árvores a perder de vista e canteiros de flores no centro, onde foi erguida uma fonte com a figura de uma mulher segurando uma enorme bacia de pedra. Uma fileira de passarinhos na borda da bacia se refrescava com a água cristalina quando a garota foi chamada à realidade pela voz de Milena. “Existe uma crença de que a água da fonte é revigorante e por isso todo mundo queria beber um pouco da água, vinha pessoas até de outros reinos. Isso fez com que o comandante Olix proibisse qualquer pessoa de se aproximar dali”.

Zelda saiu de perto da janela e perguntou:

– Milena, é verdade que a minha mãe é casada com o Olix? – disse soltando a mochila sobre a cama.

– Sinto muito, princesa. Eu tenho ordens para não responder perguntas.

– Quem deu essas ordens?

A moça parecia muito constrangida.

– Bem... não sei ao certo... o senhor Anton..., talvez.

– E quem é o senhor Anton?

– É o chefe das camareiras e da manutenção.

– Entendo. O chefe das camareiras manda mais do que a princesa?

As palavras saíram sem que Zelda tivesse planejado.

– Não, senhorita! Claro que não!

– Mas foi o que você acabou de me dizer.

– De forma alguma, eu só...

– Desculpe Milena, eu fiz uma pergunta e quero uma resposta. Se você não pode me atender, bem, creio que não poderá me atender em nenhum outro sentido...

A moça parecia que ia chorar a qualquer momento.

– Sim, eles se casaram.

– E onde eles moram?

– A senhora sua mãe mora na Casa dos Lírios. Já o comandante mora aqui mesmo no castelo. Na torre leste...

– Na torre? Uma daquelas lá fora? Mas é muito alta.

– Sim, senhorita, dizem que ele usa um elevador... mas... quase ninguém tem permissão de ir lá.

– E minha mãe, nunca ficava lá com ele?

– Não. Quando estava no castelo, a princesa Eunice ficava aqui nessa mesma suíte... até...

– Até...

– Adoecer. Quando ela ficou doente, preferiu morar na Casa dos Lírios.

Zelda imaginou que “Casa dos Lírios” era um bom nome para a casa de Eunice porque os lírios eram realmente muito bonitos. Ia fazer mais perguntas quando uma leve batida na porta interrompeu a conversa. Um homem baixo e de olhar perspicaz entrou, vestido com o mesmo uniforme azul e os botões dourados de Carlos. Milena usava o uniforme vermelho igual ao de Ane. Zelda achou engraçado que os empregados aceitassem vestir aquele tipo de roupa, que parecia não ser muito confortável, mas achou por bem não dizer nada.

Anton se colocou à disposição para qualquer necessidade e depois perguntou se Milena atendia às necessidades da princesa. Caso achasse melhor, Zelda poderia solicitar ser atendida por outra camareira.

Zelda disse que Milena poderia ficar aos seus serviços, no que a camareira pareceu gostar bastante.

– Senhor Anton, tem uma coisa importante, prefiro que me chamem pelo meu nome, Zelda. Não precisa esse negócio de princesa ou senhorita.

– Sim, como quiser...princ...quero dizer...Zelda.

– Isso mesmo, melhor assim.

Anton foi embora e Zelda era um misto de sentimentos ao mesmo tempo. Se por um lado estava surpresa com o castelo e o luxo ao redor, além do fato de ser uma princesa aos quais todos reverenciavam, por outro, estava muito triste ao saber que Eunice se unira a uma pessoa como Olix, que ela achou insuportável.

– Posso oferecer alguma coisa à senho... a você, Zelda...?

A garota voltou à realidade.

– O que tem para comer?

A garota foi enfática:

– Qualquer coisa que queira.

– Posso pedir qualquer coisa mesmo?

– Claro... Zelda. Pode pedir o que quiser. Pierre, o cozinheiro do castelo manda preparar imediatamente.

– Bem, eu quero uma caneca de achocolatado com sanduíche do que tiver na geladeira.

A moça pareceu não acreditar.

– Só isso?

Zelda sorriu.

– Como assim?

– É que normalmente as refeições... são mais elaboradas.

– Por enquanto é só isso mesmo.

A camareira saiu intrigada enquanto Zelda ficou observando os passarinhos na fonte. Sem dúvida, o castelo era muito bonito e ela jamais imaginara conhecer algo parecido. Estava distraída quando a moça retornou.

– A praça da fonte é linda, não é mesmo?

– Sim, muito bonita.

– Senhorita... quero dizer, Zelda, aqui está o seu lanche. A única ressalva é que infelizmente o nosso achocolatado acabou e o chefe Pierre usou chocolate puro mesmo.

– Ótimo! Melhor ainda, só pedi achocolatado porque é mais barato e lá em casa a gente não tem muito dinheiro e...

Zelda parou de falar frente ao olhar de assombro da moça.

– Eu disse algo de errado?

– Não senhorita, é que... bem... nunca imaginei que existisse uma princesa que fosse pobre.

Ela sorriu divertida com o embaraço:

– Pior sou eu que nunca imaginei ser uma princesa!

Ambas começaram a rir e Zelda pegou a bandeja das mãos da moça e sentou-se nas cadeiras transparentes.

– Quer dividir comigo? Esse sanduíche é gigante.

– Eu? Não, imagine.

– Se estiver com fome eu...

– Não senhorita, os criados almoçam cedo.

– Então sinta aí e me faz companhia.

A moça ficou surpresa.

– Sim, claro, senhorita...

– Ei, o que foi que eu pedi?

– Zelda...

– Sabe, não entendo. Por que a minha mãe se casou com aquele tipo?

– Infelizmente eu não sei...

Zelda terminou de lanchar, tomou um banho e percebeu que estava tarde. Acordou cedo no dia seguinte, quando Milena trouxe uma bandeja com o café da manhã. Depois de comer, e depois de ter optado pelo mesmo jeans de sempre, disse que ia sair.

– Vai à Casa dos Lírios?

– Vou.

– Mas o comandante, ele autorizou?

– O comandante não tem que autorizar nada. Eu sou livre para ir aonde quero.

– Senhorita... é que.

– Lá vem você com esse lance de novo.

– Desculpe, prometo que vou me esforçar para deixar isso de lado.

– Ótimo... espero. Quer ir comigo?

– Eu?

– Não, eu! Claro que é você, Milena. O que há?

– Desculpe, é que não estou acostumada.

– Acostumada a quê?

– Ah, sei lá. Você fala de um jeito... como se fôssemos iguais.

Zelda ficou surpresa com o comentário.

– E não somos?

– Claro que não, você... é uma... você sabe. Já eu sou uma simples camareira, não pertenço à sua classe social...

– Bobagem... já disse que sou muito simples. Não temos muito dinheiro...

A moça fitou-a nos olhos.

– Zelda, olhe ao seu redor. Esse quarto é seu, esse castelo é de sua família.

Você é uma princesa!

A garota jogou-se sentada na cama.

– Milena, todas as pessoas são iguais e sentem alegria e tristeza da mesma forma. Algumas veem o mundo de um jeito, outras de outro, mas no fundo, todas são iguais. Isso que você está falando de diferenças é um padrão que foi estabelecido pelas pessoas que tem muito dinheiro e poder, entende?

– Esse é o seu caso.

Zelda coçou o nariz.

– O que eu quero dizer é que o poder e o dinheiro são uma ilusão... só servem pra dar mais conforto, mas alegria mesmo, felicidade, não têm a ver com dinheiro.

Abriu a mochila e tirou o cravo da lapela de Pedro.

– Veja isso. É caro?

A camareira respondeu que não.

– Pois foi o melhor presente da minha vida... disse olhando para o cravo.

– Nossa Zelda, você parece tão triste...

A garota mudou de assunto, guardou o cravo novamente e saíram em seguida.

Quando soube que a princesa ia querer sair, Olix disse a Anton que a carruagem estaria proibida de se ausentar do castelo. Sem se incomodar com a restrição, Zelda seguiu a indicação de Milena e encontraram algumas bicicletas guardadas no galpão dos barcos. Na verdade, além de pequenos barcos para pesca, o galpão abrigava acessórios e ferramentas que eram utilizados na manutenção dos jardins.

Saíram direto para a Casa dos Lírios. Zelda encontrou Eunice sentada na varanda da piscina com as pernas esticadas sobre um pufe e cobertas com um

cobertor. À luz do dia, a garota pode perceber com clareza os efeitos da doença sobre Eunice. Os olhos não tinham brilho e a pele vincada e sem cor era muito diferente da que estava acostumada a ver nas fotografias. Outro fato que saltava aos olhos era a magreza excessiva e a quase completa falta de energia. Eunice sequer conseguiu levantar os braços para abraçar a filha.

– O que você tem? – A garota perguntou mantendo certa distância.

Eunice suspirou antes de responder com uma voz baixa.

– Não sei ao certo, filha. É um mal progressivo...

– Que mal é esse?

– Não sei filha, deixa pra lá. Vamos falar de coisas boas... de você, por exemplo. Você estuda? Tem namorado?

Zelda não se conteve. A mágoa que sentia da mãe era muito maior do que a vontade de falar sobre si.

– Por que você se casou com o Olix?

Eunice baixou a cabeça. Não conseguia olhar nos olhos da filha.

– Ah, ele contou? Eu já devia saber.

– Contou... e falou também que eu terei que ser a princesa desse lugar. Nunca mais vou poder voltar para casa.

– Filha... eu fiz o que pude. Não queria que isso tivesse acontecido.

– Fez o que pôde? O que você fez, afinal de contas?

– Eu tentei governar, aliás, eu governei por um tempo. Só que... bem, as coisas não saíram como eu esperava.

– O que aconteceu?

– Nada importante...

– Você está vendo? É mistério em cima de mistério. Você não se abre comigo. Eu vim pra cá seguindo aqueles malditos bilhetes que eu nem sei quem escreveu e encontro minha mãe, que eu tinha como morta desde sempre. Chego aqui, minha mãe está viva... quase morrendo de verdade e não se dá ao trabalho de responder o que eu pergunto.

Eunice ficou calada. Fechou os olhos e pareceu refletir durante um tempo, até pedir para a filha se sentar ao lado dela.

– Eu vou te contar tudo, filha. Mas, antes, prometa que vai ficar bem.

Zelda confirmou com a cabeça.

– A minha doença... na verdade é uma espécie de alergia progressiva. Os meus pulmões, com o tempo, começaram a rejeitar algumas partículas da atmosfera daqui. Continuar respirando aqui, com certeza irá me matar.

– Há quanto tempo isso começou a acontecer?

– Eu fiquei com saúde durante algum tempo. Creio que um ano mais ou menos. Depois adoeci e aos poucos fui ficando muito mal. Então, alguma coisa aconteceu. Passei a me sentir muito melhor e recuperei a saúde de uma forma que não esperava. Conseguia governar e trabalhar normalmente. Até que voltei a adoecer novamente. E como você está vendo, não tive mais melhora. Estou definhando a cada dia.

Zelda não se conteve. Não queria perder a mãe mais uma vez, ainda mais agora que a havia reencontrado.

– Isso não é justo!

– Eunice pediu que ela se aproximasse mais e começou a acariciar seus cabelos.

– Nem sempre a vida é justa filha...

– Eu sei disso, eu também achei isso quando soube que você casou com aquele monstro... Por que você se casou com o Olix? Não gostava mais do meu pai?

– Não é isso, filha. Eu jamais deixei de gostar do seu pai.

– Mas casou com outro.

– Pense apenas que foi necessário, pela nossa família.

Zelda levantou a cabeça e a olhou nos olhos.

– Necessário por quê?

– Foi necessário... Infelizmente eu não poderia ter feito diferente...

– Eu só vou acreditar no seu amor pela gente se você me contar porque casou com aquele sujeito. Eu atravessei o portal, abandonei tudo para estar aqui com você e penso que mereço pelo menos saber a verdade para saber me defender daquele seu comandante.

Eunice ficou calada, as lágrimas escorriam sem que ela dissesse nada.

– Você não vai falar mesmo?

– A princesa está sem forças. Ela precisa descansar – Ane falou ao se aproximar.

A resposta veio com muita mágoa.

– A princesa agora sou eu. Não é assim? Eu não tive que vir pra esse lugar para ser princesa? Pois então? A princesa sou eu.

Responder daquela forma e jogar sua revolta na cara das duas mulheres não aliviou o coração da garota. Pelo contrário, ficou ainda mais triste e impotente. Queria sumir daquele local e encontrar Pedro novamente, depois, quando voltasse para casa, ver que Ângelo estava dormindo no sofá com os óculos tortos no rosto e a televisão ligada. Queria até ouvir o barulho do secador de cabelo de Selenia às seis da manhã. Queria tudo, menos ter que conviver com uma mãe que ela não conhecia direito e um padrasto que a fazia sentir arrepios só de ouvir o nome dele.

Milena também ficou aflita com a situação entre mãe e filha e convidou Zelda para darem uma volta. Estavam pedalando lado a lado, quando a camareira falou que depois que Eunice adoeceu, o povo ficou muito triste porque tinha medo que o comandante Olix assumisse o poder de uma vez por todas. – A sua vinda para cá foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para nós – revelou.

Zelda ficou calada. Não queria magoar mais ninguém naquele dia, mas o que sentia era uma enorme vontade de voltar correndo para casa.

Percorreram vários pontos da cidade sem trocar qualquer palavra, e o pensamento de Zelda correu solto. Raciocinando sobre tudo o que vinha acontecendo, pela primeira vez se deu conta de que os bilhetes assinados como O.D. deveriam se referir, na verdade, a Olix Damian.

– Só pode ter sido ele quem escreveu os bilhetes... mas porque ele queria que eu viesse pra cá? – falou baixinho.

– Que bilhetes?

– É uma história longa, depois te conto...

A garota não conseguia parar de pensar. Olix estava casado com Eunice e poderia governar Constantyna como bem quisesse. Por que a trouxe da Terra? Não seria mais fácil esperar pela morte da esposa e depois ficar sozinho com o comando de tudo?

Chegaram à praça e ela viu que a chave dourada ainda permanecia oculta entre os tufo de grama. Seria muito fácil segurar a chave e simplesmente sumir. Milena ficaria encarregada de dar a notícia na Casa dos Lírios. No entanto, sabia que se fizesse isso sua mãe não teria nenhuma chance de sobreviver.

Assim como em Constantina, havia muitas lanchonetes ao redor da praça e uma delas chamou a atenção por ser muito parecida com o “Horta Mil”. Zelda quis entrar e conhecer o local, por isso chamou Milena para ir com ela. Pediram dois sucos e estavam aguardando quando um rapaz loiro se aproximou.

– Mil perdões senhorita, se me permite, gostaria de me apresentar: meu nome é Tales e estou ao seu inteiro dispor para tudo o que precisar – disse fazendo uma reverência respeitosa.

Zelda fitou Milena, que já considerava uma amiga, com uma expressão divertida, balançando a cabeça. O rapaz sentiu-se desencorajado a continuar ali ao lado delas e voltou para perto dos amigos que o acompanhavam. A gozação foi grande e ela constatou um pouco tarde que acabara de magoar mais alguém naquele dia. Terminaram o suco e se afastaram observadas pelos rapazes e as outras pessoas que lanchavam.

– Está todo mundo me olhando!

– É que eles sabem que você é a nova princesa.

– E como eles sabem disso?

– Bem, a cidade é pequena e você é muito parecida com a sua mãe. Fica fácil ligar uma coisa com a outra.

– Então é por isso que o carinha veio falar comigo?

– O Tales? Ah, ele é assim mesmo. É muito brincalhão e fala com todo mundo.

– Pensei que fosse apenas porque eu sou uma princesa. Por isso não conversei direito com ele.

De jeito nenhum. Se o Tales vir uma fileira de formigas no chão, é capaz de se sentar e puxar papo com elas.

A última frase de Milena serviu para reforçar ainda mais o arrependimento do dia. Apesar do constrangimento inicial, Zelda sorria para todos os que a cumprimentavam. Milena a levou também ao correio, a um pequeno museu sobre a história de fundação do reino e ao mercado central.

O tempo esfriou e as moças pedalavam rapidamente de volta para casa quando Zelda percebeu que algumas pessoas acenavam e faziam sinal de positivo quando passaram pela praça. Nesse instante, uma criança de

aproximadamente uns três anos correu até ela e abraçou suas pernas com força assim que Zelda desceu da bicicleta.

– Você é muito bonita princesa Zelda – disse olhando para cima com lindos olhos cor de mel.

A garota ficou comovida:

– Você também é muito bonita! Qual o seu nome? – Disse se abaixando para ficar da altura da menina.

– Esther.

– Esther você é muito bonita. Tenho certeza que além de bonita também é muito inteligente. Onde você estuda?

– Eu não posso estudar porque não tem escola para mim...

A criança respondeu a pergunta desolada e a camareira explicou que as escolas eram poucas e por isso não havia vagas para as crianças menores.

– Mas isso tá errado! As mães precisam deixar os filhos na escola para poderem trabalhar.

– Tem muita coisa errada neste reino, Zelda.

Ela abaixou-se novamente e beijou o rostinho da criança, que voltou correndo para os pais. A família acenou de longe para ela, que continuou acompanhando Milena.

Ao chegarem em casa, Ane serviu uma sopa de legumes com torradas e disse que Eunice tomou um remédio para dor e havia dormido. Ela também estava cansada e resolveu que iria fazer o mesmo.

O dia amanheceu chuvoso e Zelda olhava as gotas deslizarem pela janela da sala quando Eunice veio até ela, caminhando bem devagar. As duas se sentaram no sofá e Ane trouxe um pufe para que a patroa pudesse ficar mais confortável.

– Esperei muito por isso. A coisa que mais queria na vida era rever minha família antes de morrer e tive a felicidade de voltar a ver a minha primogênita. Você é linda minha filha, muito mais bonita do que eu imaginava.

– Bonita é a Selenia. Naquela idade a pirralha já está mais alta do que eu, tem os cabelos loiros e os olhos verdes enormes, iguais aos da vovó Diana. Ela sim é muito bonita.

– Vocês duas são lindas, Zelda. Não existe um padrão único para a beleza. Não vê o quanto os seus olhos e seus cabelos também são lindos? Além disso, você é uma menina muito doce e tem uma forma positiva de encarar o mundo. Esse é o tipo de beleza que dura a vida toda.

Zelda nunca tinha ouvido algo daquele tipo e ficou emocionada quando a mãe pediu que ela deitasse a cabeça em seu colo. Ficaram assim, durante algum tempo apenas ouvindo as respirações uma da outra aconchegadas no sofá, até que Eunice quebrou o silêncio:

– Seu pai é feliz com a nova mulher?

– Que mulher a senhora tá dizendo?

– A nova esposa.

– Ele não tem esposa nenhuma. O papai nunca mais se casou.

Eunice respirou fundo.

– As notícias que tive eram que ele estava muito bem casado e feliz.

– Quem disse isso?

– Olix.

– E como ele poderia saber se ele está aqui nessa outra Constantyna?

– Ele tem informantes na Terra.

Zelda se sentou rapidamente.

– E quem são esses informantes?

– Não posso garantir, mas desconfio que a Camila seja um deles.

– A professora?

– Sim, essa mesma.

Zelda ficou paralisada. Lembrou-se do fato de Camila sempre estar por perto de sua família e do estranho interesse que teve sobre o que Zacarias havia dito quando esteve na casa dela. Sentiu raiva de si mesma.

– Eu fui muito burra! Nunca desconfiei de nada.

– E como você poderia desconfiar, filha? Não se culpe, Camila é muito esperta e sempre soube disfarçar muito bem.

– Mamãe...

Eunice ficou com o coração acelerado de alegria ao ouvi-la chamar de mamãe.

– Diga, meu bem.

– E o Luciano, ele veio com você da Terra?

A mãe se ajeitou melhor. Tomou um comprimido e a água que Ane trouxe naquele momento, e respirou fundo. Dava para concluir que devia ser para a dor, porque ela estava visivelmente pálida. Ainda assim, continuou a conversa.

– O Luciano me seguiu pelo portal. Lembro que eu estava no quarto do hospital e minha mãe tinha ido ficar comigo para cuidar da Selena. Esperei ela dormir, dei um beijinho no meu bebê... – as lágrimas começaram a rolar pelo rosto da mãe e Zelda ficou pensando o quanto ela também deveria ter sofrido todos aqueles anos.

– E então...

– Quando eu cheguei aqui, ainda estava na praça sem saber direito o que fazer e o Luciano apareceu dizendo que me amava e que finalmente seríamos felizes.

– E você?

– Eu fiquei horrorizada. É claro que jamais pensei em deixar o Ângelo para ficar com ele... até que... ele me guiou até o castelo e me apresentou ao Olix. Deu pra ter certeza de que eles já se conheciam. Eu ignorei tudo isso ao máximo. Assumi o trono e governei por um bom tempo. Mantive os dois, tanto o Olix como o Luciano, o mais longe possível de mim e das decisões sobre o reino... até adoecer. Fiquei muito fraca e não tinha com quem contar. Olix se reaproximou e assumiu tudo.

– E onde está o Luciano agora?

– Para falar a verdade, ele sumiu de repente e eu nunca me preocupei em saber o paradeiro. Eu nunca perdoei o fato dele ter traído a minha confiança e mais ainda a do seu pai. Os dois eram amigos inseparáveis.

– O papai me contou...

– Seu pai falou sobre o Luciano?

– Sim, e também disse que recebeu uma carta algum tempo depois que você foi embora, dizendo que vocês dois tinham fugido juntos para se casarem e estavam felizes.

– Imagino o quanto o seu pai sofreu com uma mentira dessas.

– Sofreu muito, e sofreu sozinho. Nem para a vovó ele contou sobre isso. Só me contou há pouco tempo, quando eu comecei a receber os bilhetes.

– Mamãe... por que você se casou com aquele sujeito?

– Antes, é preciso que você saiba, o Olix... nunca me tocou. Nós nunca tivemos uma vida comum, de marido e mulher, entende?

– Entendo.

– Eu estava muito mal, tinha passado a noite sentindo muita dor e ele queria comandar o reino de qualquer forma... então levou alguns papeis para eu assinar... e eu ...assinei depois que..., bem , depois que eu vi que não teria outra saída. Eram os papeis do casamento. Depois ele reassumiu o posto de comandante das armas e... o resto você pode imaginar.

– Se eu assumir como princesa chuto ele no mesmo dia!

Eunice começou a tossir.

– Prometa que não fará isso de forma alguma.

– Não farei? É claro que farei. Aliás, acho que vou mesmo assumir esse trono só pra tirar esse malévolo de perto da gente.

–Minha filha, você não sabe... o Olix não é um homem comum... ele...

– Ele o quê, mamãe?

– Não sei explicar... ele tem poderes. Se quiser, tem meios de prejudicar a todos nós.

– Mas eu não tenho medo dele!

– Filha, preste atenção, o Olix tem informantes na Terra... pense em sua irmã, pense no seu pai...entende o que eu quero dizer?

Zelda se deu conta que a situação era muito mais difícil do que imaginava.

Enquanto Eunice continuou:

– Camila é uma prova viva disso. Ele conhece todos os passos da nossa família... há muito tempo...

A garota sentiu um arrepio gelado.

– Jamais imaginou que os Sales fossem espionados daquela forma e pela

primeira vez temeu pela segurança das pessoas que amava.

Ane ajudou Eunice a voltar para o quarto e a acomodou entre os travesseiros. Em pouco tempo ela adormeceu sob o efeito dos fortes analgésicos. Zelda foi até a varanda da piscina e ficou observando a chuva sobre o gramado. Antes de ir se deitar, Eunice contara que os problemas do reino começaram havia muitos anos. Os tempos eram de prosperidade e alegria quando o príncipe George governava Constantyna. Ele permitia o acesso dos súditos ao castelo e todos podiam pedir as melhorias que quisessem. Era um príncipe democrático e quando ele achava que os súditos tinham razão, mandava fazer as benfeitorias imediatamente.

O príncipe e a esposa Alba tinham um casal de filhos, Tadeu e Ana Rosa. A família vivia em harmonia e era muito querida pelos súditos, quando aconteceu uma tragédia: as crianças desapareceram misteriosamente sem deixar vestígios. Zelda ficou boquiaberta quando soube que na verdade as crianças atravessaram o portal e foram parar na Terra. Uma vez em Constantina, Tadeu foi adotado por um casal de comerciantes sem filhos. Estudou, aumentou os negócios do pai e se casou depois com Diana. Ninguém mais soube do paradeiro de Ana Rosa.

– O resto você já sabe – tinha dito Eunice.

Zelda ficou chateada com a história e pior ainda quando soube que tanto o rei George como a rainha Alba morreram de tristeza alguns anos depois da perda dos filhos.

– Eles ficaram muito desolados. Uma nuvem negra se abateu sobre o reino e em pouco mais de um ano a minha avó Alba morreu por causa de uma depressão. O meu avô George também ficou muito deprimido, mas resistiu alguns anos, só que passou a governar de forma automática, sem levar em conta as verdadeiras necessidades do povo. Alguns anos depois, ele também morreu – dissera a mãe.

– Que história triste!

– Muito triste mesmo e quem pagou por tudo isso foi o povo daqui. Todos os bons projetos de saúde e educação foram abandonados, principalmente

porque o rei George tinha um braço direito que passou a decidir tudo por ele. Você provavelmente não adivinharia quem é.

Zelda balançou a cabeça concordando.

– Olix. Ele era o braço direito do meu avô.

Ainda observando a chuva, Zelda juntava as peças do quebra-cabeça que tinha se tornado a vida da família Sales. Olix mais uma vez tinha se aproveitado da doença de alguém para assumir o comando. Muito provavelmente fez o mesmo com Tadeu e agora também com Eunice. A próxima, com certeza, seria ela.

“Olix é um parasita à espera de uma vítima para continuar sobrevivendo” – ela pensou.

A salvação

A garota ainda estava pensando nos últimos acontecimentos, quando Milena avisou que o almoço estava servido.

Depois de comerem, Ane servia uma sopa para Eunice e as duas moças ficaram conversando no quarto.

– Você parece triste.

– E tem como não estar? Minha mãe está desse jeito, meu pai deve estar na pior com o meu sumiço e ainda por cima estou morrendo de saudades do...

– De quem? É seu namorado?

Zelda confirmou balançando a cabeça.

– Como é o nome dele?

– Pedro.

– E ele é bonito?

– Muito! Ele tem o sorriso mais lindo do mundo e é um cara maravilhoso. É sensível, inteligente e amigo de todo mundo.

– Deve ser o dono do cravo... Você está mesmo apaixonada!

– Acho que só descobri o quanto depois que cheguei aqui.

Milena ficou hesitante:

– Eu também tenho namorado. A gente se gosta muito.

– Que ótimo. E onde ele está?

A moça ficou hesitante.

– No castelo... ele trabalha lá como mensageiro.

– Legal. Vocês devem se ver sempre.

– Mais ou menos...

Milena mal tinha acabado de responder quando Ane a chamou para ajudar a cuidar de Eunice. A campainha tocou e Zelda foi atender, se deparando com o rapaz da lanchonete.

Ele tinha os olhos azuis mais bonitos que ela já tinha visto e dava para perceber que estava chateado com o modo dela agir no dia anterior.

– Vim trazer os biscoitos que a Ane encomendou – disse esticando o braço com uma cesta cheia de guloseimas. Milena tinha vindo de dentro do quarto, pegou a cesta e foi apanhar o dinheiro.

– Não quer entrar? – disse Zelda.

– Não, obrigado. Sei quando não sou bem-vindo...

– Desculpe, você deve estar falando do que aconteceu ontem...

– Eu entendo, não se preocupe. Uma princesa não pode ficar conversando com qualquer pobretão na rua...

Zelda ficou com raiva, pois se sentiu atingida por algo que não tinha culpa.

– Não é nada disso! Você entendeu errado... eu apenas... eu não esperava que alguém viesse falar com a gente...

– É assim que você trata quem se aproxima de você pela primeira vez?

– Não, claro que não! Eu apenas...

– Quer saber? Deixa pra lá. Você tem todo o direito de restringir suas amizades às pessoas da sua classe social.

– Não é nada disso!

– Ah, não? – O que é então?

– Eu já disse!

Milena retornou com o dinheiro e um sorriso sem graça no rosto.

– Pelo jeito, vocês já se entenderam.

Tales pôs o dinheiro no bolso e saiu, deixando Zelda sem saber o que dizer.

Zelda passou o restante do dia lendo, embora tivesse levado um bom tempo para digerir as palavras de Tales. Acordou com dor de cabeça no dia seguinte e apesar da porta do quarto estar fechada, distinguiu a voz de Olix vinda da sala.

– Quero minha mulher imediatamente de volta ao castelo, ele disse.

– Desculpe Olix, mas a princesa Eunice não tem condições de ir a lugar algum... pelo menos por enquanto... – disse doutor Diógenes

– Não me interessam as suas desculpas, Diógenes. Eunice é minha esposa e eu decido o que é melhor para ela.

Zelda não acreditava no que estava ouvindo. Parecia que estava imersa em um pesadelo. Saiu abruptamente do quarto e enfrentou o olhar do homem à sua frente.

– Minha mãe não vai a lugar algum!

– Isso é o que você pensa mocinha! – ele respondeu zombeteiro.

– Já disse, Olix. Para você eu sou a princesa Zelda! Nada menos do que isso.

Milena ficou atrás de Ane e ambas olharam para o médico, que também estava perplexo.

Olix bufava de raiva, porém, teve uma reação inesperada.

– Sinto muito, princesa, disse fazendo uma reverência forçada. Minha decisão é baseada no fato de que no castelo temos melhores acomodações para a sua mãe.

– Minha mãe não precisa de luxo. Ela permanece aqui, aos cuidados do doutor Diógenes – respondeu com firmeza.

– Espero que tenha consciência da necessidade de sua presença no castelo, precisamos iniciar os preparativos para a cerimônia de coroação.

– Achei que ficou bem claro que eu decidiria a data...

– Ficou. Porém, devo lhe informar que o trono não pode ficar vago. Como a princesa Eunice não tem condições de governar, a senhorita deverá assumir o seu lugar no menor prazo de tempo possível. A menos, é claro, que decida abrir mão da sua responsabilidade.

Zelda tremia de raiva. Percebeu o quanto Olix estava manipulando a situação para assumir definitivamente o comando do reino. Ela, ao contrário, não tinha a menor pretensão de tornar-se princesa e muito menos morar definitivamente em Constantyna. Desde que vira a chave na praça, tinha esperança em poder voltar para casa. O lado triste da história é que para isso, teria que mais uma vez ficar longe da mãe e o pior, deixá-la à mercê de um marido inescrupuloso como aquele.

Seu coração estava aos pulos. Teria que ganhar tempo a qualquer custo e não sabia como agir. Disse a Olix que ficaria mais um tempo na Casa dos Lírios e depois retornaria ao castelo, deixando Eunice aos cuidados de Ane.

O homem concordou, ainda que de má vontade, e Zelda ficou sentada sobre a mureta de fora de casa após a saída dele e do médico. Olix tinha vindo num

carro preto e quando o veículo dobrou a esquina ela não conteve as lágrimas. Queria muito voltar para casa e rever o pai. Além disso, sentia um enorme aperto no peito cada vez que se lembrava do quanto fora cruel com Pedro, o abandonando sem uma explicação justamente num dia tão importante para ele. De cabeça baixa, ela não viu quando Tales se aproximou.

– Algum problema? Posso ajudar?

O olhar do rapaz não tinha nada da irritação do dia anterior. Pelo contrário, ela viu nos olhos dele uma verdade que até então não tinha percebido.

– Desculpe... é besteira.

– Não me parece besteira, uma menina brava como você não fica chorando por aí à toa.

– Eu brava?

Ele sorriu.

– Digamos que bastante.

– Que idéia! – ela parou de chorar.

– Você é muito brava. Qualquer uma que enfrenta o temível Olix é muito mais do que brava, é muito corajosa também.

– Quem te disse que eu enfrentei o Olix?

– Não se fala em outra coisa...

– Zelda sorriu e ele sentou-se a seu lado.

Sem saber como e nem porque, quando percebeu, tinha contado praticamente toda a sua vida para ele, incluindo até mesmo a saudade que estava sentindo do namorado.

– Bem... de tudo o que você me disse, deduzi duas coisas muito importantes.

– O quê?

– A primeira é que esse tal de Pedro é um cara muito sortudo.

– Ah... não brinca...

– Sério. Mas deixa isso pra lá... o que não tem remédio... – completou com um sorriso que o tornava um cara muito bonito.

– Remediado está! Ela brincou.

– Com certeza, isso mesmo.

– E a segunda coisa?

Ele respirou profundamente, antes de dizer:

– Precisamos passar sua mãe urgentemente pelo portal. É a única forma de tentar salvar a vida dela – disse sério.

– Por que você acha isso? E se a doença dela continuar, mesmo na Terra?

– Ela tem uma dificuldade muito grande em respirar, não é isso?

– Exatamente.

– Isso acontecia quando ela morava em Constantina?

– Não, ela era saudável.

Ele não disse mais nada e ela achou a dedução lógica.

– Mas não é tão simples assim... e se o portal estiver fechado?

– Tenho quase certeza que não. O bilhete falava de uma lua no céu... uma lua sinalizando... não é isso?

– Sim, é isso mesmo.

– Que dia é hoje?

– Não sei, até me perdi – ela ressaltou.

– Baseado no bilhete que falava em alguns dias e pelos meus cálculos, falta menos de uma semana para o portal se fechar. Ou seja, ainda podemos salvar a princesa Eunice.

Um turbilhão de pensamentos envolveu a mente dela e tudo o que conseguia fazer era ouvir a estratégia de Tales. No início da madrugada do dia seguinte, ele pediria a um amigo para ajudá-lo a levar Eunice até a praça. Depois disso, procuraria a chave dourada e faria com que Eunice a tocasse. Zelda se dispôs a acompanhar tudo de perto, mas ele disse que não. O ideal seria cumprir o prometido e voltar ao castelo para não levantar suspeitas junto a Olix. A garota concordou, ainda que sem saber se o que estava fazendo era o mais acertado. Se tinha alguma dúvida em relação ao plano de Tales, passou a ter certeza de que realmente era a única coisa a ser feita quando entrou no quarto. Muito pálida e completamente sem forças, Eunice fitava o vazio enquanto Ane limpava um fio de sangue que lhe escorria pela boca.

Mais tarde, enquanto Eunice descansava, reuniu Ane e Milena e contou sobre o plano de fuga. No início, Ane ficou em dúvida porque tinha medo da ira de Olix quando soubesse que Eunice não estava mais em Constantyna. Mas depois, quando Zelda disse que não estava preparada para perder a mãe tão logo a tinha encontrado, decidiu ajudar. Prometeu acompanhar Eunice até o final, quando estivessem na praça e a nova princesa decidiu voltar ao castelo para não levantar suspeitas.

Antes de partir, Zelda entrou no quarto da mãe. Eunice dormia com a respiração entrecortada. Um suporte de soro pendia do pedestal e penetrava em sua veia, embora doutor Diógenes tivesse dito que era só para mantê-la hidratada. Todo o resto já havia sido feito para salvar a princesa, que inclusive tinha passado por várias internações nos melhores hospitais dos condados vizinhos, mas nenhuma equipe médica soube tratar a doença dela. Zelda deu um beijo prolongado na testa da mãe e partiu decidida a fazer o melhor por ela.

As duas moças pegaram as bicicletas e partiram. O abraço forte de Ane e a

promessa de que cuidaria de Eunice foi a deixa para que ela se fortalecesse e seguisse em frente.

O trajeto até o castelo não foi o mesmo da carruagem. Milena fez questão de aumentar o percurso e mostrar a Zelda vários bairros afastados. Zelda pôde conversar com as pessoas e ouvir muitas queixas, além de abraços e votos de felicidade e de sucesso. A garota ficou emocionada principalmente ao passarem em frente a uma plantação de grãos, onde percebeu que o trabalho era árduo e pouco remunerado.

Mais tarde, já no castelo, conversou com Milena a respeito.

– Eu não entendo porque um reino que tem tudo para ser feliz, com todo mundo bem e gozando de saúde e de um mínimo de conforto, ficou dessa maneira. As terras são boas, têm água e...

– Não há justiça, Zelda. Os pobres continuam sempre pobres e os ricos, cada vez mais ricos. Falta uma soberana justa e honesta para fazer com que o reino se torne isso que você disse.

A garota ficou calada. Não tinha tido coragem de dizer a Milena, mas alimentava a ideia de também passar pelo portal e deixar tudo para trás. No fundo, não achava justo sacrificar-se por um reino que mal conhecia e onde se sentia uma estranha. A ideia era esperar que todos dormissem e voltar para a cidade no dia seguinte, chegar à praça e talvez ainda encontrar Tales e Eunice. Caso fosse tarde demais, e a mãe já estivesse longe, ela passaria sozinha pelo portal. Não deixaria nenhuma carta e nem falaria com ninguém, de forma que levaria algum tempo até deduzirem que ela tinha voltado para casa.

A camareira havia se recolhido e ela ficou deitada no sofá da antessala lendo o livro que tinha trazido na mochila quando se deu conta que era madrugada. A lua penetrava na grande vidraça do quarto e ela se aproximou para observar o jardim. Zelda não esperava, mas distinguiu uma figura sinistra perto da fonte.

Sentiu um arrepio que percorreu todo o corpo quando constatou que se tratava de Olix. Vestido com a mesma túnica negra, ele estava protegido por

uma capa longa com um capuz solto nas costas. A garota o comparou a uma serpente, que caminhava pela noite em busca de alguma vítima. Era desagradável estar ali, mas o medo a prendia naquele lugar em frente à vidraça.

Apesar de estar sozinho, Olix fazia alguns gestos estranhos que se assemelhavam a um ritual. Amedrontada e ao mesmo tempo sem conseguir desviar o olhar, ela teve que segurar no parapeito quando viu que um passarinho pousou no braço direito do homem e, em segundos, transformou-se em uma enorme águia. No instante seguinte, o animal soltou uma espécie de grasnido estridente e alçou voo, subindo em direção às torres do castelo. A águia parecia teleguiada e sempre voava na direção apontada pelo chefe das armas, que continuava a fazer estranhos movimentos com os braços. A cena perturbadora deixou Zelda paralisada e por mais que pensasse em sair de perto da janela, o medo de que algum movimento seu fosse percebido a mantinha praticamente sem respirar.

O animal voou durante muito tempo até que Olix finalmente parou os movimentos, estendeu o braço e o bicho pousou como se fosse domesticado. Mais alguns segundos, e ela viu a águia voltar a ser um indefeso passarinho e voar tranquilamente até a fonte. O comandante do reino começou a andar de um lado para o outro no jardim, dando mostras de que estava mais nervoso do que nunca. De vez em quando, se voltava para mirar o castelo e Zelda teve medo que ele percebesse a sua presença. Finalmente conseguiu se mover e caminhou devagar até a cama, onde se deitou de roupa e tudo.

Somente depois de mais de uma hora ela voltou a controlar os pensamentos e se acalmar. Chegou à conclusão que Olix causava pânico não somente pela arrogância e mau caráter, mas também porque tinha um poder sobrenatural que o tornava muito perigoso, como Eunice havia alertado. Deduziu que, caso fugisse para a Terra, ele muito provavelmente não deixaria a sua família em paz, transferindo a sua ira inclusive a Ângelo e Selenia. Sentiu um aperto aflitivo no peito e ficou acordada praticamente a noite inteira. Nunca se sentiu tão frágil e sozinha como naquele momento, mas ao mesmo tempo tomou uma decisão importante. Depois do que tinha visto Olix fazer, passar pelo portal e abandonar Constantyna estava fora de cogitação.

Quando o dia amanheceu, ela se lembrou da promessa de Tales em ajudar a

levar Eunice até o portal e isso a confortou. Passou a manhã como se nada estivesse acontecendo para não chamar a atenção. Andou pelo castelo e conheceu praticamente todas as instalações, fazendo questão de ver de perto o gabinete onde iria trabalhar, por sinal, próximo ao do chefe das armas porque também ficava na ala administrativa. Na verdade o castelo poderia ser chamado de palácio devido ao luxo e suntuosidade. Apesar de ser uma construção antiga, moldado com enormes blocos de pedras rústicas pelo lado de fora, do lado de dentro apresentava conforto e modernidade, com aquecimento e refrigeração, iluminação e belíssima decoração.

Na ala central, o primeiro andar abrigava as salas de refeições, sendo a de jantar mais à frente, com vista para os jardins do castelo, e a de almoço mais recuada, com acesso à cozinha. Essa como tudo mais no castelo era bastante espaçosa e ficava ao lado de um corredor onde havia uma escada que integrava o piso térreo com o primeiro andar e o subsolo, onde ficava a garagem para carros, lavanderia e as acomodações dos empregados.

A equipe de trabalho da cozinha ficou muito surpresa quando, de repente, a nova princesa entrou. O cozinheiro Pierre e os seus ajudantes estavam almoçando, pois se alimentavam mais cedo, mas Zelda não fez cerimônia. Sentou-se num espaço disponível no banco em frente à imensa mesa de madeira e pediu para comer com eles. Em poucos minutos, todos estavam às gargalhadas quando a menina começou a falar de sua predileção por “lasanha dormida com feijão”, “pão de queijo queimado embaixo”, “sobra de arroz com ovos fritos moles”, “pizza de geladeira do dia seguinte”, “brigadeiro de uma semana” e a famosa “caneca de achocolatado”.

– Aí Pierre, vai ser fácil agradar a princesa, você vai ter moleza! – disse Messias, um dos auxiliares, enquanto todos começaram a rir observando a boca de Zelda suja de molho. Ela comia um sanduíche de presunto com conserva de pepinos que Pierre preparou no capricho, quando o “clima” ficou sombrio.

– Senhorita, presumo que a reunião sem hora marcada junto aos subalternos esteja divertida.

A voz fria e cortante não deixou dúvidas e ela teve ímpetos de dizer, “para você, princesa Zelda”, no entanto, achou por bem manter um pouco de

controle.

– Certamente que sim, caro senhor chefe das armas – disse enxugando as mãos e a boca numa toalha de papel próxima. Uma coisa que aprecio bastante é uma reunião de pessoas gentis e verdadeiras. Não quer juntar-se a nós? Se bem que... ser verdadeiro não é o seu forte.

As sobrancelhas grossas e negras do homem ficaram arqueadas e os olhos pareciam que iam saltar da face, dando-lhe um ar de ódio ainda mais espectral.

– Senhorita, você é nova por aqui e ainda não conhece as regras do castelo. Não é permitido que os integrantes do comando e especialmente da família real façam as refeições junto aos empregados. Temos salas de refeições adequadas e destinadas a isso, em horários já previstos nas normas.

Zelda se levantou calmamente, carregando a própria louça até a pia.

– Posso saber quem criou essas normas?

– É uma regra que faz parte do cerimonial do castelo. É algo básico e lógico. Se a senhorita tivesse algum “traquejo social” saberia disso.

Os empregados se entreolharam e abaixaram a cabeça, desconcertados com o bate-boca inesperado daquela natureza, ainda mais com o comandante que todos temiam.

– Pois então fica decretado daqui pra frente que essas regras “básicas e lógicas” ficam suspensas. Eu vou comer na hora em que tiver fome e isso vale para qualquer um que morar ou trabalhar neste castelo. Precisa assinar alguma coisa?

O silêncio foi profundo e a impressão que se teve é que o homem iria explodir de raiva. Mas não foi isso o que aconteceu. Visivelmente contrariado, virou-se rapidamente e saiu sem fazer qualquer barulho, assim como tinha entrado.

Zelda respirou fundo enquanto todos a olhavam aliviados.

– Se me derem licença, tenho um reino a visitar. Adorei conhecer todos vocês. Pierre, muito mais ainda a sua comida. – Todos sorriram e ela completou – Espero que qualquer dia desses a gente continue a nossa troca de receitas – disse antes de sair.

Milena saiu com ela no início da tarde. Estavam sentadas em um banco à beira do lago e a princesa falou o quanto estava ansiosa com a partida de Eunice. Queria poder telefonar para a mãe, mas a camareira achava que a linha de telefone poderia ter sido interceptada por Olix.

– Isso soa muito lógico, você não acha?

Zelda concordou e lamentou o fato de não haver telefones celulares em Constantyna.

– Engraçado, aqui é como se fosse mais organizado e, ao mesmo tempo mais atrasado que Constantina. – Disse depois de explicar a Milena como funcionavam os telefones móveis na Terra.

– Você tem certeza, Zelda? Todo mundo tem um aparelho individual e que pode ser levado a qualquer lugar?

– Sim, eu te disse. Até as pessoas com menos dinheiro podem comprar um.

A camareira sorriu.

– Queria conhecer esse lugar de onde você veio e saber mais o que tem lá de diferente.

Zelda ficou pensativa.

– O que tem de melhor lá na Terra eu não vou ver nunca mais.

Milena simulou um “sinto muito”, mas preferiu não arriscar. Ao invés disso, perguntou como ela estava se sentindo.

– Eu só posso dizer que chega de chorar! Tenho que ser forte e enfrentar o que vem pela frente. Olix não é um chefezinho mal humorado... ele é muito mais do que isso... ele é mau, é perigoso e, o pior, poderoso... Eu tenho que

estar atenta. Ontem, depois que voltei ao castelo, decidi me tornar outra pessoa. A Zelda sensível e emotiva morreu, Milena. Aqui na sua frente tem uma garota que apesar de jovem, precisa tomar decisões de adulto. E é isso o que irei fazer. Ficar chorando por causa do Pedro e do meu pai só vai fazer com que o Olix se torne ainda mais forte. Tenho uma guerra pela frente e não irei fugir dela.

Milena ficou surpresa. Em pouco tempo Zelda parecia outra pessoa, muito mais forte e decidida. Queria poder dizer que a princesa estava errada, que poderia relaxar e ser ela mesma, mas sabia que isso estava fora de cogitação. Agora, a luta estava armada.

Apesar de estar preocupada com a mãe, Zelda estava cansada e dormiu a noite inteira. No dia seguinte cedo, logo ao acordar pediu a Milena que fosse à Casa dos Lírios em busca de notícias. Na volta, já perto do horário do almoço, Milena contou que Tales cumpriu o prometido. Ele e o amigo levaram Eunice até a camionete do rapaz e uma vez na praça, novamente a carregaram até perto da chave. Ane estava junto e esticou o braço da princesa até o objeto sem, contudo, tocá-lo, como Zelda havia alertado. Em segundos, ouviram um leve estrondo e Eunice desapareceu no ar. Depois disso, Ane ficou na Casa dos Lírios para prolongar ao máximo a ideia de que nada aconteceu de diferente. Iria aproveitar as horas de folga para visitar a mãe doente que morava em outro condado.

Satisfeita pelo plano de Tales ter dado certo e pelo fato da mãe estar em segurança, a garota teve o ânimo renovado e conheceu mais um pouco dos arredores do castelo. Conversou com muitos trabalhadores do campo e percebeu o quanto poderia modernizar a agricultura fazendo parcerias com os demais reinos. Percebeu que era possível implantar muitas das melhorias que o povo pedia porque faltava apenas vontade de fazer, e isso ela descobriu que tinha de sobra. Decidiu, pedalando a bicicleta branca, que tinha uma missão da qual não poderia fugir. Por isso, voltou ao castelo determinada a marcar a data da coroação para dali a poucos dias.

Nádia ficou encarregada de organizar a cerimônia, que seria composta pela coroação propriamente dita durante o dia e um baile de gala à noite. Zelda fez questão de saber de tudo, inclusive quais as comidas que seriam servidas e ficou zangada quando soube que o povo não seria diretamente convidado.

Apenas alguns representantes comunitários e religiosos, os secretários de governo e dirigentes dos reinos vizinhos iriam participar dos festejos, de acordo com o cerimonial. Numa reunião marcada às pressas, Zelda mudou o planejamento e determinou que todos os moradores do reino fossem convidados para a cerimônia de coroação. Depois foi pessoalmente à cozinha alertar para que Pierre preparasse um *buffet* para todas as pessoas que estivessem presentes, sem exceção.

Tão logo soube da determinação, Olix ficou possesso e alegou que seria um custo muito grande, mas a garota não mudou de ideia.

– Sou a princesa, esqueceu Olix?

O homem parecia ainda mais perigoso quando a encarava sob a luz do dia.

– Se continuar assim, não por muito tempo.

– Exatamente o que você quer dizer com isso? – Disse encarando-o firmemente, apesar da pequena estatura em relação a ele.

– Estou afirmando que se você acabar com o reino, não terá nada o que governar...

– É, pode ser. Talvez as pessoas fiquem mais felizes sem reino, sem uniformes ridículos, sem um chefe das armas autoritário – ela disse comprando a briga.

Olix se afastou sem qualquer cumprimento, como sempre fazia quando era contrariado, e ela ficou pensativa. Mais tarde, na suíte real, imaginou como a família teria reagido ao reencontrar Eunice. Estava triste, porém feliz por ter salvado a mãe.

Uma semana se passou e Zelda estava conversando com Nádia sobre a solenidade da posse quando Olix entrou na suíte real sem sequer bater à porta. Os olhos dele irradiavam tanto ódio que ela sentiu um arrepio percorrendo a espinha dorsal.

– Onde está a minha esposa? – perguntou ríspidamente.

– Você quer dizer a minha mãe.

– Que seja! Onde você a escondeu?

– Eu não a escondi – ela respondeu olhando-o firmemente enquanto Nádia não sabia o que fazer.

– Saia, Nádia. Preciso falar com essa... moça.

Nádia ficou indecisa antes de se dirigir à porta e Zelda a instruiu:

– Pode ir Nádia. Mantenha tudo como combinamos.

Olix olhou para a administradora do castelo com extrema insatisfação e ela baixou o olhar, saindo em seguida.

– Não pense que sou como todos daqui, que morrem de medo de você.

– Ele a fitou com sarcasmo.

– É mesmo? Longe de mim querer causar medo à minha enteada.

– Que ótimo! Então devo entender que está tudo bem e devo prosseguir com os projetos de melhoria para Constantyna.

Ele praticamente não ouviu.

– Onde está Eunice? Saiba que vou encontrá-la de qualquer jeito.

A garota o fitou desafiante.

– A menos que...

Ela apenas sorriu.

A pele muito branca do homem ressaltou mais ainda as profundas olheiras e o seu olhar gelado pousou sobre a princesa.

– Você a mandou de volta para a Terra no último dia de abertura do portal.

Zelda não respondeu diretamente, mas o seu ar de tranquilidade disse tudo.

– Você não podia ter feito isso! Ele gritou num tom áspero e estridente. Sua mãe tinha que estar aqui!

– É mesmo? Para morrer sem que ninguém pudesse fazer nada por ela?

– Você não sabe onde se meteu, princesa!

Zelda sentiu um calafrio quando percebeu a respiração raivosa do homem à sua frente. Dava para medir a extensão do ódio que sentia por ela quando a olhou dos pés à cabeça.

– Se me der licença, comandante... – Disse saindo despreocupadamente de perto dele.

A coroação

O dia marcado para a coroação amanheceu claro e brilhante. Zelda tomava uma caneca de achocolatado – preparada especialmente por Pierre que completou o pedido com alguns pães de queijo queimados embaixo, como ela gostava, – e ficou olhando pela grande vidraça da suíte enquanto os empregados se encarregavam dos preparativos no jardim da fonte. Cadeiras e mesas com toalhas brancas e arranjos de flores coloridas foram dispostas sobre o gramado para que todos pudessem assistir a cerimônia com conforto. No pátio de pedras, o local propriamente dito da coroação, o centro do piso foi marcado com um tapete vermelho onde foi colocado o trono dourado onde todos os demais antepassados de Zelda haviam se sentado, reinado após reinado.

O local tinha espaço suficiente para dezenas de cadeiras dispostas em semicírculo destinadas aos convidados mais ilustres e aos chefes de outros reinos. O clima era de alegria em todos os cantos do castelo, com exceção da torre leste, onde Olix havia se recolhido desde o dia anterior, acompanhado por Herbert, o assessor particular.

Milena bateu à porta e entrou trazendo dois vestidos de festa que foram colocados sobre a cama.

– O que é isso?

– São os vestidos para você usar no baile e na coroação.

– Ah Milena, tudo isso é bobagem. Eu posso usar um vestido mais simples mesmo. Têm vários no *closet*...

A camareira a olhou com ansiedade.

– Zelda, no *closet* não tem um vestido adequado para a coroação.

– Olha aqui, Milena, as pessoas vão entender que eu sou uma pessoa comum. E vão gostar de mim ou não, do jeito que eu sou!

A moça abaixou a cabeça, e pediu licença para se retirar.

– Desculpe, princesa Zelda. Não queria importunar. – Disse fazendo uma completa reverência.

– Porque essa formalidade toda?

– Nada, eu apenas me dei conta de que a sua vontade é soberana. Só isso.

– Todo mundo tem o direito de exercer a própria vontade, não acha?

– Bem... depende do ponto de vista e do poder de cada um.

– Você está sendo injusta. Se tem uma pessoa que nunca fez questão de exercer o poder, sou eu.

Milena apontou para o lado de fora. Muitas pessoas chegavam e ocupavam humildemente as cadeiras oferecidas. Apenas as crianças pareciam à vontade, brincando de correr em volta da fonte.

– O que você vê?

– As pessoas chegando para a coroação.

– E quantas vezes você acha que pessoas simples como eu e como eles teremos oportunidade de ser convidados para uma solenidade como essa?

Zelda enrubesceu. Estava entendendo aonde Milena queria chegar.

– Você não acha que eles merecem o melhor?

A garota deixou-se cair sentada na cama.

– Desculpe, eu estou muito ansiosa. Além disso, acho que não dormi muito

bem... Você tem razão. Mostra os vestidos.

Apesar de a camareira alertar que o maravilhoso vestido azul celeste com decote “V” rebordado com centenas de pequenos brilhantes no busto e na barra da saia rodada era destinado ao baile de gala, ela fez questão de usá-lo durante o dia para que todos os súditos pudessem vê-la no traje mais bonito.

Nádia e Milena fizeram um penteado prendendo algumas mechas do cabelo no alto da cabeça e deixando os cachos soltos de forma a emoldurar o rosto de Zelda, que optou por manter no pescoço o colarzinho de prata com um pequeno cristal em forma de coração que ganhou de Ângelo como presente de 15 anos e do qual nunca se separava.

Milena ajudou-a finalizar a produção com uma maquiagem leve e sandálias prateadas.

– Você está linda! Uma verdadeira princesa!

As duas sorriram e Zelda pensou que dali a poucos minutos a sua vida mudaria por completo de uma vez por todas, completamente diferente da última vez em que havia se arrumado para uma festa com a ajuda de Cíntia. Pedro e sua família também estavam cada vez mais distantes e, de certa forma, ela já estava conformada quanto a isso.

Finalmente, soaram as trombetas. As pessoas fizeram um silêncio profundo e o cerimonial do castelo anunciou a entrada daquela que seria coroada a nova princesa de Constantyna. Zelda entrou deslumbrante no pátio. Os cristais da saia brilhavam e mudavam de cor conforme a garota se movimentava, fazendo com que o vestido ora parecesse azul, ora prateado ou cor-de-rosa. Tudo dependia do reflexo do sol.

A multidão aplaudiu de pé quando ela foi convidada pelo chefe do cerimonial a se sentar no trono que seria seu dali em diante. Postado na primeira fileira de cadeiras, Olix a encarava fixamente, mas ela mantinha firme o propósito de não se deixar abalar pela energia densa do comandante.

Após a apresentação da orquestra e a chamada do cerimonial, ela ouviu as palavras de praxe ditas pelo presidente do conselho de Constantyna, um

senhor de cabelos brancos e olhar seguro. Em seguida, ele tocou levemente os ombros de Zelda com a ponta da espada de prata que ficava exposta no salão principal do castelo e, por fim, pôs a coroa de diamantes de Constantyna sobre a cabeça da garota que era a mais jovem princesa do reino até aquele momento.

A multidão foi ao delírio e aplaudiu durante vários minutos quando Zelda terminou o primeiro pronunciamento de sua vida. Dirigindo-se a todos os súditos sem distinção, ela falou sobre as dificuldades que as pessoas mais humildes enfrentavam e disse que o seu reinado promoveria a justiça e a igualdade de oportunidades entre todos, independente da classe social. Ao final, disse que jamais dormiria tranquila até que todas as famílias de Constantyna tivessem pelo menos o mínimo de conforto e de alimento sobre a mesa.

Todos vibraram ainda mais, quando a jovem fez o juramento protocolar ao microfone: “Eu, Zelda Maria Silva Sales de Mendonça, assumo o trono de Constantyna e regiões que integram esse reino, com a promessa de honrar e proteger o meu povo e lutar pela manutenção eterna dos nossos valores que são a lealdade, a justiça e a paz. Que a coroa real jamais seja maculada e, se isso acontecer, abrirei mão da minha própria vida em benefício dos meus súditos. Assim prometo”.

A plateia foi ao delírio e tiveram início os cumprimentos protocolares ao som da orquestra, que fez uma homenagem tocando as músicas oficiais do reino e também do gosto da nova princesa. Zelda contrariou o cerimonial descendo até o jardim onde o povo a recebeu com muitos abraços e felicitações. As crianças seguravam a barra do vestido da nova princesa, que se abaixava gentilmente para ser beijada por elas e tirar fotografias. Apesar do cansaço, a menina não saiu de cena e cumprimentou um a um aos súditos que quiseram conhecê-la pessoalmente.

Somente bem mais tarde, quando todos foram embora, ela recolheu-se à suíte observada de longe por Olix, que literalmente espumava de raiva sem ser percebido pelos convidados. Era o fim da celebração durante o dia e ela constatou que Milena teve razão ao insistir para que ela estivesse bonita, porque pôde ver nos rostos das crianças o quanto ficaram felizes e orgulhosas com a nova princesa.

A partir daí, Zelda praticamente não teve tempo para descansar. Depois de um banho e um novo vestido, penteado e maquiagem, o baile teve início com a descida da princesa pela escadaria, sendo que Tales a recebeu no último degrau e conduziu-a para a valsa. Dessa vez, a garota usava um vestido de seda verde-escuro e decote tomara que caia, além de do cabelo preso para ressaltar uma tiara de pérolas com brilhantes que fora de sua mãe. A saia ampla a deixava ainda mais linda ao rodopiar nos braços do rapaz que claramente estava encantado por ela.

Olix, como sempre vestido com um traje preto, levantou uma taça e a mirou fundo quando casal passou perto dele ao som dos últimos acordes.

– Ainda não agradei o que você fez pela minha mãe – disse a Tales.

– Não foi nada. Fiz o que deveria ter feito.

– Não é assim... você se arriscou. O Olix é o sujeito mais maligno que conheço e você se arriscou a chamar para si o ódio dele fazendo o que fez.

– Zelda... – Tales parecia embaraçado, mas queria conversar com ela, quando percebeu que a garota não estava bem.

– Vamos ao pátio para você poder tomar um pouco de ar – indicou, enquanto a princesa gemeu baixinho com uma forte dor no peito.

Ela achou que talvez pelo cansaço natural ou pela emoção da coroação, estava sentindo tontura e falta de ar. Sentou-se com a ajuda do rapaz, que saiu apressado em busca de ajuda.

Alguns minutos se passaram até que Olix se aproximasse.

– Ora, ora. Se não é a nossa nova princesa doentinha... ainda não a reverenciei a contento... – disse sarcasticamente.

– Dá licença, Olix. Preciso voltar para a festa – ela respondeu se levantando devagar.

Tudo girava ao redor e Zelda viu aliviada quando Tales surgiu acompanhado por Pierre, que se mostrava bastante preocupado. O cozinheiro fez questão de

trazer pessoalmente uma taça com água para a princesa, observado com muita raiva por parte de Olix.

O homem dirigiu um olhar pouco amistoso aos dois e em seguida disparou:

– Tales, querido sobrinho, é uma alegria revê-lo.

– Vocês são parentes? – Zelda perguntou completamente sem forças.

– Não sabia princesa? A mãe de Tales é minha irmã!

Sem responder, ela sentiu uma tontura ainda mais forte e desmaiou nos braços do rapaz.

...

Essa história continua no livro 2:

Lua Azul e a Luta Contra o Medo.

Até lá!